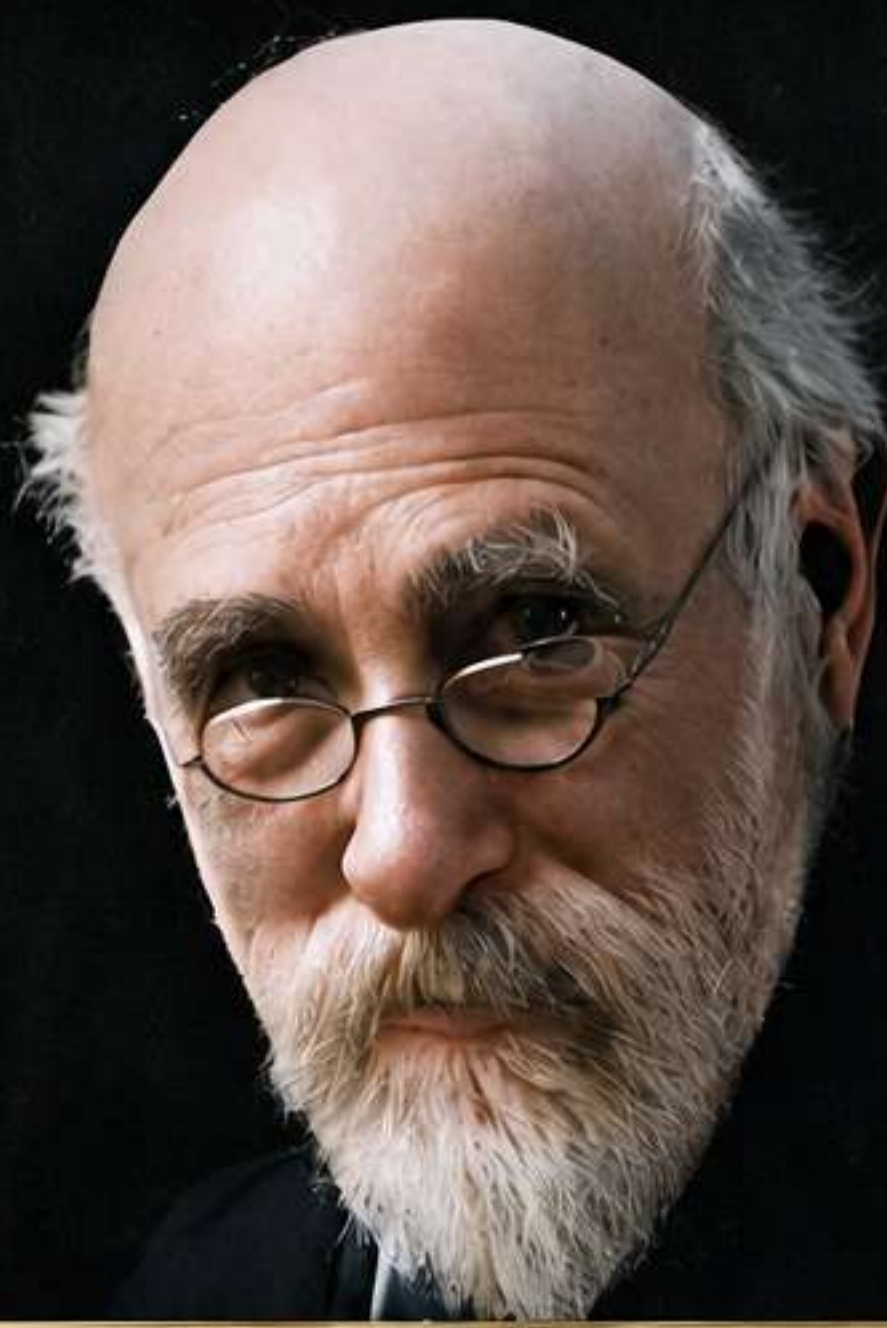




A PERSONALIDADE SOBREVIVE À MORTE

FLORENCE BARRETT

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO



A PERSONALIDADE SOBREVIVE À MORTE

Lady Florence Barrett

Sir William Fletcher Barrett (10 de fevereiro de 1844 – 26 de maio de 1925) foi um dos pioneiros da investigação psíquica. Partiu de Barrett a ideia de fundar a *Society for Psychical Research* (SPR) em Londres, em 1882. No entanto, visto que Barrett residia em Dublin, na Irlanda, por essa altura, não lhe foi possível participar ativamente na gestão da Sociedade. Deixou essa tarefa a cargo de três académicos de Cambridge: Henry Sedgwick, Frederic W. H. Myers e Edmund Gurney. Barrett também incentivou o Professor William James, de Harvard, a organizar o ramo americano da SPR em 1884. Editou o *SPR Journal* entre 1884 e 1899 e exerceu o cargo de presidente da SPR em 1904.

Nascido na Jamaica, nas Índias Ocidentais Britânicas, Barrett mudou-se para Inglaterra durante a juventude e estudou sob a direção do famoso físico John Tyndall, de quem foi assistente de 1862 a 1867. Lecionou física na *Royal School of Naval Architecture* antes de se tornar professor de física no *Royal College of Science* em Dublin, em 1873. Lecionou nesta instituição durante 37 anos, reformando-se em 1910, e recebeu o título de cavaleiro (*sir*) em 1912.

In 1899, Barrett desenvolveu uma liga de ferro-silício conhecida como *stalloy*, utilizada no desenvolvimento comercial do telefone e de transformadores, e realizou também investigações pioneiras sobre a visão entóptica, que conduziram à invenção do entoptoscópio e de um novo optómetro. Foi membro da *Royal Society*, da *Philosophical Society*, da *Royal Society of*

Literature, bem como do *Institute of Electrical Engineers* e da *Royal Irish Academy*.

Barrett começou a interessar-se pelos fenómenos psíquicos em 1874, após tomar conhecimento das investigações do prestigiado cientista William Crookes (mais tarde Sir William) com médiuns. «De facto, iniciei toda a investigação destes fenómenos convencido de que [a observação deficiente ou a alucinação] era a sua verdadeira explicação, e só depois de estender esta hipótese a limites ilegítimos é que verifiquei que os factos reais desmentiam completamente a minha teoria», explicou Barrett sobre as suas perspetivas iniciais.¹

Com 29 anos, Barrett começou a fazer experiências com a hipnose, mais popularmente conhecida como «mesmerismo» na época. Observou uma jovem que, sob hipnose, identificou corretamente uma carta de jogar retirada à sorte de um baralho e colocada no interior de um livro que lhe tinha sido posto junto à cabeça. Observou também outra pessoa hipnotizada identificar corretamente catorze cartas retiradas ao acaso de um baralho. Como cientista, considerou tais resultados muito perturbadores. Contudo, ao passo que muitos dos seus colegas cientistas simplesmente troçavam de tudo o que fosse paranormal, Barrett mantinha a mente aberta e estava determinado a encontrar uma explicação racional e científica.

Conforme explicou no seu livro de 1917, *On the Threshold of the Unseen*, as suas teorias prévias começaram realmente a desmoronar-se em meados de 1876, quando um proeminente solicitador (advogado) inglês chamado Clark passou o verão numa residência próxima da sua, em Dublin. A filha de Clark, Florrie, de 10 anos, produzia vários fenómenos paranormais, incluindo levitações e «batidas» espirituais que soletravam mensagens de uma «inteligência» que se autodenominava «Walter».

Em resultado das suas experiências de hipnose e da sua investigação com Florrie Clark, Barrett preparou um artigo para apresentar à *British Association for the Advancement of Science*. A Associação rejeitou o artigo, bem como o pedido de Barrett para o apresentar oralmente ao grupo. Depois de Crookes, Alfred Russel Wallace (co-autor, com Charles Darwin, da teoria da evolução por seleção natural) e Lord Rayleigh terem protestado contra a decisão da Associação, Barrett recebeu autorização para apresentar o artigo, mas não para o publicar.

Barrett prosseguiu a sua investigação com outros médiuns, incluindo Hester Travers Smith, Gladys Osborne Leonard, Kathleen Goligher e Geraldine Cummins. No seu livro de 1917, recordou a sessão com Goligher, que estava a ser estudada na altura pelo Dr. William Crawford, da *Queen's University*. A sessão envolveu um pequeno círculo familiar reunido numa sala iluminada pela chama brilhante de um bico de gás no interior de uma lanterna. «Sentaram-se em redor de uma mesa pequena com as mãos unidas, mas sem que ninguém tocasse na mesa», explicou Barrett. «Muito em breve surgiram batidas e foram soletradas mensagens à medida que um de nós repetia o alfabeto em voz alta.

De repente, as batidas aumentaram de violência e, após receberem incentivo, ecoou um estrondo tremendo que estremeceu a sala e se assemelhou ao golpe de uma marreta numa bigorna. Uma trombeta de folha que tinha sido colocada debaixo da mesa projetou então a sua extremidade mais estreita mesmo por baixo do tampo da mesa, perto do sítio onde eu estava sentado.

Autorizaram-me a tentar apanhá-la, mas ela escapou a todas as minhas tentativas da forma mais divertida; a médium, do lado oposto, permanecia perfeitamente imóvel, enquanto, a meu pedido, todos ergueram as mãos unidas para que eu pudesse ver que ninguém tocava na trombeta, que brincava às escondidas

comigo. Ocorreram sons semelhantes ao serrar de madeira, ao ressaltado de uma bola e outros ruídos que eram inexplicáveis.»²

A mesa começou então a elevar-se do chão cerca de 18 polegadas e permaneceu suspensa no ar. «Autorizaram-me a aproximar-me da mesa e vi claramente que ninguém lhe tocava, havendo um espaço livre a separar os participantes da mesa», continuou Barrett na sua explicação. «Tentei empurrar a mesa para baixo e, embora tivesse exercido toda a minha força, não o consegui fazer; depois, subi para a mesa e sentei-me nela, com os pés afastados do chão, momento em que fui balançado de um lado para o outro e, por fim, derrubado.

A mesa, por iniciativa própria, virou-se então ao contrário, sem que ninguém lhe tocasse, e tentei erguê-la do chão, mas não se moveu, parecia aparafusada ao pavimento. A meu pedido, as mãos unidas de todos os participantes tinham sido mantidas erguidas acima das suas cabeças, e eu podia ver que ninguém tocava na mesa. Quando desisti de tentar erguer a mesa invertida do chão, ela endireitou-se novamente por iniciativa própria, sem que ninguém a ajudasse. Surgiram então numerosos sons que demonstravam uma inteligência divertida e, após cada indivíduo presente ter sido saudado com algumas batidas de despedida, a sessão terminou.»³

Barrett afirmou que não conseguia imaginar como o mais hábil prestidigitador teria sido capaz de realizar o que ele testemunhara, especialmente porque lhe parecia claro que não existiam aparelhos complexos na sala. Além disso, o Dr. Crawford observara o círculo de Goligher durante seis meses ou mais antes destas observações. «Que existe uma inteligência invisível por trás destas manifestações é tudo o que podemos dizer, mas essa é uma afirmação tremenda e, a ser admitida, destrói toda a base do materialismo», acrescentou Barrett.⁴

Durante os seus 50 anos de estudo dos fenómenos psíquicos, Barrett observou quase todos os tipos de mediunidade. Nas suas

reminiscências lidas numa reunião privada da SPR a 17 de junho de 1924, a menos de um ano da sua morte, Barrett declarou: «Estou pessoalmente convencido de que as provas que publicámos demonstram decididamente (1) a existência de um mundo espiritual, (2) a sobrevivência após a morte e (3) a comunicação ocasional da parte daqueles que já partiram.... É, no entanto, quase impossível transmitir a outros que não tenham tido uma experiência semelhante uma ideia adequada da força e do poder cumulativo das provas que compeliram a [minha] crença.»⁵

Barrett é também lembrado pelo seu estudo da radiestesia e das visões no leito de morte. O seu livro, *Deathbed Visions*, publicado pela primeira vez em 1926, no ano seguinte ao da sua morte, continua a ser popular nos dias de hoje. Apresenta uma série de relatos intrigantes nos quais uma pessoa moribunda parece ver e reconhecer algum familiar ou amigo falecido, incluindo alguns casos em que o moribundo desconhecia a morte prévia da forma espiritual que vê.

«Estes casos constituem, talvez, um dos argumentos mais convincentes a favor da sobrevivência após a morte, já que o valor probatório e o carácter verídico destas visões dos moribundos saem grandemente reforçados quando se estabelece de forma inegável que a pessoa moribunda ignorava por completo o falecimento da pessoa que vê de modo tão vívido», afirmou Barrett na Introdução.⁶

Algumas semanas após a sua morte, a esposa de Barrett, Lady Florence Barrett, uma proeminente cirurgiã obstétrica e diretora da *London School of Medicine for Women*, começou a receber mensagens muito probatórias de Sir William através da mediunidade da Sra. Leonard. Ao longo dos onze anos seguintes, reuniu-se com a Sra. Leonard de poucos em poucos meses, tirando notas textuais à medida que Sir William comunicava. Recebeu também mensagens probatórias de vários outros médiuns. Este livro, *Personality Survives Death*, publicado pela

primeira vez em 1937 por Longmans, Green and Co., de Londres, resultou dessas sessões.

Lady Barrett perguntou a Sir William como poderia ela convencer as pessoas de que estava realmente a falar com ele. Ele respondeu que tal dependia do tipo de mentalidade, comentando que a referência a um rasgão no papel de parede do seu antigo quarto poderia satisfazer algumas pessoas e outras não. Lady Barrett observou que, um mês antes da sua morte, ele apontara para um rasgão no papel de parede num canto do seu quarto. Sir William disse então que algumas mentalidades mais elevadas já ultrapassaram de longe a necessidade de verificações tão triviais, mencionando outro distinto físico britânico, ainda em carne e osso, Sir Oliver Lodge. «Lodge está mais perto do aspeto maior e mais grandioso das coisas do que a maioria», afirmou.⁷

Sir William explicou ainda que o seu objetivo ao comunicar com a esposa não era simplesmente aumentar a massa de provas já existentes a respeito da sobrevivência da consciência na morte, mas sim ajudar a encontrar uma filosofia prática que guie aqueles que, na Terra, lutam por encontrar um propósito na vida. «Do sítio onde me encontro, parece-me que a maioria das pessoas nem sequer luta, mas caminha à deriva, sem rumo, cegamente, porque não dispõe de uma filosofia definida como ponto de partida», comunicou.⁸

Continuou, afirmando que o conhecimento da vida além-túmulo abre as portas da inspiração e torna a intuição mais apurada. Com isso surge um maior entusiasmo, uma maior compreensão das belezas da vida, e até a percepção da beleza onde antes parecia existir fealdade.

«A vida do meu lado parece extraordinariamente fácil em comparação com a Terra», referiu Sir William numa sessão de 1929, «porque vivemos simplesmente de acordo com as regras do amor».⁹

Michael Tymn,

Prefácio

Pelo Cónego R. J. Campbell, D.D.

O conteúdo deste pequeno volume consiste quase inteiramente naquilo que se pretende que sejam comunicações do falecido Sir William Barrett, F.R.S., para a sua esposa, através da mediunidade da Sra. Osborne Leonard. Como tal, são dignas da atenção séria de um público inteligente e culto, em parte devido à sua presumível origem e em parte devido ao seu tema.

Estes escritos não estão sujeitos à censura de trivialidade que tantas vezes e com tanta justiça se faz contra as mensagens pretensamente espiritualistas. Podem resistir ao teste de uma investigação crítica com base nas suas próprias provas internas, e as condições em que foram produzidos foram da mais rigorosa precisão científica.

A registadora, Lady Barrett, não é uma pessoa fácil de enganar, em particular no que se refere a um assunto tão vital como a identidade do comunicante com a personalidade do seu falecido marido, e menos ainda na verosimilhança das declarações aqui registadas quando comparadas com as formas de se exprimir de Sir William perante aqueles que o conheciam bem durante a sua vida terrena.

O seu prestígio profissional é testemunho suficiente da sua competência a este respeito. A sua mente possui um intelecto perspicaz e cientificamente treinado: atingiu a mais alta distinção na sua profissão e ocupou os cargos de maior responsabilidade nesta área para os quais as mulheres são elegíveis. Não preciso de dizer mais sobre este ponto.

Qualquer leitor que se dê ao trabalho de se familiarizar com os factos salientes da distinta carreira profissional e pública de Lady Barrett concordará que seria difícil encontrar alguém mais capaz e escrupuloso a tomar notas e a avaliar o valor daquilo que

aqui se oferece ao mundo. Ela honrou-me ao pedir-me que escrevesse um prefácio para aquilo que passou a considerar um material com importância suficiente para ser visto como algo mais do que de mero interesse privado.

Cumpro o pedido de boa vontade, pois dá-me a oportunidade de prestar uma homenagem de respeito e afeto à memória de um homem com quem tive o privilégio de manter uma estreita intimidade pessoal durante muitos anos. Do ponto de vista da investigação psíquica, as minhas credenciais são menos seguras, mas não são inteiramente negligenciáveis. Sou associado da *Society for Psychical Research* há cerca de trinta e cinco anos, embora em todo esse tempo só tenha assistido a uma reunião da Sociedade. Inscrevi-me nela para obter e estudar as *Proceedings* mês a mês, e creio que posso afirmar, sem presunção, que o fiz de forma bastante minuciosa.

Mas é principalmente ao próprio Sir William Barrett que devo o facto de ter mantido o meu interesse pelo assunto e de ter chegado a partilhar da sua conclusão de que, por mais difíceis, desconcertantes e esquivos que os fenómenos de que trata sejam, sem dúvida, eles fornecem a prova positiva de que o homem é mais do que aquilo que se pode explicar em função da sua organização física.

Acredito também, tal como Sir William, que a comunicação ocorre ocasionalmente entre os vivos e os chamados mortos. A investigação psíquica é, deste modo, capaz de prestar um bom serviço à religião, embora não a substitua, como ninguém apontou de forma mais firme e consistente do que o próprio Sir William Barrett, repetidas vezes.

Durante toda a sua vida adulta, foi um cristão devoto e fervoroso e faleceu como comungante da Igreja de Inglaterra. Da sua eminência como homem de ciência não há necessidade de escrever, mas também não se deve esquecer esse facto ao lançar um livro deste género, que pode cair nas mãos de alguns que

ignoram as suas importantes contribuições para o conhecimento científico e a sua aplicação prática à indústria.

Enquanto Professor de Física no *Royal College of Science* em Dublin durante quase quarenta anos, tornou-se conhecido pelas suas investigações sobre chamas sensíveis, e foi o descobridor da liga à qual deu o nome de «stalloy», e que tem sido de grande e crescente utilidade para a engenharia eletrotécnica.

As suas investigações e experiências em ligas de ferro continuaram por muitos anos com enorme benefício para a invenção e a atividade metalúrgica, nomeadamente na aplicação do composto de níquel-ferro, atualmente designado por «permalloy», no revestimento de cabos submarinos de longa distância. Noutro campo, o da visão entóptica, o seu trabalho pioneiro, paciente e bem-sucedido, conduziu à invenção do entoptoscópio e de um novo tipo de optómetro.

Não é tão conhecido como deveria ser o facto de aquilo que Sir William acrescentou ao conhecimento científico sobre as propriedades magnéticas e elétricas de certas ligas ter tido uma influência considerável no desenvolvimento da telefonia em todos os seus ramos. Este é apenas o resumo mais breve possível das suas realizações no seu próprio departamento da ciência, mas é suficiente para mostrar que as suas qualificações como investigador de qualquer tipo de fenómenos eram de ordem elevada.

O seu interesse pela investigação psíquica data de há muito tempo. Ouvi-o afirmar que este surgiu, em primeira instância, da sua experiência como físico. Constatou que o fator psíquico colidia constantemente com o seu conhecimento familiar do funcionamento das leis que regem os factos materiais. Já em 1872 ou 1873 se tinha convencido de que o fator psíquico na evolução não podia ser ignorado e teria de ser tido em conta em qualquer esforço rigoroso para compreender o desenvolvimento da vida e da mente neste planeta. Foi em 1874 que abraçou o assunto de

forma séria e sistemática, estimulado pelas revelações do Professor (mais tarde Sir William) Crookes relativas às suas experiências com Florence Cook.

Algumas experiências diretas de fenómenos supernormais por parte do próprio Barrett conferiram força adicional àquilo que ouvira de Crookes, e levaram-no a rever a sua teoria anterior de que Crookes poderia ter sido levemente hipnotizado ao fazer as suas extraordinárias observações.

Esta mudança de atitude foi seguida pela decisão audaciosa de Barrett de ler um artigo perante a *British Association* em Glasgow, em 1876, detalhando as suas experiências pessoais de alguns fenómenos bizarros semelhantes aos registados por Crookes, embora não tão abertamente desafiadores.

Como é agora bem sabido, este artigo não foi recebido de forma mais favorável do que o de Crookes fora, e a Associação recusou-se a imprimi-lo. O objetivo do artigo era obter apoio, se possível, para a nomeação de um comité científico que averiguasse e informasse sobre a validade ou não daquilo que hoje se designa habitualmente por fenómenos psíquicos.

Falhou no momento, mas em 1881 Barrett tomou a iniciativa de fazer nascer a *Society for Psychical Research*, cujo primeiro presidente foi o eminente Professor Sidgwick, e cujos membros mais ativos por um longo período foram F. W. H. Myers e Edmund Gurney. A Sociedade foi efetivamente constituída em janeiro de 1882. Numa data muito posterior, Barrett tornou-se o principal dinamizador do estabelecimento de sociedades semelhantes no Canadá e nos Estados Unidos da América.

Desde o início, a sociedade britânica foi feliz pela quantidade de homens excecionalmente distintos que participaram nas suas deliberações. Entre estes contavam-se o Sr. A. J. Balfour (mais tarde Conde Balfour) e o seu irmão, o atual Conde. O Sr. Gladstone foi membro honorário e expressou-se, num dito

frequentemente citado, como convicto de que o trabalho que a Sociedade tentava realizar era de transcendente importância.

Aquando da morte do grande estadista em 1899, o Conselho da S.P.R. elegeu Barrett como membro honorário em sua sucessão, um elogio que Barrett sempre considerou um dos mais gratificantes que alguma vez recebeu. A carta de Myers que transmitia a notícia diz o seguinte:

Meu caro Barrett, o Bennett ter-te-á informado oficialmente de que o Conselho da S.P.R. te elegeu por unanimidade como sucessor de Gladstone como Membro Honorário; mas quero acrescentar a minha expressão pessoal de prazer por ter podido participar neste merecido elogio. Que o teu nome figure por muito tempo na nossa primeira página! A primeira página da Sociedade que tu, mais do que ninguém, fundaste.

Teu de sempre,
F. W. H. Myers.

Entre os distintos homens de ciência que deram o seu apoio ao novo projeto, nenhum foi mais calorosamente estimado do que o Professor G. J. Romanes. Numa carta autógrafa, datada de 8 de dezembro de 1882, Romanes diz a Barrett:

Se os alegados fenómenos forem verdadeiros [frase sublinhada por Romanes], considero inquestionável que seriam da maior importância para a ciência e a filosofia do nosso tempo; e, por conseguinte, por paridade de raciocínio, na medida em que sejam considerados possivelmente verdadeiros, nessa mesma medida a investigação da sua veracidade se torna importante.

Numa carta anterior (28 de outubro), Romanes afirma:

Gostaria muito de me juntar à vossa Sociedade, se ao fazê-lo pudesse ter acesso a qualquer um dos vossos comités de investigação. Trabalharia bem e sem preconceitos, pois fiquei muito impressionado com todo este assunto e sinto que, para mim, assumiu mais importância do que qualquer outro.

Houve tentativas anteriores de género semelhante que alcançaram pouco valor permanente. A *Psychological Society*, fundada em 1875, da qual o Serjeant Cox era uma das figuras principais, deveu o seu início ao interesse despertado num círculo limitado pelas experiências supernormais do Professor Crookes naquilo que ficou conhecido como a série «Katie King», sendo o seu próprio laboratório a sala de sessões e a jovem Florence Cook a médium para a produção dos fenómenos sob exame. Esta sociedade deixou de existir em 1879, talvez porque o seu âmbito não tivesse sido suficientemente bem definido. Um quarto de século antes, um esforço esporádico semelhante fora feito por iniciativa do Rev. B. F. Westcott, mais tarde Bispo de Durham.

A «*Ghost Society*», como era chamada, não atraiu muito apoio dos homens de ciência. É muito provável que tenha sido prematura, e o nome que lhe foi dado afastaria algumas mentes sérias da cooperação com o seu objetivo, que parece ter sido, no essencial, a recolha de factos fiáveis pertencentes à misteriosa zona fronteira que sempre se soube existir entre a vida humana quotidiana e o além.

Os factos de que a Sociedade procurava tratar eram substancialmente os mesmos que a *Society for Psychical Research* foi posteriormente fundada para investigar, mas a abordagem aos mesmos não estava tão cuidadosamente delineada. Barrett e o seu grupo de amigos insistiram desde o primeiro momento em que, antes de se poder chegar a qualquer conclusão útil relativamente à possível sobrevivência da personalidade após a morte, seria necessário desimpedir o terreno explorando o que era possível em matéria de comunicação entre uma mente encarnada e outra, fora dos canais habituais dos sentidos.

Ao contrário da suposição popular, a *Society for Psychical Research* não foi fundada apenas para joeirar as provas a favor ou contra a validade das afirmações do Espiritualismo, mas sim para examinar e tentar obter conhecimento científico dos processos

obscuros e das potencialidades da personalidade humana, um vasto campo que até 1882 tinha sido comparativamente negligenciado, embora seja hoje o território específico de psicólogos de várias escolas.

O estímulo comunicado pela SPR aos estudiosos das faculdades humanas paranormais foi forte e produtivo. A psicologia e a psicoterapia devem muito ao seu minucioso trabalho pioneiro. A contribuição especial de Barrett para os dados da Sociedade e, em certa medida, para as suas conclusões definitivas — se se puder isolar um departamento das investigações da Sociedade no qual ele se tornou eventualmente a principal autoridade — foi a sua sucessão de relatórios sobre Radiestesia.

Não há necessidade de os resumir, pois encontram-se facilmente acessíveis nos registos da SPR. Basta dizer que aquilo que outroras era considerado nada mais do que um dom fantástico ou, no melhor dos casos, ilusório, a classificar a par do de uma cartomante cigana, é hoje reconhecido como um dote críptico genuíno, embora ainda inexplicado, de certos indivíduos.

Barrett nunca cometeu o erro de valorizar excessivamente o mérito da vasta quantidade de provas que ele e os seus colegas ajudaram a acumular como indicador da demonstração da persistência da consciência de si, da memória e da individualidade após a morte física. Já em 29 de outubro de 1881, escrevia na revista *Light*:

Reconheço cordialmente o facto de que, no luto e na dor profunda, muitos têm sido animados e consolados pela esperança que o Espiritualismo lhes apresentou. No entanto, a lealdade à verdade obriga-me a reconhecer o mal e o bem que têm surgido sob a minha própria observação; o mal, quando o Espiritualismo é transformado num degrau para descer a um plano inferior; o bem, quando é utilizado como um degrau para algo mais elevado. Mas

dir-se-á: não podemos encontrar uma religião, e assim descansar, nos ensinamentos do Espiritualismo?

A minha forte convicção é que não podemos; isto é, se formos fiéis aos instintos mais elevados da nossa natureza, a essas intuições e advertências divinas que chegam a cada alma que luta em direção à luz. E esta convicção não é o resultado de qualquer opinião preconcebida, mas sim de uma ampla observação conduzida com um desejo honesto de conhecer a verdade.

«Pelos seus frutos os conhecereis.» Pesado na balança, o Espiritualismo como religião [*itálicos do autor*] é considerado deficiente, pois é incapaz de satisfazer as necessidades mais elevadas do homem.

Desta convicção nunca se desviou, como eu próprio posso testemunhar através de repetidas conversas com ele sobre o assunto. No seu prefácio a um livro do Rev. Donald Hole, intitulado *Love and Death*, publicado em 1922, afirmou:

Nem na literatura pagã nem na cristã constatamos que o Espiritualismo (o seu equivalente) tenha contribuído para o avanço intelectual ou moral da raça; por outro lado, constatamos um singular consenso de opinião entre os cristãos, em todos os tempos, de desconfiança e aversão a todo este assunto. Deve existir alguma razão para esta hostilidade, ou preconceito, como alguns lhe chamariam.

Após mencionar algumas das razões, tais como a quantidade de logro associada ao assunto e o perigo de deterioração moral não raras vezes observado naqueles que nele se deixam absorver, continua afirmando:

Sendo este o caso, o Espiritualismo transforma-se numa areia movediça traiçoeira sobre a qual se construiria uma nova religião.

É também significativo que raramente, ou nunca, recebamos mensagens verídicas (portadoras da verdade) das muitas almas santas que partiram para o invisível; poderá ser que as gavinhas do apego à presente vida necessitem de ser cortadas antes que a

alma possa elevar-se a uma vida superior, ou alcançar a visão beatífica.

O seu próprio e nobre carácter cristão é o melhor comentário sobre a sabedoria e a retidão destas e de outras declarações do mesmo teor. Não dependia da investigação psíquica para o que sentia ser o mais precioso na vida. A sua fé em Deus, a sua devoção a Nosso Senhor Jesus Christo, a sua vida de oração e de serviço teriam sido o que foram se nunca se tivesse ouvido falar de investigação psíquica.

Era um dos homens mais amáveis, e a sua bondade de coração, simples e radiosa, granjeou-lhe uma imensidão de amigos. A sua sociabilidade era uma das suas características mais marcantes; gostava de conviver com pessoas de todas as condições e classes, e nenhum incómodo ou sacrifício eram demasiado grandes se por esse meio pudesse praticar uma amabilidade ou assistir uma causa digna. Inúmeras pessoas que prosperaram na vida sentem-se felizes por dever o seu arranque ao zelo altruísta dele em seu benefício, e quase todos os esforços para o benefício social dos desprivilegiados no nosso tempo receberam o seu caloroso e entusiástico apoio.

Foi observado que possuía uma natureza infantil e cândida que despertava o melhor nos outros e habitualmente o esperava. Tal era inteiramente verdade, mas não é menos verdade que esta qualidade coexistia com o que equivalia, por vezes, a uma percepção espantosa dos motivos daqueles com quem entrava em contacto. Não vi a atenção ser dirigida para este facto em parte alguma, mas ninguém que o conhecesse bem poderia deixar de ficar impressionado por ele. Nunca fez uma observação pouco caritativa, mas uma palavra de aviso calmamente deixada cair dos seus lábios salvou, ocasionalmente, um amigo de confiar demasiado prontamente nas aparências no que dizia respeito à fiabilidade de um conhecimento casual. Os seus julgamentos intuitivos revelavam-se sempre corretos.

Casou tardiamente na vida, mas nenhuma união de almas poderia ter sido mais perfeita do que a que desfrutou até ao fim com a esposa que lhe sobrevive e através da qual aquilo que ela crê serem mensagens dele é agora dado ao mundo. Esta pequena seleção de um material muito mais vasto foi feita com cuidado e discernimento. Sem dúvida que, se não tivessem sido excluídos os assuntos de interesse puramente privado e pessoal, o leitor teria sentido mais daquilo a que um jornalista chamaria o apelo humano.

Mas não é esse o objetivo de Lady Barrett, nem tal se harmonizaria com o desejo dela ou do seu falecido marido. À exceção da omissão de assuntos, por vezes de um carácter particularmente marcante e probatório, mas de um alcance demasiado íntimo e doméstico para que se lhes concedesse lugar nestas páginas, o trabalho editorial propriamente exercido foi mínimo. Os escritos consistem, na sua maior parte, embora não inteiramente, nos discursos em transe da Sra. Osborne Leonard. Nas raras ocasiões em que o médium é outra pessoa, esse facto é declarado no texto.

O pretenso «guia» que fala através dos lábios da Sra. Leonard diz-se ser uma antepassada sua, a quem ela chama pelo nome de Feda. Feda poderá ser uma personalidade secundária da própria Sra. Leonard, mas admiti-lo não invalida a pretensão de as mensagens emanarem de uma fonte desencarnada. Feda fala por Sir William, empregando não poucas vezes a primeira pessoa, como se o próprio Sir William em pessoa estivesse a ditar as palavras.

Ocasionalmente, mas muito raramente, uma palavra ou frase é interjetada naquela que se pretende que seja a sua própria voz direta, independentemente do médium. Trata-se de um fenómeno surpreendente, mas bem atestado. Onde tal palavra ou frase ocorre, fica registado no relato da sessão. A maior parte das

comunicações, contudo, é transmitida, como se disse, através do guia da médium e registada textualmente por Lady Barrett.

A única modificação que fez na sua transcrição destes registos consistiu em ignorar algumas das peculiaridades de dicção do guia; reproduzi-las nada teria acrescentado ao sentido do que é transmitido e teria a desvantagem de prejudicar a fluidez de leitura das declarações feitas em nome de Sir William Barrett. Deve acrescentar-se que estas se encontram muito acima da capacidade normal da mente e dos interesses de vida da Sra. Osborne Leonard, ao passo que os membros da S.P.R., por outro lado, se mostram há muitos anos plenamente convictos da sua idoneidade inatacável; o conteúdo dos escritos fala por si.

Reimpresso da *Contemporary Review*, fevereiro de 1918.

As Questões Mais Profundas da Investigação Psíquica¹⁰

«Estará algo da criação de Deus em perigo por causa da investigação? Terá sido o sistema do universo ou os monges a tremer perante o telescópio de Galileu? Terá a circulação do firmamento parado de terror porque Newton colocou o seu dedo ousado sobre a sua pulsação?» — Lowell.

É significativo da mudança de pensamento ocorrida em anos recentes que a vossa Sociedade me tenha pedido para vos falar sobre o tema da Investigação Psíquica, uma honra pela qual fico surpreso e grato, e tanto mais pela inclusão de um humilde leigo como eu na vossa lista de conferências de eminentes eclesiásticos.

O termo investigação psíquica é muito incompreendido. É frequentemente considerado apenas outro nome para a caça aos fantasmas, aparições e necromancia, sendo ou descartado com um encolher de ombros e um escarnecimento, ou condenado como ilícito. Permitam-me, pois, dizer desde o início que os objetivos desta investigação foram definidos na declaração original da Sociedade, a qual utilizou o termo pela primeira vez, e que

publicou já cerca de quarenta e cinco volumes das suas atas e revista desde a sua fundação em 1882.

Estes objetivos eram o exame crítico de:

(1) A alegada ação da mente sobre a mente, independentemente dos canais reconhecidos dos sentidos; a transferência de pensamento, atualmente incluída no termo mais amplo telepatia. (2) Os fenómenos do hipnotismo. (3) O poder percetivo transcendental, ou clarividência, que se afirma existir em certos sensitivos. (4) Provas diretas de aparições verídicas (portadoras da verdade) de vivos ou moribundos. (5) Os alegados fenómenos físicos do Espiritualismo; e (6) Provas históricas que tenham relação com estes assuntos.

«O objetivo da Sociedade», afirma-se, «será abordar estas várias questões sem preconceito, e no mesmo espírito de investigação exata e desapaixonada que permitiu à ciência resolver tantos problemas, outrora não menos obscuros nem menos calorosamente debatidos». Observar-se-á que nada é dito sobre a obtenção de provas experimentais de sobrevivência após a morte, uma questão que a Sociedade só atacou em anos subsequentes; embora, como referiu o Muito Honroso A. J. Balfour no seu discurso presidencial à Sociedade em 1894:

«Devem evitar-se todas as limitações arbitrárias da nossa esfera de trabalho. ... Se, para lá do mero desejo de aumentar o conhecimento, muitos forem animados pelo desejo de obter provas, não através de um processo de dedução laboriosa, mas pela observação direta da realidade de inteligências não dotadas de uma organização física como a nossa, não vejo nada na sua ação que se deva criticar, muito menos condenar.»

Existem, naturalmente, algumas pessoas instruídas que duvidam da validade das conclusões a que muitos de nós chegámos, porque os numerosos fenómenos psíquicos em que tais conclusões assentam não se podem reproduzir com certeza em qualquer momento ou lugar específicos.

Também não podemos reproduzir à vontade os bólides ou outros fenómenos meteorológicos, nem muitas condições patológicas; para estes e outros fenómenos esporádicos, contentamo-nos em aceitar o testemunho de observadores credenciados. «Nada pode destruir a evidência do testemunho em caso algum», aponta o Bispo Butler, «a não ser uma prova ou probabilidade de que as pessoas não sejam juizes competentes dos factos dos quais deram testemunho».

Os registos de observações e de experiências dependem, para a sua aceitação, da probidade e da inteligência das pessoas que os registam, e «é impossível para nós», como observou outrora o Professor Henry Sidgwick, «ou para quaisquer outros investigadores, demonstrar a pessoas que não nos conhecem que não somos idioticamente descuidados ou conscientemente mentirosos». É dificilmente necessário demorarmo-nos na diferença entre demonstrar fenómenos físicos e psíquicos. Os primeiros não são afetados pela vontade ou por outras condições psíquicas, os segundos dependem dessas condições.

Verifica-se que certas pessoas, não caracterizadas por histeria ou sintomas neuróticos, nem por qualquer distinção de classe, idade ou sexo, são sensíveis a impressões psíquicas às quais outras são insensíveis. Elas constituem os intermediários ou sujeitos através de cuja organização os fenómenos, de outro modo não percebidos por nós, se tornam perceptíveis. Nada há de improvável nisto; encontramos uma analogia no alcance limitado dos nossos sentidos e na forma como esse alcance varia em diferentes indivíduos.

Existem ondas no ar e também no éter longas ou curtas demais para os nossos sentidos detetarem. Estas ondas podem ser reveladas e examinadas por intermediários físicos apropriados, como uma placa fotográfica ou o recetor na telegrafia sem fios, etc. Não deixamos de acreditar na utilidade de um ecrã

fluorescente para revelar os raios X, embora possa ser chamado um «médium» através do qual o invisível se traduz no visível.

Sabemos ainda muito pouco sobre as causas fisiológicas ou psicológicas que permitem a algumas pessoas ser um reagente, ou médium, para impressões psíquicas que não afetam outras. Isto parece provável: que as primeiras pertencem a uma classe chamada pelo Professor Pierre Janet *les individus suggestibles*. Isto quer dizer que respondem prontamente a qualquer impressão ou sugestão vinda de dentro ou de fora do seu organismo; a ideia ou sugestão pode surgir da sua própria subconsciência, ou do seu ambiente, ou da mente de uma pessoa viva, ou de uma mente desencarnada — assumindo que esta exista.

Algo típico desta sugestionabilidade de certos indivíduos, e não de outros, observa-se em muitas das formas inferiores de vida. É bem sabido que certos lagartos, peixes e camarões, e até certas lagartas e crisálidas, mudam a sua cor natural para se adaptarem ao ambiente. A maioria das criaturas da mesma ordem natural não é afetada dessa forma.

Nos indivíduos suscetíveis, ou sugestionáveis, o estímulo de uma luz colorida desencadeia uma ação reflexa no seu sistema nervoso, a qual, de uma forma desconhecida, modifica automaticamente a cor do pigmento segregado pela lagarta ou crisálida, permitindo que uma coloração protetora seja assumida. Até que ponto esta sensibilidade especial de indivíduos ou variedades particulares nas formas inferiores de vida se estende a impressões cognitivas, não sabemos.

Muitos insetos, como demonstrou o naturalista Fabre, possuem algum meio desconhecido de cognição que transcende todos os canais reconhecidos dos sentidos.

Reconhecendo o facto de um bom sujeito ou médium psíquico ser mais ou menos influenciado pelo seu ambiente, torna-se óbvio que os fenómenos psíquicos podem ser inibidos pela presença de investigadores frívolos ou hostis. Uma atenção

interessada e simpática, sem credulidade, é desejável por parte do pesquisador. Não encontramos a mesma condição a reger o nosso acesso ao mundo espiritual mais elevado?

Qualquer instrutor religioso sabe que a falta de interesse ou de reverência, e ainda mais uma atmosfera de dúvida e de suspeita nos seus ouvintes, tornará o apelo espiritual mais fervoroso estéril e ineficaz. Falando apenas da ordem psíquica, o Sr. C. G. Massey afirmou: «A fé é a chave para a porta do mundo invisível». Sobre isto, um conhecido espiritualista, o Rev. Stainton Moses (M.A. Oxon.), observou: «O que o Sr. Massey chama de “fé” é uma predisposição e atenção, um estado de espírito simpático que estabelece entre um observador e um médium um *rapport*, sem o qual não se obtêm resultados que valham a pena».¹¹

É fácil escarnecer disto, pois todos sabem que o sucesso nos negócios, na ciência ou na guerra não depende de qualquer *rapport* entre nós e o mundo material. Mas aqueles que tiveram alguma verdadeira experiência espiritual conhecem o significado deste *rapport* na comunhão com o invisível, e que a fé é realmente la chave para a porta do mundo invisível, que a oração abre.

Grande parte da dificuldade sentida pelo mundo instruído em aceitar a evidência de fenómenos supernormais — sobrenatural é uma designação errónea — resulta do facto de pensarmos habitualmente nos nossos sentidos como os únicos canais possíveis para despertar a percepção. Associamos todos os nossos sentimentos e a consciência aos nossos órgãos sensoriais e ao nosso cérebro material.

Apesar da filosofia e da religião, muitos consideram difícil acreditar que, quando o cérebro perece, a mente e o nosso poder percetivo não fiquem também destruídos. Mas a consciência, em vez de se limitar ao cérebro, é mais provavelmente limitada pelo cérebro; o qual poderá ser apenas, como sugeriu o Professor

William James, um aparelho para a transmissão de uma consciência mais ampla, externa a nós mesmos.

O cérebro não é a fonte da consciência, mas apenas um meio terrestre para a sua manifestação. O filamento incandescente de uma lâmpada elétrica não é a fonte da energia elétrica, é apenas o meio pelo qual essa energia é transmitida e se torna manifesta. Nem o campo de força elétrica se confina ao fio transmissor, estende-se pelo éter do espaço em redor do fio. Do mesmo modo, a nossa mente pode existir e estender a sua ação para lá do cérebro material.

Resta, contudo, o mistério da consciência de si, da personalidade humana, que é algo mais fundamental e individual do que uma consciência universal partilhada de várias formas por transmissão através de cérebros humanos. É improvável que consigamos alguma vez resolver esse mistério.

A oposição à investigação psíquica demonstrada por aqueles que se encontram imbuídos do hábito de pensamento materialista alemão é muito natural. Saduceus vociferantes como o Sr. Edward Clodd, ou cétricos ferozes, embora divertidos, como o Dr. Mercier, percebem que a admissão da própria telepatia os colocaria na encosta que conduz ao abismo onde as suas estimadas opiniões seriam engolidas. «Sobre a realidade da telepatia», diz um dos nossos mais eminentes psicólogos, o Dr. W. McDougall, F.R.S., na sua obra magistral *Body and Mind* (p. 349), «esta é de tal natureza que compele o assentimento de qualquer pessoa competente que a estude imparcialmente».

Mas isto é exatamente o que os nossos opositores não farão, como também não se darão ao trabalho de conduzir uma investigação experimental de um assunto que exige um cuidado longo e laborioso. A crítica instrutiva é sempre bem-vinda, mas a mera negação baseada apenas em fundamentos *a priori* não tem mais valor do que um rústico a negar que existe ferro no sol.

A descoberta da telegrafia sem fios tornou, sem dúvida, a telepatia menos improvável para muitos. Mas uma transmissão quase mecânica semelhante, através de «ondas cerebrais», como alguns sugeriram, é inadmissível, embora pudesse conciliar os opositores e ser compatível com uma visão mecanicista da mente. Isto merece um momento de consideração.

Todas as forças radiantes, tais como a luz, o calor, a gravitação, etc., quando livremente difundidas pelo espaço, diminuem de intensidade à medida que aumenta o quadrado da distância entre a fonte e o recetor, caso não intervenha nenhum meio absorvente. A mil pés de distância, a intensidade é um milhão de vezes menor do que a um pé de distância. Transmitir uma mensagem sem fios através do Atlântico exige, portanto, uma fonte muito potente de ondas elétricas e um recetor muito sensível.

Ora, existem casos bem atestados de telepatia ocorridos entre indivíduos não apenas a milhares de pés de distância, mas a milhares de milhas de separação — se as aparições no momento da morte, ou próximo dele, se deverem a uma impressão telepática, como parece provável —, sendo um fantasma projetado a partir da mente daquele que percebe; no entanto, em tais casos, não houve esgotamento, nem sequer esforço, por parte da fonte inconsciente dessas imaginárias ondas cerebrais.

É, por conseguinte, altamente improvável que a telepatia se transmita por ondas que irradiam em todas as direções, como a luz de uma vela. Nem podemos conceber que o pensamento não escrito ou não falado seja transportado por um mensageiro, ou enviado através de uma conduta, ou disparado como uma bala contra um alvo.

Além disso, na telepatia, as ideias e os sentimentos impressionam o percetiente com mais frequência do que as palavras exatas.

Existem provas abundantes de que as emoções e sensações, tais como a dor, o paladar, etc., experimentadas por uma pessoa, são simultaneamente sentidas por um percetiente distante, sob condições que excluem a possibilidade de fraude ou de qualquer comunicação verbal. Está também a vir a lume o facto notável de a telepatia não se dever, em última análise, a qualquer operação consciente e voluntária da mente, quer na personalidade que a origina, quer na que a recebe, tal como sucede na operação comum da fala ou da escrita.

A telepatia, então, não se pode explicar por um processo de transmissão mecânica. Parece tratar-se de um caso de «ação à distância». Mas os físicos não admitem a ação à distância como um facto elementar, embora a influência atrativa de um corpo sobre outro através dos domínios do espaço pareça constituir uma ação desse género.

A gravitação, contudo, não deverá ser uma exceção a outras forças físicas, embora possamos ter de esperar muito tempo por uma explicação satisfatória. A telepatia e a gravitação assemelham-se apenas nisto: no facto de, presentemente, ignorarmos como duas massas diferentes, e como duas mentes diferentes, à distância, conseguem transmitir a sua influência. As duas operações situam-se em categorias inteiramente distintas — uma pertence à ordem física, a outra à ordem psíquica.

Poderá ser, como o meu amigo Sr. F. C. Constable sugeriu na sua obra *Personality and Telepathy*, que encontremos na telepatia a prova da operação direta de uma parte transcendental do nosso ser que não está condicionada na matéria, no tempo ou no espaço. Em todo o caso, a telepatia e as suas implicações proporcionarão um tema profundo e frutífero de discussão psicológica num futuro próximo. A Sra. Henry Sidgwick apontou que:

A telepatia, a ser um processo puramente psíquico — e as razões para pensar que o é aumentam —, indica que a mente pode funcionar independentemente do corpo e, assim, aumenta a

probabilidade de lhe poder sobreviver. O conhecimento acrescido sobre o eu subliminar, ao dar vislumbres da extensão da faculdade humana e ao mostrar que existe mais de nós do que aquilo de que estamos nominalmente cientes, sugere de igual modo que as limitações impostas pelos nossos corpos e pelo nosso ambiente material são limitações temporárias.¹²

Voltarei em breve às provas que a investigação psíquica forneceu sobre a primeira parte desta citação, mas, antes de o fazer, torna-se necessário explicar o que se entende por aquilo a que Frederic Myers chamou o eu subliminar. Abaixo do *limen*, ou limiar da consciência, existem dentro de todos nós faculdades e atividades que transcendem em muito o nosso conhecimento ou poder consciente.

A nossa personalidade foi bem comparada à radiação solar, da qual apenas uma fração se visibiliza no espectro das cores do arco-íris da luz solar. Para lá do vermelho, de um lado, e para lá do azul, do outro, existem multidões de raios invisíveis que se podem tornar perceptíveis através de meios apropriados. Cada feixe de raios solares transporta consigo uma trindade de bênção para esta Terra.

Os raios visíveis iluminam o mundo e revelam a glória da natureza; as ondas invisíveis mais longas aquecem a Terra e dão-nos toda a nossa energia eólica e hidráulica; as ondas invisíveis mais curtas, para lá do azul, cobrem a Terra de vegetação e, deste modo, alimentam o homem e o animal. O que é visível constitui não apenas a menor parte do fluxo de energia que emana do sol, mas é o menos permanente.

A parte invisível da radiação solar, que banhou la Terra em eras passadas, vive hoje connosco — por um lado, aquece e ilumina as nossas salas e, por outro, ajudou a moldar a superfície da Terra; comparados com estes raios invisíveis, que a ciência revelou, os raios solares visíveis do passado foram apenas um belo e transitório episódio.

Assim também na nossa personalidade humana, a parte mais pequena, e talvez a menos permanente, é aquele eu de que estamos agora conscientes.

A nossa vida corporal, subconsciente, é, evidentemente, reconhecida por todos; controla a circulação e a respiração, a nutrição e a reparação do nosso corpo. Nenhuma destas funções poderíamos realizar por ação voluntária, mesmo com o máximo conhecimento e vontade do nosso eu consciente. Estas admiráveis atividades subconscientes foram sem dúvida adquiridas por graus lentos no decurso da evolução. Mas o que dirige e coordena a função da miríade de vidas celulares dentro do corpo vivo?

Processos físico-químicos encontram-se, naturalmente, em funcionamento, uma ação nervosa reflexa está sempre a decorrer, mas como podemos explicar, a não ser por alguma seleção inteligente, factos estabelecidos como a renovação dos membros cortados de um tritão, ou a regeneração do cristalino do seu olho a partir da íris, quando o cristalino foi removido?

Não poderá existir, como sugeriu o Sr. Gerald Balfour, um *rapport* telepático entre cada célula viva e o centro dominante da atividade psíquica subconsciente; um *rapport* dentro do organismo apenas prejudicado pela doença e cortado pela morte? Cada célula seria assim como um servo obediente numa comunidade cooperativa, realizando a sua tarefa apropriada sob uma direção superior e inteligente.

Assim podemos conceber a raça humana como células constituintes, os muitos membros de um só Corpo, ao qual todos se encontram relacionados, e contudo todos transcendidos num Ser Imanente e Supremo. E não poderá existir alguma intercomunhão telepática entre o Criador e todos os corações humanos recetivos, sendo a alguns concedido o ouvido interno, a visão aberta e o discurso inspirado? A vida mental subliminar possui, contudo, capacidades que não só ultrapassam a nossa

inteligência consciente, mas parecem transcender as limitações dos nossos sentidos e do nosso organismo.

É difícil explicar de outro modo o poder percetivo supernormal, ou clarividência, indubitavelmente possuído por certas pessoas, do qual a lucidez dos sensitivos em hipnose profunda e a do «radiestetista» (ou descobridor de águas subterrâneas e de minérios) no estado normal constituem ilustrações. A ciência oficial, é verdade, não admite a existência desta ou de qualquer outra faculdade supernormal, nem reconhece um eu subliminar ou os seus poderes transcendentais; mas um número crescente e influente de psicólogos está a regressar à crença na existência de uma alma no homem. A alma já não está «fora de moda» em muitos quadrantes elevados do mundo científico.

Ora, existem provas inegáveis de que, por vezes, pouco antes ou depois da morte, o espírito humano pode escapar da barreira do cérebro e fazer notar a sua presença a amigos à distância. Raramente o eu consciente se dá conta desta ação excursiva da alma, nem esta se deve a qualquer volição consciente, exceto na medida em que o desejo possa estimular as atividades subliminares. A conclusão cautelosamente redigida a que chegaram o Professor e a Sra. Henry Sidgwick, após o seu crítico e prolongado exame deste assunto, afirma como um «facto provado» que a coincidência fortuita não pode explicar a ligação entre as mortes e as aparições verídicas dos moribundos.

Nem esta liberdade da mente em relação ao corpo se confina ao momento da morte; como já se mencionou, este facto fica indicado se a telepatia for um processo puramente psíquico. Várias pessoas, algumas delas bem minhas conhecidas, desejaram aparecer a um amigo a uma distância remota, o qual ignorava que a experiência estava prestes a ser feita, e assim apareceram. As experiências cuidadosamente conduzidas que estabelecem este facto nunca foram impugnadas, tanto quanto sei.

Se admitirmos a telepatia, este facto não é muito mais maravilhoso do que a visão comum; pois todos os objetos que vemos são apenas aparências ou fantasmas projetados no espaço pela nossa mente, e devidos ao facto de uma certa zona de células cerebrais ser estimulada por uma série de minúsculas impressões transmitidas pelo nervo ótico a partir da retina.

Existem, além disso, casos em que a telepatia se funde naquilo a que Frederic Myers chamou telergia, a qual difere da telepatia por não ser meramente um modo desconhecido de comunicação de uma mente para outra, mas por implicar «a influência direta de um espírito alheio sobre o cérebro ou organismo do percetiente».

Este pode de facto ser o caso em muitos exemplos de telepatia entre os vivos, sendo o espírito alheio a alma ou o eu subliminar de uma pessoa viva distante. É menos familiar, mas dificilmente menos extraordinário, do que a misteriosa interação psicofísica que ocorre diariamente entre a nossa própria mente e o corpo; a telergia pressupõe que esta ação habitual é temporariamente substituída pela influência exercida por uma mente alheia, ou misturada com ela. Daí que, na telergia, o espírito ou mente invasora, agindo através do cérebro do seu novo hospedeiro, usurpe por algum tempo o controlo dos músculos do percetiente.

Aquilo a que se chama o discurso em transe e a escrita automática, ou as mensagens automaticamente soletradas pela inclinação de mesas, ou por meio da chamada «tábua ouija», devem-se ou à ação subconsciente normal do cérebro e da mente do médium, ou a casos supernormais em que a telepatia se funde, por vezes, na telergia.

O caso notável que se segue ilustra o que venho dizendo; assemelha-se a fenómenos espiritualistas semelhantes, mas aqui a invasão psíquica, ou telergia, proveio de uma pessoa viva que se encontrava a dormir na altura e a 130 milhas de distância. Embora

a circunstância se tenha verificado há alguns anos, o valor probatório do caso é muito grande, pois as cartas que narram os factos foram escritas na época e encontram-se na minha posse, com os envelopes e os carimbos postais a atestarem as datas. Tenho autorização para fornecer os nomes dos autores, aos quais transmito os meus agradecimentos, bem como à minha sobrinha, a Sra. Dowdle Barrett, de Weymouth, que me colocou em comunicação com os seus amigos, o Sr. e a Sra. Arundel Mackenzie-Ashton, de Dene Court, Taunton.

Os factos são, em resumo, os seguintes: o Sr. Mackenzie-Ashton, quando jovem, foi passar uma temporada numa residência paroquial em Nottinghamshire, em setembro de 1882. Após a sua visita, dirigiu-se para a casa dos seus pais em Hertfordshire, a 130 milhas de distância. Pouco depois de ele ter deixado a residência paroquial, o Sr. (atualmente Coronel) Nicholson e a Sra. Nicholson, com quem ele não tinha qualquer conhecimento, foram instalar-se na referida residência e, escassos dias mais tarde, o Sr. Mackenzie-Ashton recebeu do Sr. Nicholson a seguinte carta, que se explica por si mesma:

14 de setembro de 1882. Tenho estado hospedado na Residência Paroquial de W— recentemente e, ontem à noite (quarta-feira), divertimo-nos com a «indução de movimento em mesas». A mesa, quando questionada sobre por que espírito estava possuída, respondeu: «Arundel Mackenzie»; e à pergunta subsequente, «Onde está ele?», replicou: «A sua alma está aqui». À pergunta, «Como está o seu corpo ocupado?», devolveu uma resposta perfeitamente definida. Importar-se-ia de me informar como estava ocupado ontem à noite, entre as 10h30 e as 11h30 p.m., na companhia de quem se encontrava e o que andou a fazer ao ar livre durante o dia? Peço que desculpe um perfeito desconhecido por lhe fazer estas perguntas impertinentes, mas estou ansioso por me certificar se estas «manifestações» eram verdadeiras ou falsas.

O Sr. Mackenzie-Ashton, que tinha recentemente acrescentado o apelido «Ashton» a Arundel Mackenzie, respondeu fornecendo os detalhes solicitados, e o Sr. Nicholson escreveu então:

«Dar-me-á a sua palavra de honra como não tinha sabido absolutamente nada de pessoa alguma na Residência Paroquial nessa noite?»

Esta garantia foi dada, seguindo-se então esta carta do Sr. Nicholson:

Senti que era mal necessária, mas a experiência foi tão extraordinária que pareceu mais satisfatório obtê-la.

Nós [nomeando as pessoas presentes na Residência Paroquial] tínhamos as mãos sobre a mesa, que começou imediatamente a mover-se; ao ser-lhe pedido que se inclinasse caso um espírito estivesse presente, assim fez. Perguntado «Que espírito?», respondeu [inclinando-se na letra certa quando o alfabeto era repetido] e deu as respostas mencionadas na carta anterior; perguntado «O que está o seu corpo a fazer?», ao início não foi dada resposta. Após esperarmos, fizemos novamente a mesma pergunta, e foi dada a resposta: «A jogar bilhar»; a hora era então 11h15 p.m. Perguntado «Quem está com ele?», a resposta foi «Pai»; perguntado «Quem está a ganhar?», resposta «Filho». Perguntado «Quantas partidas foram jogadas?», resposta «Duas». Perguntado «O que fez ele [A. Mackenzie] durante o dia?», resposta «A caçar».

Perante isto, houve uma exclamação geral: «Impossível!», pois não se acreditava que tivesse andado a caçar, e H. perguntou, a rir: «Faisões ou perdizes?» — mas não conseguimos obter mais nada. H., a pedido, afastou-se da mesa, e perguntámos ao [pretendido] espírito por que razão não tinha respondido; respondeu «Frívolo» e não conseguimos obter mais nada. Esta é uma declaração literal e exata do que se passou. Um tremor peculiar corria pela mesa até se alcançar a letra certa, e então a

inclinação era decidida e distinta. As luzes na sala não foram diminuídas; a experiência deixou-me completamente estupefacto.

Por muito improvável que parecesse aos participantes em redor da mesa, todos os detalhes acima descritos estavam perfeitamente corretos.

O Sr. A. Mackenzie-Ashton escreve:

Tinha andado a caçar durante o dia (quarta-feira) e, à noite, joguei duas partidas de bilhar com o meu pai. Venci ambas e, depois disso, deitei-me num sofá na sala de bilhar e adormeci. Tive então um sonho em que estava de volta à Residência Paroquial de W—.

Relativamente à idoneidade dos meus informadores e à exatidão da narrativa não podem restar dúvidas, nem os factos se podem explicar por coincidência fortuita ou por conhecimento sub-reptício da parte dos participantes na Residência Paroquial, que não sabiam que o Sr. Mackenzie-Ashton se encontrava, na altura, a visitar os pais a 130 milhas de distância.

Aqui, portanto, temos a prova do que parece ser ou telepatia da personalidade subliminar de uma pessoa a dormir ou, mais provavelmente, telergia — a influência direta de uma mente alheia sobre o cérebro e o organismo dos participantes distantes.

E este caso não é único; instâncias de algum modo semelhantes são conhecidas dos estudiosos da investigação psíquica, tendo uma ocorrido recentemente em Londres, onde os «participantes» eram amigos pessoais meus. Estes factos bem atestados de a mente agir independentemente do corpo aumentam a probabilidade de a mente sobreviver à dissolução do corpo e de poder igualmente (durante algum tempo, pelo menos) dar provas da sua sobrevivência.

A partir das memórias confusas da sua vida terrena, que constituem a maior parte das comunicações que pretendem provir de seres desencarnados, é possível que algumas destas mensagens procedam também de um estado de sono ou de sonho

semiconsciente da pessoa falecida. A ser assim, explicar-se-ia a objeção comum dirigida às comunicações triviais e retalhadas do invisível, e o facto de serem tantas vezes apenas reminiscências fragmentárias da vida na Terra.

Por outro lado, é através da recordação de factos definidos conhecidos por nós e por eles que se pode estabelecer a identidade de qualquer pessoa. Se um amigo há muito ausente nos fala de uma distância remota através do telefone, podemos reconhecê-lo pela voz; mas, se um estranho comunica em seu nome, pedir-se-lhe-á que enuncie incidentes mais ou menos triviais da vida passada do nosso amigo, que se espera que possamos recordar a fim de estabelecer a sua identidade.

A nossa hesitação em aceitar tais declarações parece exasperar um ser desencarnado, como exasperaria qualquer outro comunicante. No que respeita ao primeiro, a nossa perplexidade aumenta com a frequente intrusão de ideias e memórias vindas da subconsciência do médium através do qual as mensagens são transmitidas.

Não obstante, é por vezes facultada prova suficiente de identidade que não se pode atribuir a qualquer furto de ideias ou a impressões telepáticas dos presentes.

Alguns exemplos daquilo que parece constituir uma prova inequívoca de identidade encontram-se descritos no meu livro recente, *On the Threshold of the Unseen*.

O espaço apenas me permitirá referir um desses casos. Nele, uma mensagem chegou através de dois estimados amigos pessoais meus em Dublin, a qual pretendia provir de um primo de um dos meus amigos, um oficial que perdera a vida na guerra. Para provar a sua identidade, pediu que os seus objetos pessoais, incluindo um alfinete de gravata com pérola que mencionou, fossem entregues a uma senhora em Londres com quem afirmou que se ia casar, indicando o seu nome próprio completo e o apelido, que era invulgar. Nenhum dos participantes, nem ninguém da própria

família do oficial, na Irlanda ou noutro local, sabia que ele se ia casar; nunca tinham ouvido o nome desta senhora, nem sabiam que o oficial possuía um alfinete de gravata com pérola.

Mais tarde, quando o Ministério da Guerra enviou os objetos do falecido oficial, verificou-se que ele tinha inscrito o nome da senhora no testamento que gatafunhara, como sua parente mais próxima; indicava a morada dela em Londres, e tanto o nome próprio como o apelido eram precisamente os mesmos fornecidos na mensagem que chegara através dos meus amigos quatro meses antes; além disso, um alfinete de gravata com pérola foi encontrado entre os seus pertences.

Como a mensagem fora registada por escrito na altura em que foi transmitida através dos meus amigos, e uma cópia me fora enviada, parece impossível encontrar outra solução que não uma comunicação telepática do oficial após o seu falecimento. Mas admito que, por mais cogente que seja a prova, a sua interpretação constitui uma questão de opinião individual.

Resta a forte objeção, sentida tanto pela Igreja Cristã como pela Judaica, a qualquer tentativa de erguer que seja um canto do véu que nos oculta o mundo invisível. Esta repugnância assenta, escusado será dizer, na proibição bíblica da necromancia. Tratei detalhadamente desta questão noutro local e apenas posso fazer-lhe aqui uma referência de passagem. Estas injunções bíblicas aplicar-se-iam, sem dúvida, a todo o âmbito da investigação psíquica, e foram muito sábias e necessárias antes de a ciência ter estabelecido o conhecimento do facto de que, no meio da mutabilidade e do mistério de todas as coisas, não existia capricho nem desordem.

A indagação psíquica em eras recuadas ter-se-ia «perdido em regiões escuras e difíceis» e produzido um estado de confusão intelectual e moral. Disso teriam resultado o cansaço e a perplexidade, a fé no governo ordenado do mundo ter-se-ia visto abalada e os ditames da razão poderiam ter sido suplantados pela

atenção prestada a um oráculo. Isaías percebeu-o e disse à nação judaica: «Os teus feitiços e encantamentos, com os quais te cansaste, transviaram-te».

Para os ignorantes e insensatos, estas advertências são aplicáveis hoje em dia; e as mentes instáveis necessitam de ser afastadas de uma região que pode revelar-se uma areia movediça tão traiçoeira. Mas o desprezo e a condenação de todo o assunto são tão prejudiciais quanto a credulidade e a falta de senso comum.

A ordem psíquica, é verdade, não é a ordem espiritual, mas estou convencido de que, à medida que o nosso conhecimento da primeira aumentar, esta confirmará e lançará luz sobre as condições de acesso ao mundo espiritual. A fé, como já se afirmou, é a chave para a porta do mundo invisível e, se desejamos obter entrada quer nos átrios externos quer nos internos desse mundo, constitui pré-requisito possuir humildade de espírito não menos do que confiança na esperança.

«Deitamo-nos», como diz Emerson, «no regaço de uma imensa Inteligência, que nos torna recetores da sua verdade e órgãos da sua atividade. ... Nada podemos fazer por nós mesmos senão permitir a passagem dos seus raios». Por isso, quando «dois ou três se reúnem» numa expectativa calma e tranquila, mais cedo ou mais tarde a sua percepção e ação involuntárias serão estimuladas.

Torna-se, porém, necessário «examinar os espíritos», ou a mente do percetente poderá ficar exposta a uma invasão psíquica de ordem inferior. Os casos de «possessão» narrados nos evangelhos, e conhecidos em todas as partes do mundo antigo e moderno, não se podem, em cada caso, explicar por histeria ou epilepsia, mas constituem frequentemente, em meu entender, instâncias genuínas de telergy, a influência de um espírito alheio, encarnado ou desencarnado, sobre o organismo do sofredor.

Existem também provas, em diferentes ramos da investigação psíquica, de uma curiosa transmissão de poder psíquico, ou eflúvio (como os antigos mesmeristas afirmavam existir), do seu possuidor para uma pessoa até então passiva e inerte. Apresentei instâncias disto na minha monografia sobre a chamada «vara de radiestesia», na qual um bom radiestetista, ao tocar numa pessoa inerte, lhe transmite o singular «dom» que possui. O mesmo se nota frequentemente noutros casos de «automatismo motor» e em experiências de telepatia, em que segurar a mão do pretenso percetiente facilita, por vezes, a transferência de uma ideia ou cena pensada em silêncio pela outra pessoa.

W F Barrett 1918

Nota Introdutória

Pelo Editor

Os relatos das sessões com a Sra. Osborne Leonard, nas quais se pretende que Sir William Barrett (W.F.B.) seja o comunicante principal, são apresentados sob as suas iniciais, e na conversa o participante assume a hipótese de que é W. F. B. quem fala.

Os leitores que não acreditam na possibilidade de sobrevivência após a morte poderão considerar este método irritante, mas não se assume qualquer hipótese científica como verdadeira enquanto testamos a sua validade? Por outro lado, poder-se-á pensar que as mensagens que pretendem provir do outro lado da morte possuem uma natureza demasiado privada para serem publicadas. Tal é verdade em relação a muitas, e alguns dos escritos mais convincentes tiveram de ser omitidos por esta razão.

Contudo, outros parecem ter a intenção de levar a convicção não apenas àquela a quem foram enviados, mas também a outros que os leiam com uma mente isenta de preconceitos — a

convicção de que a morte não é senão a abertura de um novo capítulo na experiência da vida.

Sir William Barrett (W.F.B.), ao estudar o assunto na Terra, percebera sempre que tal convicção se desenvolveria apenas lentamente. Escrevendo em defesa do trabalho da *Society for Psychical Research* três anos antes de nos deixar, afirmou: «Muitos problemas complexos ainda nos confrontam, mas devemos lembrar-nos de quantos séculos passaram antes que a ciência física começasse a emergir do mistério desordenado da ignorância para o mistério ordenado da ciência».

As sessões de onde as mensagens relatadas são retiradas ocorreram de poucos em poucos meses ao longo de um período de onze anos. Não foram procuradas por mim, embora me interessasse pelo tema da investigação psíquica há bastante tempo. A 6 de junho de 1925, contudo, recebi uma carta de um membro da *Society for Psychical Research* até então meu desconhecido, que incluía notas tiradas numa sessão com a Sra. Leonard a 5 de junho de 1925 (Sir William Barrett faleceu a 26 de maio de 1925). A participante, que me era desconhecida, afirmava na sua carta:

Não tive a honra de conhecer o seu marido, mas, como membro da S.P.R., tinha-o, naturalmente, visto e ouvido falar muitas vezes. É impossível transmitir através das notas a impressão vívida que tanto a minha amiga como eu recebemos de que era, de facto, Sir William que se manifestava.

Antes de citar as mensagens recebidas, parece necessário apresentar um breve quadro do seu último dia na Terra.

Encontrava-se especialmente bem e feliz pela manhã, tendo passado a maior parte dela a escrever e a enviar uma ou duas cartas a amigos. Enviou um postal à nossa amiga Sra. Jervis, pedindo-lhe que viesse tomar chá no dia 28 do corrente.

Desejava ouvir mais sobre as recentes experiências dela na América e, especialmente, as suas perspetivas sobre o círculo de

Piper — um pequeno grupo de amigos que mantinha sessões periódicas com a Sra. Piper, uma célebre médium que fora investigada pela *Society for Psychical Research*.

Um amigo veio almoçar connosco (referido noutra sessão), após o que ele se dirigiu a um Comité de Fenómenos Físicos na S.P.R., ao qual presidiu.

Depois do chá, manteve uma entrevista na qual estive presente e, no fim, desci até à porta da frente com o visitante, regressando para o encontrar deitado de lado numa poltrona, junto a uma mesa pequena. Corri para ele, mas tinha deixado de respirar e nenhum batimento cardíaco se conseguia sentir. Os reanimadores foram em vão.

As principais mensagens que dizem respeito a W. F. B. nas notas da sessão que me foi enviada são as seguintes:

W. F. B.: Quero que escrevas à minha esposa apenas para dizer que vim e que estou muito bem e feliz. Quero enviar-lhe o meu afeto muito terno e dizer que enviei uma mensagem de um lugar muito, muito distante — não consigo fazer passar o nome por aqui —, provém de um quadrante com o qual tive uma ligação muito ligeira quando estava aqui. O lugar de que falo fica muito longe, além-mar; a mensagem levará algum tempo a chegar até ela; a viagem demoraria talvez um par de semanas.

Guia: Ele parece estar como há trinta anos — sem óculos, olhos brilhantes e consegue ouvir — está tão feliz.

W. F. B.: É uma grande alegria para mim ouvir novamente de forma clara e distinta. Diz-lhe que a minha querida mãe está comigo e estava comigo no momento em que parti. A minha mãe estava de pé junto à mesa. Creio que ela sentiu que devia estar ao meu lado, porque me disse ter sentido que tinha de estar comigo durante todo esse dia.

Guia: Algo relacionado com a perna dele está melhor; ele desenha uma linha do joelho para cima.

W. F. B.: Muito obrigado, obrigado por me permitirem vir, e não se esqueçam de dizer o que a médium vos disse sobre o meu aspeto saudável.

Existiam três declarações nesta mensagem que senti serem importantes:

(1) Que uma mensagem tinha sido enviada do ultramar, a qual poderia ou não vir a ser confirmada. (2) Que a mãe «estava de pé junto à mesa» no momento da sua partida. Faleceu de forma bastante súbita numa poltrona que tinha uma mesa pequena ao lado. Fora sempre dedicado à mãe, e ela residira com ele na Irlanda até à morte. (3) Que a dor na coxa estava melhor. Durante os dois dias anteriores à sua partida, queixara-se de dor na coxa esquerda. Nem a médium nem os participantes poderiam ter qualquer conhecimento destes factos triviais.

Estimulada por esta mensagem, desloquei-me a uma sessão com a Sra. Leonard em julho de 1925. Nessa sessão, a «mensagem do ultramar» foi detalhada. Ele afirmou então:

A mensagem vinha da América, não muito do norte, antes mais para o sul. Foi entregue a alguém cujo nome começava por P, uma palavra de 5 ou 7 letras. P é uma pessoa proeminente ligada a um grupo. Creio que deve chegar até ti.

Alguns meses mais tarde, a Sra. Jervis disse-me que recebera uma carta da Sra. Piper, em Boston, E.U.A., por meados de junho, referindo que a Sra. Piper tinha uma mensagem de Sir William Barrett: «Diga à Sra. Jervis que lamento não ter podido comparecer ao encontro». No dia em que a Sra. Jervis leu o obituário no *The Times* (27 de maio), recebera o postal do meu marido dizendo: «Venha tomar chá na quinta-feira e conte-nos mais sobre a América». Enquanto estivera na América, a Sra. Jervis visitara o círculo de Piper. Constituíam, por conseguinte, a ligação óbvia entre a Sra. Piper e Inglaterra. Parece valer a pena registar estas mensagens iniciais porque muitos pensam que são os que estão na Terra que procuram a comunicação com os seus

amigos falecidos, e encaram-no mesmo como uma perturbação da sua paz.

Se a personalidade sobrevive à morte, é natural que aqueles que passaram para uma vida superior desejem confortar aqueles com quem mantiveram uma relação vital na Terra, mas tal não é possível para todos e existem muitas dificuldades a superar.

Uma Nota Explicativa

Uma nota explicativa poderá talvez ser apresentada para os leitores que não possuem experiência em participar em sessões com um médium em transe.

O leitor deverá notar certas peculiaridades na forma das comunicações que pretendem emanar de W.F.B.; por exemplo, uma referência a alguém ou a algo com que ambos estaríamos bem familiarizados pode ser introduzida numa sessão sob a forma de uma pergunta.

Deve compreender-se que esta constitui a reação do guia ao pensamento do comunicante e não se deve considerar como indicativa de que o próprio comunicante necessite de fazer qualquer pergunta sobre o assunto.

Outro ponto a observar é que uma referência perfeitamente definida a alguma personalidade ou incidente de que W. F. B. saberia certamente tudo é introduzida na sessão de forma indireta, como por exemplo na declaração sobre o meu irmão recentemente falecido, que surge no registo da sessão realizada a 15 de janeiro de 1931. Ver-se-á pelas notas que a declaração foi feita em resposta espontânea ao meu próprio pedido, formulado em voz alta a W. F. B. na minha própria casa algum tempo antes. Um leitor não familiarizado com o *modus operandi* destas comunicações poderia naturalmente perguntar-se por que razão uma referência tão clara e inequívoca não teria sido iniciada de outro modo.

Por que não começou W. F. B. o que tinha a dizer declarando explicitamente que se encontrava em contacto com o meu irmão? A explicação é a mesma que acabo de apresentar sobre o facto de o guia fazer uma pergunta. W. F. B. está, aparentemente, a utilizar o método mais fácil de transmitir informação ao guia e de a fazer ficar gravada no cérebro da médium.

Todos os experimentadores no campo da investigação psíquica têm conhecimento de factos deste género e encontram-se habituados a fazer o devido desconto para os mesmos.

Veja-se também a p. 98, na sessão de 9 de março de 1929, onde a voz direta do comunicante é contrastada com a interpretação do pensamento pelo guia (Feda).

O fraseamento real, por conseguinte, em alguns locais, não se pode considerar palavra por palavra como sendo o do próprio comunicante, mas sim o do guia a operar através da médium.

Por vezes, contudo, o participante fica definitivamente impressionado pelo facto de o comunicante estar a ditar a sua própria mensagem na forma precisa em que deseja que esta seja recebida. Quando assim sucede, o estilo de transmissão altera-se; a mensagem é entregue lentamente e com pausas relevantes, em vez de rapidamente, como constitui o modo habitual.

Acontece ocasionalmente que, se o participante interrompe dizendo «Queres dizer isto ou aquilo», o comunicante responde: «Não, quero dizer o que disse». Quando a frase referida se completa, verifica-se invariavelmente que a palavra em que se insistiu era a palavra certa para transmitir o seu significado.

Veja-se o registo de 30 de outubro de 1931.

Ao longo de todo o registo, tal como aqui é apresentado, a transição abrupta de um assunto para outro é inevitável, devido à eliminação de assuntos pessoais e privados que nos dizem respeito ou a terceiros.

No escrito original não é assim, dado que o final de uma mensagem privada pode conduzir ao assunto seguinte.

As palavras de saudação no início de cada sessão e de despedida no final encontram-se omitidas em quase todos os casos.

As palavras ouvidas em voz direta, independentemente da médium, encontram-se impressas em itálico.

CAPÍTULO 1

26 de Julho de 1925

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Estou aqui. Enviei mensagens por intermédio de duas senhoras. Tentei dar-te impressões sobre alguns assuntos materiais — sobre a casa. Gostaria que usasses o meu quarto. Tentei incutir-te esta ideia — não pensei nisto apenas hoje —, usa-o como o teu consultório. Há algo no chão que queres alterado? Pareceu-me ver-te a olhar para o chão como se quisesses mudar algo — algo relacionado com o calor.

A ideia de usar o escritório dele como meu consultório surgira-me de forma bastante súbita um dia, quando me encontrava ocupada com outras coisas. A ideia veio-me de modo tão vívido que me dirigi de imediato ao quarto para ponderar se poderia deixar a divisão praticamente como ele a utilizava e, ainda assim, introduzir as coisas essenciais para o uso como sala profissional. Pesquisei em redor do rodapé, perto do chão — especialmente perto da lareira —, para ver se ele tinha instalado novas tomadas elétricas, pois necessitaria de uma numa posição possível para o meu candeeiro.

F. E. B.: O que gostarias que fizesse em relação às cartas que estão na tua caixa de caudais? Devo destruí-las?

W. F. B.: Guarda-as por agora.

F. E. B.: Queres que sejam destruídas mais tarde?

W. F. B.: Sim, mas espera um pouco. Não deixes que mais ninguém as tenha. Não existe uma razão material comum para as guardar, mas sim uma razão ideal. São cartas que não foram

escritas recentemente, mas sim há muito tempo — relíquias. Tinha pensado em destruí-las eu mesmo, mas fui adiando.

Tratava-se de cartas que lhe tinham sido escritas quando era jovem, incluindo uma de um velho amigo num momento de aflição. A mensagem descreve com exatidão as cartas, que possuem uma natureza privada.

F. E. B.: Podes contar-me algo sobre a tua partida?

W. F. B.: Quando parti não senti dor alguma; de imediato estiveram pessoas comigo — a minha mãe, o meu pai e outros.

F. E. B.: Soubeste quando regressei?

W. F. B.: Não foi um saber — foi um estar ciente —, não é bem a mesma coisa. Não vi nem ouvi, mas senti. Tive consciência de querer a tua presença por um momento — um relance —; soube que algo me estava a acontecer e, mentalmente, chamei por ti, com tanta força que quase julguei ter gritado. Depois senti-te regressar para junto de mim, mas já estava além do ver e do ouvir; foi muito rápido. Recordo-me de tentar virar-me de lado; talvez tenhas reparado nisso quando chegaste. Não tinhas partido em definitivo. Não foi a minha partida que te chamou; apenas tinhas saído para regressar de novo.

Eu tinha-o deixado para descer até à porta da frente com um visitante com quem acabávamos de manter uma entrevista e, quando voltei diretamente para a sala de estar, ele encontrava-se deitado na poltrona e tinha deixado de respirar. Estava deitado de lado na cadeira. Corri para ele e senti o seu coração, mas este tinha cessado de bater. Encontrava-se aparentemente bem quando deixei a sala e estivera invulgarmente radiante e ativo durante o dia. Não existia qualquer possibilidade de a Sra. Leonard conhecer estes detalhes.

F. E. B.: Encontraste o Frederick Myers?

W. F. B.: O Myers? Com certeza que sim. Estavam vários amigos para me acolher, mas fiquei especialmente feliz por ver o Myers. Vou trabalhar com ele.

O Frederick Myers era um grande amigo. A expressão «com certeza» era muito característica dele. Escrita parece um pouco descortês; nunca o parecia na forma como ele a dizia.

F. E. B.: Queres falar-me sobre os teus próprios papéis? Estás satisfeito com as disposições que estou a tomar?

W. F. B.: Sim. Não quero que mais ninguém o faça.

F. E. B.: E em relação ao teu livro *Visions of the Dying*?

W. F. B.: Tens de o escrever tu. Fá-lo-ei através de ti — de mais ninguém. Não por escrita automática, mas incutir-te-ei o que dizer. Termina-o tu mesma; fá-lo-emos juntos.

O material recolhido e uma parte da escrita encontravam-se feitos, mas o livro estava num estado completamente inacabado.

W. F. B.: Costumava preocupar-me o facto de trabalhares tanto; agora isso não importa, porque sei que vale a pena fazê-lo. Agora posso ajudar-te mais, por isso não tenho receio disso. Sentir-me cheio de vigor — capaz de realizar coisas — é maravilhoso. Comecei a trabalhar com o Myers. Escusado será dizer que estou a trabalhar especialmente na tentativa de provar não apenas a sobrevivência, mas a possibilidade de comunicar.

F. E. B.: Posso ajudar-te?

W. F. B.: Sim — mais tarde. Terei de estudar isto mais. Como vês, esta é uma vida nova para mim. Ainda não me habituei à minha nova vida e a ser capaz de utilizar um corpo. É uma vida ativa, felizmente. A estagnação era a morte para ele.

W. F. B.: Encontrei o Crookes.

Sir William Crookes era um velho amigo. A frase seguinte foi dita com uma voz profunda, de forma muito lenta e com ênfase, como se ele próprio estivesse a controlar pessoalmente a médium.

W. F. B.: Existem duas vidas aqui: uma sobre a qual te posso falar e que podes compreender, e outra sobre a qual não te posso falar enquanto não partires para este lado.

F. E. B.: Qual é a mais elevada?

W. F. B.: Aquela que não posso explicar. Oh, sinto tanto a tua falta. Posso estar contigo, mas sinto falta de que o saibas. Sinto falta do companheirismo. Tenho estado contigo, mas não é bem a mesma coisa. Não podemos conversar, e é da mútua compreensão sobre coisas interessantes que se sente falta.

Esta frase constituiu uma surpresa. A ideia de os que estão do outro lado sentirem a nossa falta não me tinha ocorrido.

F. E. B.: Encontraste algum dos meus amigos?

W. F. B.: Sim, mas não muitos ainda. Tenho estado tão ocupado a encontrar-me com os meus próprios familiares e amigos, como o Myers. Encontrei a A. Ela é tua amiga. Ficou muito feliz por receber as tuas últimas novidades.

A minha amiga Ada Vachell, que surge frequentemente em sessões subsequentes.

W. F. B.: A A. é uma amiga bastante importante. Fiquei muito feliz por poder vê-la. Uma amiga tua, mas era minha amiga também.

É perfeitamente verdade que ela era também amiga dele: quando se conheceram pela primeira vez, ficaram amigos de imediato, apreciando-se mutuamente.

W. F. B.: Existe um B relacionado com a A. — um lugar: escreve-o.

A médium tentou escrever no ar, mas desenhou a segunda letra de forma mais parecida com um U. O W. F. B. dizia de cada vez: «Não, não, está errado; dá uma pequena volta à segunda letra». Ada Vachell residia em Bristol.

W. F. B.: Tentei transmitir-te uma mensagem onde quer que a força atraísse. Por vezes experimentamos pessoas que não conhecemos de todo. Em dois ou três locais senti que possuíam força — aquele homenzinho estúpido.

F. E. B.: Que homenzinho estúpido?

W. F. B.: Fui ter com o homenzinho estúpido das pizarras — muito longe —; pensei ver o que ele seria capaz de fazer, já que falava tanto. Poderás receber algo mais tarde e lembrar-te.

Um médium de escrita em ardósia deslocara-se a Londres pouco tempo antes, precedido de grande reputação. O W. F. B. estava ansioso por ter uma sessão com ele e tinha preparado o que sentia serem precauções infalíveis. Convidámo-lo a passar uma noite connosco antes de lhe pedirmos uma sessão, mas, no final da noite, o W. F. B. afirmou ter muito pouca expectativa de quaisquer bons resultados, dado que o homem passara a noite inteira a falar de si próprio. O médium não concedeu nenhuma sessão a quem estivesse interessado na investigação psíquica durante a sua visita a Londres, pelo que os preparativos se revelaram inúteis.

W. F. B.: Há imenso que pretendo realizar. Sabes como eu estava ansioso por provar que até aquelas pessoas que foram céticas toda a vida, no fim sabem que existe uma vida além-túmulo, mesmo que se encontrem demasiado debilitadas para o dizer. Muitas delas disseram-no, e é isso que desejo mostrar nos escritos que possuis. O material que reuni não se referia apenas àqueles que foram crentes ou paranormais.

Alguns eram-no, mas outros não. Estou certo de que o livro impressionará muitas pessoas e as ajudará. Sabes que estive a trabalhar nele até ao fim, de modo a provar-lho. Quero que saibam que me mantive ativo e seguro da minha própria mente, e que fui capaz de ponderar as coisas até ao fim. Desejei sempre manter-me sensato em relação a esta matéria, ser equilibrado no que respeita a todo o assunto.

(Segue-se aqui uma longa conversa sobre assuntos íntimos relativos a terceiros, a qual, embora muito probatória, é demasiado privada para ser publicada.)

W. F. B.: A vida é muito mais maravilhosa do que alguma vez te poderei dizer, para lá de tudo o que alguma vez esperei; excede todas as minhas expectativas.

O guia pareceu desaparecer aqui e uma voz mais profunda falou lentamente e com grande ênfase. Tendo prometido terminar a sessão, ao fim de uma hora disse «Adeus».

W. F. B.: Não, eu vou contigo. Lembras-te de que eu queria sempre ir contigo — mesmo para onde não tinha nada que fazer?

Isto é típico dele. Dizia muitas vezes quando eu ia para o hospital: «Gostaria de poder ir contigo, mas sei que não tenho nada que fazer lá».

W. F. B.: Todo o meu amor. O meu amor imorredouro.

Tanto teve de ser eliminado desta sessão devido à sua natureza privada que a sua conversa característica se perdeu. Li-a na íntegra a um amigo íntimo do meu marido, Philip Somerville-Large, e ele exclamou no fim: «Ora, parece mesmo o meu velho amigo aqui sentado a conversar connosco — como sempre fazia —, saltando de um assunto para o outro, cheio de interesse por todos eles».

CAPÍTULO 2

20 de Setembro de 1925

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Tenho muito de que falar e estou muito satisfeito com as coisas em geral. Sobre a Irlanda — algo aconteceu a pessoas em quem estou interessado lá — não o facto de tu ires lá, mas algo que fizeste — tens estado a ajudar pessoas na Irlanda. Estava um pouco ansioso com isso, mas sinto-me satisfeito agora. Duas pessoas da Irlanda visitarão Inglaterra e tenho o forte pressentimento de que estarás com elas: isso é independente do outro assunto: duas coisas fizeram-me pensar na Irlanda, as quais são:

(1) A projetada visita de pessoas em quem estou interessado e que tu verás. (2) O outro assunto sobre o qual andavas a ler e que me agrada agora — sem importância.

A primeira referência à Irlanda, juntamente com «algo sobre o qual andavas a ler», refere-se à Casa de Repouso, cuja secretária me tinha enviado um Relatório. Num memorando anexo ao seu testamento, o W. F. B. afirmara que gostaria de ter deixado algo a esta instituição, mas sentira que não o podia fazer.

Eu tinha estado a ponderar enviar-lhes um donativo em nome dele, mas, quando li o Relatório, pareceu-me que beneficiariam mais se eu continuasse com a assinatura dele, e tinha-o feito uma semana antes da sessão. Na manhã seguinte à sessão, recebi uma carta de Philip Somerville-Large, um velho amigo que residia na Irlanda com o seu irmão, o Cónego Somerville-Large. Ambos eram amigos chegados do W. F. B. Na carta, conta-me que vem a Londres dentro de um dia ou dois e que me virá ver. As «duas pessoas» encontram-se intimamente ligadas, mas apenas uma veio.

W. F. B.: Vais usar outra sala fora da tua casa mais tarde — não imediatamente —, bastante em breve; revelar-se-á mais tarde muito importante esse teu uso de uma sala noutra casa — um local onde muitas pessoas entram e saem.

Isto eu não consegui compreender de todo na altura, mas, no início de 1926, quando me tornei Diretora da *London (R.F.H.)*

School of Medicine for Women, passei a dispor da sala da Diretora para meu uso próprio nesse edifício, que se encontra associado a um trabalho importante para as mulheres médicas.

F. E. B.: O que fazes na tua nova vida?

W. F. B.: Tenho a maior alegria aqui — à parte da minha mãe —, a maior alegria e prazer na minha renovada amizade com o Myers. Não te posso contar todas as coisas que estamos a aprender juntos, e eu com ele. Está a ligar tantas coisas que iniciei do teu lado. É uma alegria ouvir facilmente de novo. Lembrei-te da última vez que tinha partido perto da data daquilo que nos uniu, o local onde as coisas ficaram decididas? [A rir] Isso dar-te-á algo em que pensar.

Isto deu-me de facto algo em que pensar e não conseguia lembrar-me de absolutamente nada na minha vida, ou em Buckstone Cottage, o local evidentemente referido (conhecemo-nos lá, ficámos noivos lá e passámos o primeiro dia ou dois da nossa viagem de núpcias lá), que coincidissem com a data da sua morte. Um dia, estando muito cansada, adormeci por uns minutos na sala de estar e acordei com a data de 26 de maio diante de mim e com a pequena cena de eu estar a arrendar a casa de campo ao agricultor e a dizer: «Tem escassamente um mês até ao dia de mudar de trimestre. Consegue ter as reparações feitas até lá?» Fora exatamente dez anos antes, no dia da sua morte.

W. F. B.: Não temos qualquer ideia de tentar encontrar um elixir, mas temos o sentimento — mais do que isso —, da parte do Myers é conhecimento —, de que a fealdade da morte física e a corrupção da carne física são desnecessárias; temos o sentimento de que não era isso o que se pretendia — não foi a intenção original de Deus que o homem sofresse o horrível colapso do organismo físico que sofre; os feios adereços da morte — a dispersão do corpo físico — são desnecessários e errados. Sinto que isso será evitado. Não quero dizer com isto que o

homem viverá eternamente, em consequência do prolongamento da vida.

Creio que viverá mais tempo, mas a transição para os nossos planos será gradual, não súbita. Lembras-te de o Myers nos falar sobre o corpo etérico e a sua taxa de vibrações? O Myers e eu sentimos que o homem pode aprender a existir no seu corpo etérico e a utilizá-lo conscientemente de tal forma que não funcionará inteiramente no físico, mas aprenderá a usar ambos os corpos durante a sua vida na Terra, com o resultado de que se desenvolverá até ao ponto em que o corpo físico se tornará gradualmente eterizado e trazido mais em harmonia com o corpo etérico; as vibrações do chamado corpo físico tornar-se-ão então mais elevadas e uma transmutação gradual verificar-se-á, de modo que o corpo físico mais grosseiro será, com o tempo, absorvido, por assim dizer, pelo etérico.

F. E. B.: Podemos ajudar para que isso aconteça?

W. F. B.: Sim, na linha da consciência espiritual; pela tomada de consciência do facto de que existe um mundo espiritual; por aspirar a viver diariamente, de hora a hora, em pensamento, palavra e ação de acordo com... as aspirações mais elevadas dos vossos próprios dotes espirituais. Como Nosso Senhor foi um intérprete daquilo que o Myers e eu te tentamos explicar. Viveu de tal forma que utilizava as forças espirituais com a mesma facilidade com que utilizava as forças materiais através do seu organismo material e, na morte, não houve corrupção física do seu corpo. Como vês, o seu corpo não estava lá; foi transmutado no seu corpo etérico espiritual. Através do viver na vibração mais espiritual, foi capaz de elevar as vibrações do físico, de modo que não houve corpo de que dispor na sua morte — ou, como preferimos dizer, na sua transição.

Isto foi dito lentamente e de forma muito impressionante. Durante os últimos meses da sua vida, ele estivera muito interessado na questão de saber se teria havido realmente o

desaparecimento do corpo de Cristo na sua ressurreição ou se a história dos soldados que o roubaram seria verdadeira.

Considerava ser um tema para uma investigação mais cuidadosa, tanto de um ponto de vista cristão e psíquico como histórico.

Agora, a sua declaração parecia implicar «Este é o facto», o que explica e torna claro que o corpo não estava lá.

W. F. B.: Nós, os investigadores psíquicos, sentimo-nos frequentemente dispostos a usar a palavra transição, mas, a julgar pelo que nos acontece na atualidade na Terra, não podemos verdadeiramente aplicar essa palavra, caso contrário não terias o corpo físico para enterrar ou cremar.

A de Nosso Senhor foi em verdade uma transição — a nossa deveria sê-lo. Todos sabemos isto por cá, mas nem todos o podemos dizer hoje em dia. Não dispomos das condições em que o podemos dizer. O participante constitui um fator muito importante. Alguns participantes poderiam não estar espiritualmente preparados para ajudar o comunicante a fornecer informações deste género. Tu queres saber e eu quero contar, pelo que as condições são perfeitas. Entre milhares que comunicam, poderá haver apenas meia dúzia que consiga falar sobre estas coisas.

(Seguem-se aqui comunicações muito íntimas, probatórias apenas para mim — entre elas, novos detalhes sobre a sua partida.)

W. F. B.: Sabes que encontrei uma mulher em quem estava interessado, que obteve mensagens extraordinárias. As circunstâncias eram tão peculiares que eu não quis ver-me envolvido nelas, mas estava muito interessado e desejava saber mais detalhes. Obteve mensagens, aparentemente, de Crookes.

F. E. B.: Vinham de Crookes?

O último artigo lido pelo W. F. B. na S.P.R. fora sobre o tema desta mediunidade em particular, com uma discussão sobre a

questão de saber se as mensagens provinham ou não de Sir William Crookes. Daí a minha pergunta.

W. F. B.: Havia mensagens, mas infelizmente foram aumentadas pela capacidade dela de ler memórias de coisas escritas na atmosfera. Não quero dizer que não fossem genuínas; algumas foram transmitidas por Crookes — não todas. Mesmo enquanto Crookes as transmitia, a mente subconsciente dela elaborava-as; não muito interessante; encontrei a senhora; sabes que ela está por cá, mas sinto-me contente agora por não ter entrado nisso de forma demasiado profunda do teu lado, ter-me-ia envolvido em complicações que tornariam difícil alcançar a verdade. Aqui é claro; houve algumas comunicações, aumentadas pela subconsciência da própria mulher, mas ela era uma médium bastante maravilhosa, embora sem treino e não desenvolvida.

As complicações eu não as compreendi na altura, mas foram-me contadas algumas semanas mais tarde por uma amiga da senhora que nada sabe sobre esta sessão. Segue-se alguma discussão sobre fenómenos físicos e conselhos sobre como obter os melhores resultados. Fora o tema em discussão no Comité a que presidiu na tarde do dia da sua morte.

F. E. B.: Como poderia eu convencer as pessoas da tua identidade, de que és realmente tu próprio que está a falar comigo?

Ocorreu-me que eu estivera absorvida pela naturalidade de toda a nossa conversa, mas, se fosse desafiada a dizer como sabia que era o próprio W. F. B. que comunicava, como poderia prová-lo? Daí a pergunta.

W. F. B.: Depende inteiramente de quem pergunta.

F. E. B.: Bem — digamos, Sir Oliver Lodge.

W. F. B.: Ele ficaria extremamente satisfeito com as coisas de que te falei, as quais me agradam e interessam mais. Outros não seriam atraídos por aquilo que te disse; ficariam mais satisfeitos se eu dissesse que o papel de parede no canto do meu

quarto estava um pouco rasgado e que agora sinto um papel novo. Isso atrairia um tipo de mentalidade. Lodge poderia estar interessado em ouvi-lo, mas não desejaria vir conversar sobre o assunto: falaria sobre o género de coisas que temos estado a dizer.

Um mês antes da sua morte, ele apontara que o papel de parede num canto do seu quarto estava rasgado. O quarto tinha sido novamente empapelado. Tinha mandado reparar um puxador de porta danificado recentemente e era sempre muito minucioso em que as reparações fossem feitas de imediato quando necessárias.

W. F. B.: Lodge está mais perto do aspeto maior e mais grandioso das coisas do que a maioria. Agora quero dizer isto: eu tinha uma boa idade quando parti. Lodge está a chegar a uma boa idade. Reparaste que todos nos tornamos um pouco impacientes com os detalhes menores — com os chamados testes? Desejávamos saber não tanto estas pequenas coisas — papel de parede, puxadores partidos nas portas, testes de livros (embora esses me interessassem muito) —, mas desejávamos ouvir falar da outra terra. Poderia pensar-se que constitui evidência de decadência senil — tem sido pensado por pessoas ignorantes —, mas não é assim. Lodge está a realizar outras coisas nas quais necessita de todos os seus poderes físicos, mentais e criativos.

Creio que se trata do facto de, à medida que nos aproximamos do momento em que nós também poderemos viajar para esse país pouco conhecido, as nossas almas já terem levantado voo e realizado viagens exploratórias, aclimatando-se, por assim dizer, às condições às quais em breve pertencerão. Sinto-me certo de que tal ocorreu no meu caso, e está a acontecer no caso de Lodge. Não quero dizer que ele vá partir em breve — sinto e espero que tenha ainda muitos anos pela frente —, mas, no decurso normal dos acontecimentos, deve encontrar-se perto desse momento.

Outro tipo de mentalidade perguntaria o que eu poderia fazer por ela — se poderia profetizar algo útil ou ajudá-la? Outro diria se eu a poderia curar? Cada um me pediria para me provar de uma forma diferente.

Sinto que devemos prosseguir com as atuais linhas de comunicação, mas compreendo que estas são muito limitadas.

A cada um de nós é apresentado, à nascença, o seu próprio e pequeno telefone privado. Deus deu a cada um de nós um canal, um sentido, através do qual podemos alcançar os que estão do outro lado. Sabes, minha querida, a maioria das crianças dá indícios de poder psíquico, mas este desgasta-se perante a incompreensão, o antagonismo e tantos factos materiais duros que parecem opor-se à sua observação — muitas crianças são naturalmente anuladas por isso.

Em breve — poderão ser meses, poderão ser anos — seremos capazes de desenvolver novamente essas faculdades perdidas.

Tu não as perdeste — possui-las num grau notável (mas debes estar mais consciente delas — usá-las mais: estão um pouco ferrugentas: há alguma rigidez no funcionamento) — é por isso que recebes tanto de mim. Mais tarde serás capaz de as trabalhar mais, mas não debes trabalhar demasiado por agora. Estou igualmente contigo. Eu fico com a melhor parte, porque te posso ver com toda a clareza, mas tu não me podes ver a mim. Sinto-te de forma tão distinta que não necessito de registar sempre impressões através do olhar, embora o faça por vezes.

Já tens a pintura toda terminada? Alguma estava feita e outra para fazer mais tarde — pintura clara e aguadas nas salas grandes. Bem que precisavam, mas não te quero apressar — apenas o menciono para que saibas que estou interessado nisso. Poderei precisar de ajuda para te encontrar outra criada — sinto alguma incerteza no ambiente doméstico — aquela que limpa os quartos e as coisas. Sou muito minucioso com as pessoas em casa — não é apenas o trabalho que importa, mas elas próprias.

Disto eu não tinha qualquer conhecimento na altura, mas a incerteza já tinha surgido na mente de uma criada em particular por causa da saúde débil da sua mãe.

A 21 de setembro de 1925, o Rev. W. S. Irving manteve uma sessão com a Sra. Leonard, na qual se dizia ser a sua falecida esposa a comunicante. Esta sessão parece ter sido aproveitada por W. F. B. para fazer passar novas provas de identidade e do interesse pela sua antiga casa. Foi transmitida a seguinte mensagem: (Comunicante, Sra. W. S. Irving.)

«Sir William Barrett convidou-me a obter um teste de livro da casa dele e garantiu-me que lá seria perfeitamente seguro, pelo que eu não devia ter receio de que estes testes se estragassem de alguma forma, porque a Médium nunca viu a casa e poucas pessoas entram agora nessa divisão em particular, pelo que ele pensou que seria um local muito seguro. Ora, é uma sala na qual ele costumava sentar-se frequentemente, a sala que usava principalmente para se sentar, ler e escrever. Existe apenas uma sala que ele fizesse questão de usar dessa forma, pelo que não há que enganar.

Ao entrar, nota-se de imediato que há lá uma boa quantidade de livros. Ao entrar pela porta, existem livros mais perto do primeiro canto do lado esquerdo. Quero que vás à segunda prateleira a contar de baixo e tires o 7.º livro a partir da esquerda, para o abrires na página 11. Fala-se na página 11 de “força acrescida, poder acrescido, maiores oportunidades”, e ele gostaria que a esposa pensasse nele dessa forma, e eu gostaria que tu pensasses de mim dessa forma.

«Dentro de um palmo, na parte exterior de outro livro, encontram-se palavras que descrevem a tua vocação, a tua profissão, o teu trabalho.»

O Rev. W. S. Irving relata:

«No dia seguinte à sessão, desloquei-me à casa de Sir William e Lady Barrett ajudou-me gentilmente a verificar os

testes. Eu não conhecia anteriormente Lady Barrett, nem tinha estado no interior desta casa.

«O primeiro livro indicado — o 7.º livro a partir da esquerda na segunda prateleira — era *The Mystic Way*. A página 11 trata da evolução. Encontrei nessa página as seguintes frases: — “A Vida possui apenas uma forma de atingir qualquer estágio ou estado. Tem de crescer para ele. Daí que a história do Espírito seja para nós a história do crescimento.” ...

«“A alma”, diz um grande psicólogo, “não é mais absoluta e imutável do que o corpo.” O segundo livro — dentro de um palmo — tem o seu título na parte exterior — *Religion and Life*, de Elwood.»

Não posso deixar de pensar, contudo, que os testes de livros não constituíam a prova principal que se desejava transmitir. No final da sessão, a comunicante afirmou: «Sir William disse-me há pouco que ficaria contente se eu tentasse obter um teste da casa dele, porque ele está lá todos os dias e sente que é tanto a sua casa como quando se encontrava aqui no corpo físico.

«“Espera — há uma parte que ainda tenho de te dar daquela sala. Era: perguntarias à minha esposa se um quadro foi retirado daquela sala mesmo há pouco, no último dia ou dois?”»

Eu tinha retirado um quadro recentemente e fui lembrada da data exata da sua remoção; pois a minha criada disse: «Foi no último dia da Exposição de Rosas: a senhora entrou com os braços cheios de rosas, poisou-as para retirar o quadro e eu levei-o para cima no dia seguinte». Eu tinha retirado o quadro três dias antes da sessão, e a minha criada levou-o para cima dois dias antes da sessão. A data da sessão de Irving foi segunda-feira, 21 de setembro. O quadro foi retirado a 18 de setembro e removido no dia 19.

CAPÍTULO 3

28 de Dezembro de 1925

Sessão com a Sra. Leonard

Após discutir alguns assuntos privados, o W. F. B. afirmou:

W. F. B.: Há uma das criadas que vai sair? Não é que ela queira sair, mas sinto que poderá ter de o fazer. Poderei estar apenas a captar pensamentos, mas ouvirás falar disso mesmo que ela não se vá embora.

Pouco depois, ouvi realmente falar disso da seguinte forma. Mantive uma sessão com uma médium desconhecida que não tinha conhecimento de mim ou dos meus assuntos. Ela disse: «Quem é a Nelly?». Eu disse: «Por que pergunta?». Resposta: «Porque este homem está a chamar “Nelly, Nelly” duas vezes assim e diz: “Nelly, lembras-te?”». Nelly era a criada que tinha cuidado sempre do W. F. B., pelo que lhe contei o que tinha sido dito e perguntei se compreendia o significado.

Ela disse: «Sim — Sir William fez-me prometer que nunca a deixaria a menos que fosse absolutamente necessária na minha própria casa, e tenho andado bastante preocupada ultimamente porque receio que terei de ir para casa». Voltou passados uns minutos para perguntar: «Ele chamou “Nelly, Nelly” duas vezes assim?». Eu disse: «Sim, por que pergunta?». Ela disse: «Porque o oiço sempre chamar assim se a senhora não estiver bem. Fez isso quando a senhora estava na Itália e mais tarde soube que a senhora tinha estado especialmente doente nesse dia». Fora no sábado antes da Páscoa, e viajei de Santa Margherita para Roma nesse dia, na fase inicial de um ataque de gripe. Em última análise, Nelly teve de sair após a morte da mãe para ir para casa e governar a casa do pai.

W. F. B.: Vais ter períodos muito atarefados em duas ou três direcções — não apenas no teu trabalho, mas no meu. Estás a terminar o livro. Estou satisfeito, não apenas com o que está feito, mas com o que está a ser feito. Tenho estado a ajudar nisso — não apenas a ti, a outra pessoa também. Tenho trabalhado através de ti e do outro. Algo está a ser apagado mesmo no início e

alterado — é uma melhoria, não uma página inteira, apenas algumas palavras.

F. E. B.: É o título?

W. F. B.: Sim. Está melhor agora para os fins atuais. Tiveste dois antes, primeiro um, e alteraste-o para outro, e agora voltaste a algo de que se falara mais cedo — uma reversão.

Perfeitamente verdade — o título de *Visions of the Dying* tinha sido alterado duas vezes desde a última sessão para *Deathbed Visions*.

W. F. B.: Vai ser publicado em dois locais quase simultaneamente e, num deles, será lançado em duas formas, com as quais concordo e que quero que tu aproves também. Isso tu sabê-lo-ás mais tarde. Vou encarregar-me de que isso aconteça.

Poucos dias depois, uma carta do Sr. John Murray dava conta dos preparativos para publicar na América e em Inglaterra. Na América, em parte pelo envio de páginas impressas em Inglaterra e em parte por serem impressas nos E.U.A.

W. F. B.: Tiveste um pequeno problema no ouvido que te fez pensar em como seria incómodo usar um aparelho como eu usava?

Sim — surdez temporária num ouvido que me fez lembrar dele.

W. F. B.: Nós confiamos na percepção por cá — algo que está acima da razão, acima do pensamento lógico comum —, algo que captamos em relances mesmo na nossa vida na Terra: tu e eu e todos nós dependemos, para os nossos melhores esforços, de algo a que chamamos inspiração ou intuição — apenas o captamos em relances na Terra. Trabalho muito por inspiração por cá: gostaria de o ter feito mais do que fiz na Terra.

F. E. B.: Conta-nos como é a tua vida agora. Em que é diferente da nossa?

W. F. B.: É muito diferente.

(1) Porque existe libertação do sofrimento físico, da velhice, de qualquer tipo de deterioração no corpo — de facto, diria deterioração de qualquer espécie que seja. (2) Tudo aqui é progressivo — dar passos para a frente e para diante, não há retrocessos; mas, indubitavelmente, a libertação das limitações da doença e da decadência coloca-nos numa base de trabalho diferente, deixando-nos mais livres para exercitar esses poderes superiores que, indubitavelmente, todos possuímos mesmo nos nossos corpos físicos. Eu senti-os: tu sentiste-os.

F. E. B.: Como é a vida em detalhe diferente?

W. F. B.: Bem, não como nem bebo: sou nutrido a partir de fora: isto é, não absorvo nutrição através da boca, mas através dos poros da minha pele. Assumo que façamos isso até certo ponto na Terra: se não nutrição, absorvemos propriedades vitais através dos poros da pele e do ar que respiramos.

Resido numa casa — muito parecida com qualquer casa na Terra —, algumas das divisões são semelhantes às divisões de casa. A minha mente necessitava das divisões de casa. Normalmente encontram-nos em ambientes que se tornam o hábito ou a necessidade da mente durante os nossos últimos anos; não somos transplantados para ambientes inteiramente diferentes.

A Natureza nunca transplanta a não ser para condições tão congêneres quanto possível, e tão parecidas quanto possível com as condições que prevaleciam em primeiro lugar. Por isso, aqui encontramos-nos em ambientes muito semelhantes.

A minha casa parece construída de tijolo, pedra, argamassa e gesso. A tua casa parece construída de tijolo, pedra, argamassa e gesso — mas parece —, pois o que é a pedra? O que é o tijolo? O que é a argamassa? O que é o gesso? O que eram no estádio embrionário? O que serão daqui a uns anos?

Grosseiramente falando, são vários tipos de pó mantidos unidos e separados por uma substância a que chamamos éter — encontrando-se o éter animado pela força em que eu tanto me

interessava aqui, a força vital. A substância real num tijolo é infinitesimal: a substância real num tijolo na minha casa é ainda mais infinitesimal, porque dependemos muito mais do que vós da moldagem com o éter do que com a substância atômica.

Vós não podeis moldar com o éter à vossa vontade; nós podemos. Nós trabalhamos diretamente no éter — vós trabalhais na matéria atômica. É o éter que constitui o ponto importante, e a força vital que nele habita.

Uso vestuário; produzimo-lo através do pensamento, mas não fui eu que produzi o meu próprio vestuário.

F. E. B.: Quem o fez?

W. F. B.: Um alfaiate. Poderia chamar-lhe um produtor de vestuário, mas «alfaiate» constitui uma descrição muito boa. Não sou hábil ou perito na produção de fatos, mas outros são, e eles não podem realizar o meu trabalho. Cada um no seu ofício por um certo tempo. O meu alfaiate poderá um dia realizar o meu trabalho, mas, durante um tempo considerável após a partida, ele sente-se mais feliz no seu próprio ofício.

Sinto-me confortável num fato. Alguém tem alguma objeção a que eu use um? Sim, muitos terão, mas não teriam qualquer objeção a uma túnica de linho branco. Aí reside a incongruência — a ... irracionalidade. Eu poderia ter uma veste de linho branco na qual me sentiria extremamente desconfortável, mas estaria impedido de usar o vestuário mais adequado para mim.

Estou a tentar encontrar uma filosofia prática que seja útil e um guia para os que estão na Terra a tentar lutar por um plano ou ideia de vida definida. Do sítio onde me encontro agora, parece-me que a maioria das pessoas nem sequer luta, mas caminha à deriva, sem rumo, cegamente, porque não dispõe de uma filosofia definida como ponto de partida.

O Myers e tantos de nós por cá estamos a tentar encontrar formas e meios de vos apresentar isso na Terra de uma maneira

simples, para que o possas expressar ao homem comum que tanto necessita disso.

Somos muito mais felizes do que vós, porque até o mais humilde por cá tem consciência de Deus. Tu perguntavas-te se os ensinamentos do Cristianismo seriam essenciais para a raça humana; quanto mais tempo passo deste lado, mais convencido estou de que assim é.

O Myers tem sido uma grande ajuda para mim. Essa é outra coisa, outra diferença: — na Terra é difícil encontrarmo-nos, conversar e trabalhar facilmente com aqueles que nos poderiam ajudar, mas aqui, se a ajuda de alguém for necessária, dispõe-se dela. Ansiava por estar com o Myers e conversar com ele — por saber e ver coisas que ele podia ver e saber.

Encontrei muitos, não apenas os que partiram recentemente, mas há muitos milhares de anos. Não resido com eles nem os vejo frequentemente, mas tem sido meu privilégio encontrá-los, vê-los e saber que existem. Encontrei alguém de quem possuis uma espécie de busto ou quadro em casa.

F. E. B.: Creio que não.

W. F. B.: Eu sei — é de alguém que partiu há muito tempo, em quem eu estava interessado do teu lado, embora nunca tivesse conhecido; e fiquei encantado por o encontrar. Partiu antes de eu o poder ter conhecido. Está encostado à parede, com madeira escura junto dele.

F. E. B.: O que está o homem a fazer?

W. F. B.: Encontra-se numa esfera muito mais elevada; apenas o vejo ocasionalmente: ele também está a tentar ajudar através de uma filosofia de — uma espécie de conhecimento da — vida espiritual. Tu tens um livro sobre ele também, um livro em particular. Eu também tenho esse livro onde me encontro agora. Podemos ter livros. Fico contente. Tu tens um exemplar. Quero que o abras na página 87. Encontrarás um bom resumo de uma ou duas coisas de que te falei hoje em ligação com a filosofia

de vida — especialmente no que respeita ao conhecimento e à intuição.

F. E. B.: Onde está esse livro?

W. F. B.: É tanto prosa como verso — e verso livre, alguns diálogos e verso livre de um carácter mais variado, bem como aquilo que estritamente se chamaria prosa. H está no livro — palavra ou nome. Não era inglês nem escocês — e existem personagens em tipo de letra diferente — não letras comuns —, mas certifica-se de olhar na página 87.

Creio que te será útil, que se enquadrará em muito do que estás a realizar justamente agora. Tenho o pressentimento de que na página precedente, perto do topo, há uma sugestão de depressão, preocupação, pensamentos tristes. Fiquei contente por passar para a página 87 depois.

Mas parece extraordinário encontrar esta pessoa. Lembras-te de que eu estava interessado nele e nos seus escritos em ligação com a investigação psíquica? Tu não estás sempre perto do quadro, mas estiveste perto dele recentemente. Isso colocou-me em contacto com ele de novo. H. É um quadro que não é propriamente feito de gesso. Existem folhas no quadro. No livro, no início, é mencionada uma grande quantidade de números. É castanho. Não será difícil encontrar o livro.

Um quadro tal como descrito encontra-se suspenso sobre a lareira numa sala em que eu raramente entrava na altura, mas tinha estado lá uns dias antes da sessão. O quadro é uma monocromia de um baixo-relevo do bardo cego, Homero, moldurado em carvalho escuro. Encontrei o livro que continha seleções dos escritos de Homero. Era um livro castanho que eu nunca tinha aberto antes. A página 87, contudo, nada apresentava relativamente a uma filosofia de vida, embora o livro contivesse de facto prosa, verso livre, diálogos, etc. Até ao momento tenho procurado em vão encontrar o livro de novo, pois este poderia fornecer referências mais exatas para este relato.

W. F. B.: Tenho estado a tentar enviar-te pensamentos alegres, felizes e fortalecedores. A ajudar-te a tomar boas resoluções mais no que respeita à vida mental do que meramente física — o que deves pensar e sentir mais do que o que deves fazer. Nós podemos ajudar-te. Não podemos realizar o teu desenvolvimento por ti, mas podemos ajudar-te na direção certa: embora não te possamos forçar a seguir por ela, podemos sugerir. Vejo-te a realizar uma quantidade invulgar de trabalho no futuro próximo: tens de o fazer — agora, quase de imediato.

Neste dia, 28 de dezembro de 1925, a Dame Louisa Aldrich-Blake, Diretora da *London School of Medicine for Women*, faleceu e, no início de 1926, fui convidada a tornar-me Diretora. Isso envolveu uma grande quantidade de trabalho novo, o que me obrigou a abandonar vários trabalhos que pareciam ser menos importantes.

W. F. B.: Está uma senhora comigo — não a minha mãe —, ela pertence mais a ti. Não parece idosa: o que tu chamarias no seu auge. Não se sente com uma amizade comum. Deseja enviar-te o seu afeto. Conhecia-te bem aqui; realizastes muito juntas — partilhando a vida juntas. B é o lugar.

Ada Vachell de Bristol.

W. F. B.: Ela deseja enviar uma mensagem a um homem — com duas sílabas no seu nome. Começa por A, como o A em Ah!, não o A em Amy, e ele encontrava-se ligado a B.

O seu irmão Alfred Vachell, também ligado a Bristol.

F. E. B.: Ela deseja enviar uma mensagem?

A.: Ele sente a minha presença, sabe que estou viva, mas não compreende isso como tu, mas sente e espera que eu esteja perto. É alguém que conheço muito bem; quero enviar o meu afeto e quero que ele saiba que estou feliz e ativa.

Isto representa com muita exatidão a esperança e a crença dele na sobrevivência, mas ele duvidaria da comunicação.

A.: Existe uma senhora com quem tenho andado preocupada ultimamente — ela não está muito bem. Gostaria que ela soubesse que a tenho estado a ajudar. Diz-lhe que gostei tanto da nova plantinha. É verde — não dá flor, mas tem algo a crescer nela. Não uma baga, pequenos nódulos — algo que ela obteve recentemente. Os pequenos nódulos verdes são duros.

A sua amiga M.G., que residia com ela, não se tinha sentido bem. Enviei esta mensagem ignorando por completo o seu significado. Ela respondeu da seguinte forma: «Compreendo a mensagem. Eu tinha plantado algumas sementes de toranja em vasos e elas cresceram transformando-se em árvores minúsculas, cobertas de flores brancas ao início e, posteriormente, de frutos com o tamanho aproximado de pequenas ervilhas verdes. Quando as regava um dia, estava muito consciente da presença de Ada, e as plantas estavam tão lindas que disse em voz alta: “Gostas delas, minha mulher?”. Esta mensagem parece ser a resposta. — M.G.»

W. F. B.: Procuraste algo com que escrever? Estou a dar-to: gosto que o tenhas.

Encontrei a sua caneta de tinta permanente quando procurava algo com que escrever.

W. F. B.: Andaste a fazer algo em relação a estores? Pensaste em dispor algo diferente para algumas janelas — escurecendo-as?

Eu tinha perguntado à minha criada se ela tinha colocado cortinas mais escuras na janela da sala de jantar; estávamos a conversar sobre elas na divisão.

W. F. B.: Gosto de andar de um lado para o outro e saber das pequenas coisas, bem como das grandes. Por vezes entrava numa sala sem nenhum objetivo especial quando estava aqui, e gosto de o fazer agora. Entro nas divisões contigo e nem sempre me mantenho imóvel: gosto de caminhar prestando atenção às coisas. Lembras-te de uma discussão sobre tocar sinetas e não chamar as pessoas? Mais parecida com pequenos argumentos sobre ser boa

política ou não. Não tenho a certeza de qual tinha razão, mas fui lembrado disso por algo ultimamente.

Eu tinha-lhe pedido para não chamar mensagens à medida que passava pelas escadas para a cozinha, porque, quando a criada subia, isso significava frequentemente uma longa conversa no exterior de uma sala onde um médico se encontrava a atender doentes. Eu tinha-lhe pedido para tocar a sineta para a criada, porque assim sabia que a conversa teria lugar no seu próprio quarto. Uns dias antes da sessão, vinda do quarto dele, fiz eu própria a coisa que tinha desaconselhado.

W. F. B.: Um afeto especial — um afeto especial. Quero especialmente hoje dizer «vou contigo», pois é para um sítio especial que tu vais, não para casa, e estou bastante interessado e satisfeito.

Eu ia almoçar ao campo com um amigo comum.

CAPÍTULO 4

6 de Março de 1926

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Estou satisfeito em relação ao livro. Vejo-o a avançar agora — as coisas chegaram muito mais longe do que quando estiveste aqui da última vez. Tudo correu muito bem. Algo está a acontecer em relação a ele quase de imediato — estou

certo agora de que está a ser impresso — na verdade, constitui um facto consumado num certo sentido. Estou muito satisfeito com a forma como foi conduzido. Tu fizeste-o muito bem, mas sinto-me grato a um homem também e, se pudesse, gostaria de lhe agradecer, pois ele parece ter captado as minhas ideias sobre o que era necessário.

Não permitas que ele compreenda mal isso. Não retiro o mérito a todas as suas próprias ideias e à quantidade de trabalho e de pensamento que ele dedicou a isso. Não gostaria que ele pensasse que eu disse que ele apenas refletiu o pensamento, mas ficou exatamente como eu próprio teria feito. Estou muito satisfeito, muito satisfeito.

Tiveste de pesquisar algum assunto muito antigo para este livro? Lembrar-te-ás depois — ele deu-se ao trabalho de fornecer alguma informação — pesquisando algo num velho livro de referência sobre coisas de há muito tempo — que não estavam na tua memória.

O Sr. A. Trethewy prestou de facto grande ajuda na preparação de *Deathbed Visions*, tanto na verificação de declarações de referência, na preparação do índice, como em conselhos muito valiosos.

A. V.: (falando da mudança para outra vida.) São as condições mais satisfatórias que se poderiam imaginar, porque são muito naturais, um passo de cada vez. Fiquei feliz e aliviada por verificar que era apenas um passo que me era exigido dar quando me mudei da Terra para esta condição. O ambiente em que me encontrei é extremamente parecido com o da Terra, sem fealdade, doença ou dor.

W. F. B.: Comigo foi diferente. Estava tudo à minha espera muito conforme eu tinha imaginado — apenas muito mais maravilhoso. Depois de ter descansado por um curto período, senti-me como um rapaz em dia de férias a explorar um novo

lugar maravilhoso sobre o qual tinha ouvido falar, conjeturado e imaginado, mas que superou em muito as minhas expectativas.

F. E. B.: Gostarei disso quando for a minha vez?

W. F. B.: Sim, gostarás, gostarás: tu gostas de qualquer lugar com possibilidades. Quando te encontras num beco sem saída mental ou físico, não gostas; mas vais adorar isto aqui — vais adorar. Para mim, constitui uma condição perfeita. É uma grande ajuda, quando se parte para este lado, estar sintonizado com uma ideia de como poderá ser, mesmo que não se tenha a certeza absoluta.

F. E. B.: Podes dar-me alguma ajuda no meu próprio trabalho?

W. F. B.: Interesse-me pelo cancro e quero ajudar-te. É no canal alimentar que o mal se origina.

F. E. B.: Como o podemos provar?

W. F. B.: Não falo da doença induzida, mas daquela que cresce naturalmente (tenho de usar essa palavra, embora não seja boa). Não se pode julgar pela doença induzida. O cancro possui sempre a sua origem no canal alimentar. Claramente, a limpeza interna constitui a única coisa que é absolutamente essencial para o prevenir: deve trabalhar-se para uma digestão e eliminação perfeitas. O regime alimentar tem imenso a ver com isso. Se tivéssemos o regime alimentar correto desde o nascimento ou desde a infância precoce, não poderíamos criar o cancro.

F. E. B.: Qual é o regime alimentar correto?

W. F. B.: O excesso de alimentos com amido constitui o regime errado; uma superabundância de comida estimulante é má. O excesso de estimulação produz uma espécie de irritação. Indubitavelmente, necessitamos dos sumos com diferentes sais que se encontram na fruta.

Necessitamos de fruta e também de cereais, por exemplo, trigo, cevada, aveia — não num estado demasiado refinado, de

modo a produzirem uma substância amilácea obstrutiva, mas sim um pão de trigo ou integral perfeito; limões frescos, maçãs, peras.

Tantas destas frutas caem mal, ou parecem cair mal, a pessoas cujos estômagos ou intestinos foram habituados, durante quarenta a sessenta anos, ao regime alimentar errado e, por conseguinte, se rebelam contra a imposição de um correto. Se estivesse encolhida e confinada numa posição em que tivesse de se agachar, sentiria uma dor e um desconforto terríveis quando pudesse retomar de novo uma posição vertical natural.

Durante algum tempo, a posição errada anterior pareceria preferível. É assim que o estômago reage quando se impõe um regime alimentar correto. Poderá estar demasiado cansado para responder de todo. O que se deve fazer é ensinar o regime alimentar correto às pessoas logo cedo na vida.

F. E. B.: Deve comer-se carne?

W. F. B.: Era justamente isso o que eu ia dizer. Tenho receio da carne. Creio que devemos aprender a nutrir os nossos corpos com os substitutos corretos para ela. Tanto quanto possível, deveríamos confiar nos alimentos vegetais, suplementados por laticínios, até termos educado os nossos órgãos internos a viver apenas da vida vegetal. Isso poderá levar várias gerações. As nozes são estimulantes e, onde não possam ser consumidas inteiras, podem ser raladas. O sumo de fruta manteria o canal alimentar limpo.

Naqueles em quem o cancro começa a desenvolver-se, se pudessem ser examinados numa fase precoce, verificar-se-ia a existência de uma grande quantidade de matéria putrefativa nos intestinos.

F. E. B.: O que se deveria fazer?

W. F. B.: Lavar. É necessário um desinfetante intestinal, e este deveria ser utilizado todos os dias se o cancro tiver começado. Removeria a causa do problema, e a doença veria então os seus mantimentos cortados, tornando-se apenas num

crescimento local e superficial. Defendo que a doença só pode ser maligna se existir um entreposto central com um local a partir do qual a toxina seja fornecida, ou matéria que crie força ou vida suficiente no cancro para permitir que o crescimento mantenha a sua malignidade.

F. E. B.: Este tratamento teria alguma utilidade numa doença avançada?

W. F. B.: Aliviaria, mas poderá não curar. Aliviaria e existiria uma forte possibilidade de cura. Já reparaste em um ou dois casos raros do que parecia ser um crescimento obstinado e maligno — cura-se a si próprio ou desaparece sem razão alguma, tanto quanto podemos discernir. Significa que algo cortou os mantimentos. Estes mantimentos eram como a seiva de uma árvore. Corta-a numa determinada parte ou ramo, e essa parte morre. É isso o que temos de fazer com o cancro.

Daqui a uns anos não haverá dúvidas sobre a sua origem. Sei que te lembrarás da nossa pequena conversa sobre o assunto. Não será contestado daqui a uns anos.

A obstipação e até a retenção parcial de matéria impura constitui a maldição da civilização. Acredito que a carne, sendo como é a parte principal do regime alimentar, se encontra na base de uma grande quantidade de problemas. Acredito que o reumatismo, a gota — na verdade, o envenenamento de qualquer espécie — possui origem neste mesmo canal —, tratando-se meramente de uma manifestação diferente do mesmo sistema de envenenamento. Todas as chamadas curas que temos tentado em relação ao cancro atacaram as manifestações e não a doença — ou seja, não a sede do problema, que eu considero ser a doença.

Apenas benefícios podem advir de tentar este tratamento num caso muito avançado. Tenho o pressentimento de que terás uma oportunidade de experimentar isto — de que serás capaz de o fazer em breve. Deve ter-se grande cuidado para evitar a distensão indevida por injetar uma quantidade demasiado grande de líquido

de uma só vez — pequenas quantidades duas vezes por dia, em vez de uma grande injeção administrada uma única vez. Não sou apologista de uma mudança súbita — antes de uma mudança gradual de regime alimentar.

Falei com um grande número de homens que se interessavam por este tema na Terra e que se deram ao trabalho de utilizar uma faculdade que seria melhor descrita como visão de raios X. Isto não constitui adivinhação da minha parte: eles foram capazes de ver a causa do problema e de observar a forma como este se desenvolve pelo corpo. Sabemos que o envenenamento se pode instalar de forma muito aguda e, no entanto, a doença parecer dormiente durante muito tempo, até que alguma irritação local ou algum choque seja desferido em qualquer parte do corpo, e isso atraia o veneno para a superfície, faça com que este se localize e, nesse caso, este se torne de imediato ativo. Mas se não existisse o choque ou a irritação local, o doente poderia viver durante anos na condição que consideramos razoavelmente boa — sofrendo de uma forma ligeira de reumatismo, indigestão, acidez, tantas das condições que aceitamos como parte natural da nossa vida física. A limpeza absoluta em todos os aspetos constitui a solução para a maioria dos problemas de doença.

Outro problema que me interessa imenso é o problema da hereditariedade. Uma das penalizações associadas ao sistema do nosso regime alimentar errado e da nossa vida errada é que transmitimos uma predisposição para estas doenças aos nossos filhos. Ouvi pessoas na Terra dizerem «A hereditariedade não conta para nada» — mas é preciso contar com ela. Pode ser superada, mas será mais difícil de superar na primeira geração do que na segunda e na terceira.

Mesmo que dê o regime alimentar correto de imediato a uma criança, tens a predisposição herdada para a doença com que contar, mas o regime alimentar correto superá-la-á com o tempo e, felizmente, toda a doença (tal como toda a vida) possui os seus

períodos de repouso — os seus períodos dormentes; embora a doença seja a antítese da vida e das forças da natureza, encontra-se sujeita às mesmas regras e leis, e o período de repouso constitui o momento para a combater. Muitas vezes a descuramos na sua fase dormente, que é também a sua fase de perigo para nós, porque nessa condição ela está a reunir novas forças com que nos atacar mais tarde.

Continuo a achar que as pessoas não deveriam trabalhar demasiado — nas mesmas linhas de que temos estado a falar —, porque isso produz congestão, mental e nervosa, e a congestão de qualquer tipo é de evitar. Mas não me preocupo contigo tanto quanto me preocupava, porque vejo que uma pessoa pode trabalhar arduamente e encarar as coisas de forma diferente de outra pessoa, que não trabalha tanto, mas se encontra mais consciente da exigência da vida. É a consciência disso que constitui o perigo.

Quando passas a estar consciente, é a Natureza a apelar para que pares. Algumas pessoas continuam por mais tempo antes de atingirem o estágio em que tal tem de acontecer. Sinto também que o trabalho que é produtivo não é tão cansativo como o trabalho improdutivo. É «lançar o pão sobre as águas».

A. V.: Deixei-te uma carta da última vez? O dele é o nome de algo com que eu estive muito ligada — Ho — não um hospital — é mais agradável do que um hospital — não é mantido por nenhuma via pública. É um local agradável com uma boa dose de amor nele.

W. F. B.: Serviço amoroso. A Ada pode ainda ajudar nessas vertentes a partir do sítio onde se encontra agora.

Estas mensagens referem-se evidentemente a uma Casa de Férias no Campo que a A.V. fundou em ligação com a *Guild of the Handicapped*, perto de Bristol.

A. V.: Sabias que tenho um lar deste lado — não para mim, mas para os outros virem?

F. E. B.: Para que serve?

A. V.: Usarei este termo — pessoas que ainda não estão totalmente sãs de mente ou de corpo. Há pessoas que partem para este lado que não sabem como usar as suas mentes e os seus novos corpos. Algumas tiveram uma doença longa e penosa, talvez mais da mente do que do corpo, e não conseguem aprender a usar as suas mentes de imediato: por isso temos lares nos quais são ajudadas, através de um tratamento e de um companheirismo amorosos e simpáticos, a restabelecerem-se inteiramente. É isso o que eu adoro fazer, só que agora o posso realizar de uma forma ideal, ao passo que na Terra existiam dificuldades.

9 de Abril de 1926

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Sinto-me feliz por ter uma sessão perto da Páscoa, esta traz uma mensagem definitiva de esperança para todos. É vida nova, esperança nova, força nova, e é correto que a Páscoa tenha chegado na primavera, porque as duas harmonizam-se muito bem uma com a outra. Esta Páscoa, tentei especialmente trazer-te toda esta força e paz, e creio ter sido, até certo ponto, bem-sucedido em trazer estas condições para o teu redor. Estou a trazer-te força e paz especialmente esta Páscoa, porque há uma quantidade imensa de coisas para realizar.

Tenho estado muito contigo ultimamente e creio que o soubeste. Quero prosseguir com as minhas indagações, não apenas na investigação psíquica, mas no teu trabalho. Quando

estava na Terra, interessava-me imenso pelo teu trabalho, embora não fosse o meu, e se fosse mais jovem ter-me-ia interessado ainda mais por ele. Mas verifico que posso fazer ainda mais do que julgava possível.

Todas as semanas ele costumava ler o *British Medical Journal* e o *Lancet* para me fazer um resumo dos mesmos, para o caso de eu perder algum artigo de importância.

W. F. B.: Estou mais do que nunca convencido de que, nas linhas que te indiquei, se encontra, não direi a cura, mas as medidas preventivas corretas a tomar contra o cancro, e certamente um grande alívio pode obter-se através do regime alimentar e da limpeza interna.

Há algo que quero fazer passar no que respeita à teoria dos germes — uma ampliação —, referindo-me aos gases externos libertados nas chamadas doenças infecciosas — é da maior importância se eu for capaz de o transmitir. A condição prejudicial libertada por uma pessoa infetada não se deve apenas às bactérias, mas aos gases nos quais as bactérias vivem, infetam e envenenam. Desejo dizer que o mal não reside no germe, mas na sua aura. Reparámos que a forma mais fácil de ficar infetado consiste em respirar, em introduzir as bactérias no organismo.

Mas para que estas infetem alguém, isto é, para haver a certeza de que a pessoa ficaria infetada, seria necessário introduzir não apenas as bactérias, mas uma certa quantidade do gás — as bactérias não podem viver a não ser no gás. As bactérias de qualquer tipo necessitam do seu próprio gás para viver. Se o gás for prejudicial, as bactérias tornam-se bactérias prejudiciais; se for bom, tornam-se benéficas.

Como vês, todos nós estamos a libertar algum tipo de gás ao longo de todo o dia, de toda a noite; cada parte de nós liberta este gás ou éter, conforme prefiras chamar-lhe. Uma parte saudável do corpo liberta um gás diferente de uma parte não saudável ou doente. Este gás, escusado será dizer, é totalmente invisível; isto

é, não é possível localizá-lo presentemente; mas sê-lo-á. Em muito pouco tempo, na verdade, daremos um passo em frente e não só localizaremos o germe, como fazemos agora, mas localizaremos a aura do germe. É tudo o que posso dizer sobre o assunto de momento.

A condição presente, seja ela qual for, não me permitirá dizer tudo o que desejo sobre um tema definido; mas, por agora, é como se estivesse a esgotar uma certa quantidade de material, e depois tenho de mudar e usar um material novo. Terei outras coisas interessantes a dizer sobre isso mais tarde. Mas o que desejo especialmente dizer de momento é isto:

Teremos oposição em certos quadrantes a esta ideia, mas num tempo comparativamente curto, enquanto ainda estiveres por cá, verificarás que esta teoria está a ser aceite; outras pessoas dirão que a descobriram, mas será nas linhas que acabo de indicar. A Ada envia o seu afeto. Diz que o lar está a correr muito bem, não o da Terra, o que ela possui agora. Diz que estiveste nele com ela. Tu viste-o — não no teu sono — não é a forma mais correta de o dizer —, mas estiveste fora do teu corpo e viste o lar e aprova-lo.

Sabes, quando ela estava aqui, interessava-se por um Lar que não ficava propriamente em Londres, mas mais nos arredores, onde existem campos? Porque ela está a mostrar-me um quadro do lar que possui agora e diz que é parecido com o lar que viu, e não é um daqueles em Londres, mas no campo — flores e árvores ao redor. Não consigo ver a água, mas ela diz que está lá, diz que havia água perto, não o mar, apenas um pouco de água interior bastante perto, e acredita que tu poderias averiguar sobre isso. Conhecia-o muito bem, o curso de água, a apenas uma curta caminhada da própria casa.

Pensei que tal não pudesse ser assim, mas, após indagar, verifiquei que a partir de um canto do jardim da *Guild House*, em

Churchill, ou de um campo adjacente, se consegue ver a água conforme descrito.

W. F. B.: Ela diz que não é apenas para crianças do outro lado, possui adultos lá também, e diz que os acolhe quando partem para este lado; têm estado a sofrer e infelizes durante muito tempo e foram tratados lá, não porque possuam essas condições agora do outro lado, mas pelo hábito de pensamento que se produziu através da condição que tiveram na Terra; isso é o que tem sido eliminado, e ela diz que é para isso que serve o seu lar. Mas sinto que ela possui uma grande simpatia por todo o tipo de problemas. Esse era o trabalho para o qual estava mais apta: era a ajuda mental que lhes dava, não apenas a ajuda física — o ambiente.

Há duas pessoas que conheceste ultimamente, desde a última vez que estiveste aqui, que me interessaram e me transportaram de volta ao tempo em que me encontrava na Terra. Lembras-te de, há muito tempo, teres encontrado a Médium numa rua num local de campo, numa ilha? Foste lembrada desse lugar há pouco tempo, e isso fez-me recordar o facto de a ter visto lá. Não é importante, a não ser para partilhar contigo a recordação.

Eu tinha estado com o Louis e a Olive de Sibour na cidade. Quando estivemos hospedados com eles em Shanklin, encontrámos realmente, um dia, a Sra. Leonard e as suas amigas a passear.

W. F. B.: Penso que, olhando para trás, tive uma longa vida de notável felicidade, e especialmente no período em que a maioria das pessoas se encontra a descer a encosta e a ficar deprimida. Fui extraordinariamente feliz, e gostava de pequenas piadas e espero que tal não te tenha preocupado. Havia uma piada sobre um homem que encontrei na estrada, uma sobre um homem estúpido numa estrada.

Um peão perguntou a um homem sentado à beira da estrada quanto tempo demoraria a chegar a Bristol. «Siga», disse o

homem. Ele perguntou de novo, e de novo o homem disse: «Siga». Ele continuou a andar, dizendo: «Idiota chapado». «Levará meia hora», chamou o homem. «Por que não pôde dizer isso antes?», perguntou o peão. «Porque tinha de ver a que velocidade caminhava», foi a resposta.

W. F. B.: Vou-me embora agora. Tenho a ideia de um cão, um cão de que estou a cuidar por ti. Partiu para este lado. Tu tiveste-o. Estou a guardá-lo para ti; é um cão bastante pequeno, mas está bem. Não consigo fazer passar o nome dele; trá-lo-ei de novo. Fiquei muito satisfeito por verificar que os animais viviam deste lado. Apenas os animais que nos amavam.

Ver referência: Sra. Barkel, 9 de março de 1929.

CAPÍTULO 5

9 de Agosto de 1926

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Não deves assinar aquele papel dela — o da mulher.

F. E. B.: Queres dizer o da médium?

W. F. B.: Sim, não deves assinar o papel que ela tem na mesa para ti. Tenho certas coisas e trabalho que quero realizar contigo, e impedir-me-á de realizar essas coisas mais importantes se colocares o teu nome num papel desses. Com certeza que deves fazer como entenderes, mas espero que não o faças.

F. E. B.: Com certeza que não o assinarei se não desejares que o faça.

W. F. B.: Com certeza absoluta que não desejo que o assines. Espero ajudar e influenciar as pessoas através de ti, mas muitas delas ficariam pré-datadas contra ti de antemão.

F. E. B.: Não o assinarei se não o queres.

W. F. B.: Não o quero. Não sou contra ninguém afirmar aquilo em que acredita, mas a tua profissão — quero ajudar-te

nisso também, e estragaria tudo se desses o teu nome agora a uma coisa dessas.

Algum tempo antes desta sessão, a Sra. Leonard enviara-me um projeto de prefácio para o seu livro, o qual me pedia para assinar. Sir Oliver Lodge tinha prometido fazê-lo também. Nele se declarava que «Estamos convictos de que, através da Sra. Leonard, fomos colocados em comunicação com os nossos amigos falecidos».

Escrevi e referi que ela estaria provavelmente a solicitar a minha assinatura na qualidade de mulher de ciência e eu não dispunha de provas suficientes para demonstrar aos pesquisadores o que se pretendia: estava perfeitamente disposta a afirmar que mantinha confiança na sua idoneidade. A Sra. Leonard tinha respondido que o Sir Oliver também não gostara do prefácio e o ia reescrever. No final deste conselho muito enfático para não assinar o papel, a sessão prosseguiu.

No fim, quando a Sra. Leonard saiu do transe, pegou num papel que estava na mesa e disse: «Este é o prefácio que o Sir Oliver escreveu; estou certa de que estará disposta a assinar isto». Senti que o único caminho consistia em contar-lhe justamente o que tinha sido dito na sessão. Ela pareceu muito desapontada, mas, após escassos momentos de silêncio, disse: «Bem, sei que eu própria não faria nada se recebesse uma mensagem dessas do outro lado, pelo que não lhe posso pedir que o faça; mas lamento».

W. F. B.: Vou regressar ao que estava a falar da última vez. Senti que a maioria das pessoas diria «Disparate, a ciência desmentiu-o». Estava a falar de gases venenosos ou destrutivos, e especialmente em relação a várias bactérias. Daqui a uns anos — enquanto ainda estiveres por cá — constitui-lo-á um facto estabelecido, a saber, que as bactérias não são malignas a não ser por causa dos gases. Não quero colocar as bactérias numa única classe — existem géneros e tipos diferentes —, mas essas

constituem apenas diferenças de forma; nenhuma seria maligna se não fosse por causa destes gases. Acredito que existe uma extrema semelhança entre a forma, a configuração e o tipo de bactérias que pertencem a doenças inteiramente diferentes e, no entanto, as bactérias revelam-se muito semelhantes.

Ora, tu dispões de raios que são capazes de desagregar o gás — mas alguns dos raios, na forma como os possúis agora, não conseguem alcançar em todos os casos a região ou localidade do gás. Devemos ou encontrar uma forma de intensificar os raios, de modo a que possuam maiores poderes de penetração, ou devemos encontrar alguma forma de induzir o gás a vir à superfície, para que o possamos atacar com os raios.

Creio que podemos fazer uma ou ambas as coisas em breve. Trata-se de algum tipo de raio — provavelmente o mesmo já descoberto, mas torna-se necessário um ajuste. Parece-me que tudo é uma questão de ajuste. Não necessitamos de novos poderes, mas sim de aprender a ajustar aqueles que já possuímos. A eletricidade, nas suas fases iniciais, era utilizada de uma forma rudimentar e elementar — era ajustada rudimentarmente: a eletricidade não melhorou em si mesma, mas nós aprendemos a manipulá-la e a ajustá-la. O vapor não melhorou nem se alterou de forma alguma, mas nós aprendemos a ajustá-lo.

F. E. B.: Encontrei uma amiga minha que partiu recentemente?

Uma amiga minha médica fora atropelada por um automóvel e falecera em poucos minutos, antes de poder ser levada para o hospital. A impressão transmitida a seu respeito é fiel à realidade.

W. F. B.: Sim, foi súbito — muito inesperado tanto quanto a Terra podia ver, mas não inesperado do nosso lado.

F. E. B.: Viste-a?

W. F. B.: Sim, mas não constituiu um acidente comum, foi planeado do nosso lado — inevitável —, algo que se permitiu que acontecesse. Pareceu à Terra uma tragédia, mas sinto, e ela

também agora, que ela tinha de partir para este lado por duas razões:

(1) Para a impedir de realizar algo na Terra. (2) Para lhe permitir trabalhar deste lado e realizar coisas aqui de forma muito mais completa e feliz do que poderia na Terra.

Ela não era totalmente feliz na Terra, embora ninguém o soubesse. Encontra-se consciente e sabe o que aconteceu. Possui uma mente alerta para as coisas, rapidamente aberta ao facto de ter partido para este lado e ao que se passou, e sente-se contente. Poderia facilmente ter-se sentido rebelde, pois a sua vida não estava terminada conforme desejava. Poderia ter feito muito mais por outras pessoas. Parece tão duro — mas ela não sente isso. Encontra-se muito interessada, mas não dispôs de tempo para aprender tudo de uma só vez, mas está acordada e a tentar compreender.

Não lhe contei que estaria a falar contigo hoje por uma razão especial — não queria que ela viesse comigo até estar mais habituada às coisas. Receio que isso despertasse toda a espécie de problemas na sua mente, os quais é melhor ela colocar de lado por agora, porque atualmente encontra-se em paz, feliz e interessada, e não demasiado em contacto com as condições da Terra que ocorreram em ligação com a sua partida.

Estava ela preocupada justamente antes de partir? Porque a estão a guardar especialmente de algo que lhe possa trazer de volta a condição de choque — um golpe —, não gosto da palavra, mas transmite a ideia. Algo correu mal — um atraso — um pouco antes de acontecer realmente, o que não ajudou as coisas quando aconteceu. Sabes se algo sofreu um atraso ou ficou um pouco retido?

Dizia-se que ela hesitara na estrada. Olhado do ponto de vista da Terra, pareceu uma coisa terrível — lamentável —, mas quero dizer-te que, de uma forma curiosa, era para ser assim — era para ser assim.

CAPÍTULO 6
8 de Fevereiro de 1927
Sessão com a Sra. Leonard

O Arquidiácono Talbot (mais tarde Diretor de Rochester) tinha-me pedido para lhe reservar, se possível, uma sessão com a Sra. Leonard, já que o seu filho Michael falecera recentemente e ele esperava conseguir entrar em contacto com ele. Eu tinha sido bem-sucedida em reservar uma para a semana seguinte a 8 de fevereiro e, antes de me dirigir à sessão aqui registada, tinha pedido em casa que, se possível, o W. F. B. me contasse tudo o que pudesse sobre o Michael, o qual expliquei ser bem conhecido da Ada Vachell.

Poderá parecer curioso que, a meio do discurso sobre o Michael Talbot, outro assunto seja introduzido: parece ser necessário que a mente do participante seja desviada de um tema se se pretende que o comunicante tenha a oportunidade de o discutir à sua própria maneira, sem a interferência de ideias preconcebidas. Nesta sessão, após fornecer novas informações sobre a senhora que morreu num acidente de automóvel e sobre o homem que cometeu suicídio, ele reintroduz o tema do Michael — o amigo da A.

F. E. B.: A Ada sabe de um jovem amigo dela que partiu recentemente para este lado?

W. F. B.: Sim, sabe.

F. E. B.: E vai ajudar?

W. F. B.: Já ajudou, não apenas quando ele partiu, mas frequentemente por cá.

F. E. B.: Os amigos dele ficarão convictos de que ele está vivo?

W. F. B.: Poderão não ficar convictos subitamente, levará tempo.

F. E. B.: Serás capaz de ajudar?

W. F. B.: Tentarei dar o meu melhor.

F. E. B.: Sabes a quem me refiro?

W. F. B.: Voltarei a esse assunto, referir-me-ei a ele mais tarde na sessão. Mas a A. está com o amigo.

(Seguem-se aqui novas notas sobre a amiga que morreu num acidente de automóvel.)

F. E. B.: E em relação ao outro de quem me falaste numa sessão anterior?

Esta pergunta refere-se a um amigo que cometeu suicídio.

W. F. B.: Queres dizer o homem que partiu subitamente? Tenho estado a ajudá-lo: não se encontra tão feliz como a senhora. Não estava, nem poderia estar, mas tem estado a resolver as coisas ultimamente. Não era um homem mau; não se trata disso, mas existia uma certa quantidade (tenho de o expressar desta forma) de falta de consideração em relação aos sentimentos alheios que ele tem de resolver do lado de cá; não que fosse cruel se se desse conta — não o seria —, mas carecia da capacidade de ver a coisa que considerava correta do ponto de vista da outra pessoa; e, do lado de cá, tem recebido grande ajuda para se elevar acima de si próprio. Tu elevas-te acima de ti própria e encontras o teu eu superior, e era isso o que este homem tinha de realizar.

Sabes, o mais jovem que partiu ultimamente, aquele de quem a A. era amiga — ele partiu bastante depressa.

Aqui o tema de Michael Talbot foi introduzido voluntariamente pelo comunicante, um método que costuma dar os melhores resultados.

W. F. B.: Não sabia que ia partir, pelo que teve de receber ajuda para superar a sensação de surpresa e de choque. Já a superou e está perfeitamente feliz, mas existem duas pessoas na Terra que ele deseja desesperadamente confortar e vai conseguir fazer-se notar. Não falo apenas de sessões, mas de fazê-las senti-

lo, justamente em casa; é assim que sinto que ele o fará e constitui a melhor forma.

Claramente os seus pais, o Arquidiácono e a Sra. Talbot.

W. F. B.: Existe um homem pertencente ao círculo dele que não tem estado bem na Terra? Porque ele tem andado bastante preocupado com um homem na Terra, que se tem sentido abatido e triste — não apenas pela dor, mas por uma condição física débil.

O pai encontrava-se com a saúde muito debilitada na altura.

W. F. B.: Existem na verdade três pessoas na Terra que estão interessadas — mas duas particularmente, pai e mãe. A terceira pessoa não importa tanto; o nome começa por J.

O irmão, mais velho do que ele, mas não passavam muito tempo juntos.

Guia: Um nome que começa por B surge enquanto estou a falar dele.

O Arquidiácono Talbot era, na altura, Cónego de Bristol.

W. F. B.: Conheces um nome começado por W ligado a ele? Talvez tu não saibas, mas as pessoas que lhe pertencem na Terra saberão — um nome em que ele pensava justamente antes de partir, não um nome curto, com duas ou três sílabas começado por W.

As explicações que se seguem a estas perguntas foram fornecidas pelos seus pais. Eu não dispunha de qualquer pista sobre nenhuma delas na altura da sessão. Tinham estado hospedados recentemente perto de Watergate Bay e Newquay; ele adorava o mar e falara imenso dele durante a sua doença.

W. F. B.: Perguntar-lhes-ás se ele estaria a pensar em correntes antes de partir — tu não saberás. Sinto-me certo de que compreenderão isso, porque ele diz «as correntes desapareceram».

Numa sessão muito posterior com a mãe, o Michael explicou como toda a sua reserva desapareceu após a partida: «Não te lembras de, na primeira ou segunda sessão, eu ter dito que as

correntes tinham caído, que as barreiras tinham vindo abaixo? Isso ajudou o Pai mais do que qualquer outra coisa».

W. F. B.: Sabes que o jovem de quem temos estado a falar tinha sido ativo e enérgico, cheio de vida. Não creio que pensasse que partiria tão jovem.

Houve um homem jovem, mas mais velho do que este, que partiu e ficou muito feliz por acolhê-lo, bem como a A. Será melhor dizer isto de novo porque eles saberão de quem se trata. Um homem, um homem jovem, que o veio receber, que partira mais cedo. O seu nome começa por R e ele ficou muito feliz por vê-lo. Alguém que os seus familiares conheciam, mas que pertencia a uns anos atrás, não recentemente.

Um amigo, Richardson, que morreu na guerra. Esta descrição foi reconhecida de imediato pelos pais.

W. F. B.: Sabes se andavam a falar sobre viagens marítimas ou navios antes de ele partir? Algo parecia estar na sua mente sobre o mar e navios. Na verdade, é preferível que não saibas.

Ele estivera a falar de Newquay, do mar e de navios justamente antes de falecer, e um quadro de navios fora suspenso diante da sua cama a seu pedido.

W. F. B.: Existe outra pessoa que o ajudou imenso e que já tinha partido. Alguém que veio receber o jovem quando este partiu. Uma mulher, de feições bastante escuras, que teria cerca de 65 a 70 anos quando partiu; o cabelo tinha ficado grisalho, mas mantinha ainda as sobrancelhas escuras, cabelo liso com risco ao meio, um rosto mais longo do que redondo, um pouco magro nas bochechas, feições bastante boas, o nariz é reto, mostrando a cana do nariz apenas um pouco.

É aparentada com o que acabou de chegar ultimamente. Tu não a conhecerás, mas as outras pessoas sim, as duas pessoas idosas, conhecê-la-ão; encontra-se ligada a elas. Talvez pudesses adivinhar, mas é preferível dizer-lhes justamente o que digo. É

uma mulher muito boa, a ajudá-lo e a encaminhá-lo por cá, bem como a A. A A. está a ajudar imenso.

Esta descrição foi reconhecida como aplicando-se à tia de Michael, a Sr.^a deparou Talbot, que era aparentada, portanto, com as duas pessoas idosas, os seus pais. Eu nada sabia sobre estes detalhes, mas registei-os por escrito e li-os ao Arquidiácono Talbot, que os reconheceu um a um à medida que eu lia.

W. F. B.: A A. está muito feliz, sempre feliz, completamente satisfeita com tudo ao seu redor. Próprio dela, porque aproveitava ao máximo tudo na Terra. Nem sempre tinha tudo o que desejava, mas costumava tentar ajudar toda a gente. Continua a ajudar crianças, não as filhas dela, imensas crianças — resume-se a ajudar toda a gente.

Nunca conheci ninguém tão corajoso, tão altruísta; ela é tão forte e é gentil, possui ambas as qualidades. Nunca pensava em si própria quando estava aqui, tentando sempre pensar no que era melhor para os outros, para as outras pessoas ao seu redor.

Tu andavas a pensar imenso nela, na verdade, há uns dias, e a A. sentiu-o e esteve perto de ti.

F. E. B.: Ela sabe por que razão esteve perto?

W. F. B.: Sabia que andavas a pensar nela, sentindo a sua falta e, ainda assim, sentindo-te feliz por ela. Consegues lembrar-te de estares a olhar para algo que te recordava dela?

F. E. B.: Ela sabe onde eu estava?

W. F. B.: Foi onde estavas, de uma forma que a trazia para o teu redor, despertando pensamentos a seu respeito; mas não posso deixar de pensar que existiu algo em particular para onde olhaste que te fez pensar nela. Continuo a receber a ideia de madeira, algo relacionado com madeira de que ela falava; talvez o capte mais tarde. Estava a recordar-te (não justamente agora) dela, das suas condições na Terra. Sim, espera um minuto, ela diz que não andavas a pensar apenas nela, mas era do trabalho dela que estavas a ser lembrada.

Na semana anterior, eu estivera num jantar público na sala em Bristol onde a Ada e eu costumávamos por vezes almoçar juntas e onde planeámos, pela primeira vez, levar as raparigas da nossa fábrica connosco para férias no campo. Todo o desenvolvimento do seu trabalho, desde as férias das raparigas da fábrica planeadas nessa sala até ao desenvolvimento do seu trabalho para os hermafroditas em Bristol, também discutido ali, me veio à memória. Reconheci o painel de madeira no canto da sala onde costumava ficar a nossa mesa de almoço e apontei-o ao presidente do jantar, que conhecia a Ada e o seu trabalho.

F. E. B.: O que pensas de tudo o que as pessoas dizem que vai acontecer este ano, guerras, etc.?

W. F. B.: Certas coisas indubitavelmente acontecerão, mas, como de costume, são exageradas. Contudo, têm estado a acontecer coisas, coisas atmosféricas principalmente. Mas não vejo grande guerra, nenhuma grande guerra mundial, nem pestes a dizimar a população inteira. Mas o efeito inevitável de coisas que aconteceram no passado constitui uma extraordinária perturbação dos elementos. Digo-to agora porque poderás olhar para trás mais tarde e ver o que afirmei. Haverá tempestades extraordinárias, tempestades extraordinárias.

F. E. B.: Em breve — este ano?

W. F. B.: Sim, este ano, tempestades extraordinariamente violentas, terremotos, maremotos. Há sempre alguns, mas serão mais frequentes. Quero que registes isso por escrito porque ouvirás falar disso.

A 7 de janeiro de 1928, o Tamisa galgou a margem de Millbank. Veja-se também a Imprensa no final de 1927 para confirmação de tempestades invulgares, etc.

W. F. B.: Mas onde quer que o pensamento correto seja mantido, haverá proteção; eu sei disso, e quem mantém o pensamento correto pode proteger outrem; e, evidentemente,

existiram tempestades invulgares no último ano, e haverá outras mais invulgares agora, mas trata-se de um sinal de esperança.

F. E. B.: De quê?

W. F. B.: De nós estarmos a fazer-nos notar.

F. E. B.: Como vos ides fazer notar?

W. F. B.: Sinto que nos faremos notar, que de alguma forma nos ajustaremos a vós e vós vos ajustareis a nós, provavelmente um pouco de ambos.

F. E. B.: Para podermos conversar uns com os outros?

W. F. B.: Sim, sim. Sinto que isto virá no teu tempo; o avanço do vosso lado combinado com o avanço do nosso lado — é isso que está a criar a congestão. É a pressão de ambos os lados que está a criar todas estas perturbações; onde existe esta pressão, há obrigatoriamente de haver congestão; todos os elementos são elétricos e magnéticos e, onde se obtém demasiada compressão, deve existir congestão. Sabes que me interesse imenso por sonhos?

Não me refiro a sonhos comuns, mas à possibilidade de passar para o outro lado durante o sono. Estou sempre com a esperança de que tu o possas fazer e de que te lembres claramente de me teres visto. Não, ainda não o fizeste, mas estou sempre com a esperança de que o faças.

F. E. B.: Estás a fazer planos para provar as coisas às pessoas deste lado?

W. F. B.: Sim, é nisso que me encontro a trabalhar afincadamente.

F. E. B.: Podemos fazer algo para ajudar?

W. F. B.: Tu não podes ajudar, não podes fazer mais do que tens feito. Estamos a aguardar que estas tempestades, estas perturbações terminem, e depois faremo-nos notar mais. Trata-se de uma questão de sintonizar melhor. O sangue possui uma vibração própria, mas também o pensamento possui uma vibração própria, uma muito importante: quando conseguirmos sintonizar

os nossos pensamentos e os nossos sentidos na mesma vibração, estaremos em comunicação.

O som vibra a uma certa taxa, mas a luz é mais rápida do que o som, muito mais rápida, e temos de aprender na Terra a sintonizar, a ajustarmo-nos a diferentes vibrações. Pode ser possível que uma pessoa consiga sintonizar uma certa taxa e outra não, mas isto será compreendido e será acautelado. As pessoas serão instruídas no ajuste. São instruídas no controlo mental atualmente; mais tarde serão instruídas no controlo da vibração.

Nós vibramos muito mais rapidamente do que vós. É mais fácil, de certa forma, para nós abrandarmos até vós do que para vós vibrardes rapidamente até nós. No momento em que tentais, sofreis uma tensão; existe uma tensão tremenda em vibrar mais rapidamente do que vos é natural. Na exaltação e em momentos de grande perigo, vibrar-se-ia mais rapidamente, e um tempo ou período de perigo ou tensão prolongado por muito tempo produz o que chamamos um colapso, as cordas ficam demasiado tensas.

F. E. B.: Isso produz o que chamais um colapso mental?

W. F. B.: Produz.

F. E. B.: As coisas psíquicas produzem isso?

W. F. B.: Poderiam com toda a certeza. Se vivesses demasiado numa tensão psíquica, sucumbirias sob ela.

F. E. B.: De modo que as pessoas não podem fazer mais do que uma certa quantidade?

W. F. B.: Não, não devem. Não concordo que o desenvolvimento psíquico cause a loucura, mas o excesso disso poderia resultar em causar um colapso. Se correres, sentes o teu coração a acelerar e ficas sem fôlego. Não ficarias surpreendida se colapsasses. Esse constitui um estado de tensão sofrido por demasiado tempo. E assim seria se alguém estivesse de forma demasiado contínua numa tensão psíquica. Mas ajudou-me a superar coisas e sinto que será o mesmo contigo.

Por vezes perco alguma memória das coisas por vir aqui; sei-o no meu próprio estado, mas não aqui. Nos sonhos não se sabe tudo, apenas se obtêm partes num sonho. Uma sessão é semelhante; quando regresso ao mundo espiritual após uma sessão como esta, sei que não fiz passar tudo o que pretendia dizer.

Isso deve-se ao facto de a minha mente se separar novamente, de a consciência se separar novamente. No corpo da Terra possuímos a separação entre subconsciente e consciente. A consciência apenas retém um certo número de memórias de cada vez. Quando partimos para este lado, elas unem-se — formam uma mente completa que sabe e lembra tudo; mas, quando se vem aqui a uma sessão, a limitação da esfera física afeta a mente e apenas uma parte da mente pode funcionar temporariamente.

Quando me retiro desta condição, a nossa mente inteira torna-se novamente tanto subconsciente como consciente; a minha mente subconsciente envolve a minha consciente e torno-me íntegro novamente em termos mentais. Creio que isso explica o facto de muitas pessoas ficarem com a ideia (e está errada por um lado e certa por outro) de que lhes faz mal tentar comunicar, porque certas pessoas pressentiram que existe limitação em comunicar com outro plano de existência e exageraram-no. Não posso vir com e como o meu eu completo, não posso.

F. E. B.: Por que razão é assim?

W. F. B.: Porque possuo um eu quadridimensional que não consegue tornar a sua quarta dimensão exatamente igual à terceira. A quarta dimensão constitui uma extensão — não é a forma correta de o dizer, mas a única forma que consigo encontrar. É como medir uma terceira dimensão pelos seus pés quadrados em vez de pelos seus pés cúbicos; aí reside em grande parte a diferença entre a terceira e a quarta dimensão; e não restam dúvidas de que deixei algo de mim fora, o que se junta a

mim no momento em que me coloco na condição em que me reajusto.

F. E. B.: Estás sozinho ou encontram-se outros aqui?

W. F. B.: A A. esteve, mas agora estou sozinho. Gosto de vir sozinho, à exceção da A. Nunca me importo com a A. Sabes que ocasionalmente o Myers esteve comigo, mas não esteve hoje. Mas gosto de vir justamente sozinho; sei que faço passar as mensagens de forma mais pura, mais exatamente o que pretendo dizer.

F. E. B.: Falaste com a Olive?

W. F. B.: Falei — outro homem encontrava-se comigo quando falei com a Olive.

F. E. B.: Quem era o outro homem? Foi capaz de falar ele próprio?

W. F. B.: Um pouco, não muito — algo desapontado com a sua parte nisso. Mas existe outro nome começado por P, um nome curto, algo misturado com a Olive — é sobre isso que o jovem pretendia falar.

Uns meses antes desta sessão, a sobrinha de W.F.B. tinha-se dirigido de forma anónima a uma médium, a Sra. Brittain. Veio ver-me imediatamente depois para contar o que ocorrera. Ao início tinha ficado desapontada e sentia-se inclinada a sair, considerando todo o assunto uma fraude, quando uma descrição muito exata do seu falecido marido foi fornecida como estando de pé perto dela. Perguntou o nome dele e a médium disse que não conseguia descortinar o que ele dizia; seria Henry? Charles? etc.

De novo a desconfiança completa quase fez a participante sair, quando foi retida por uma descrição do seu tio, W. F. B. «Bem, peça-lhe para dizer o seu nome», disse ela com incredulidade. A médium respondeu: «Ele está a rir-se de si e diz: "Diz-lhe que o Tio Willie envia o seu afeto"». Tio Willie era o nome por que ela o tratava e as entrevistas de ambos eram sempre muito alegres. A médium continuou: «Ele diz: "Quando eu tiver completado as suas investigações sobre ectoplasma, o Chris

(Chris era o nome do marido dela) será capaz de falar contigo ele próprio diretamente. Quer dizer-te que tem o seu rapaz de cerca de catorze anos com ele; gosta imenso dele; mas ama a Phyllis e a Joy tanto quanto sempre"». A médium afirmou: «Este rapaz parece que viveu sempre no mundo espiritual.

Apenas poderá ter vivido uma hora ou duas na Terra». Catorze anos antes tinha-lhes nascido um filho que apenas viveu uma hora. A Phyllis e a Joy eram as suas duas filhas, uma mais velha, outra mais nova do que o rapaz. Após novas mensagens terem sido transmitidas, o W. F. B. afirmou de forma muito enfática: «O Chris quer que eu diga para te certificares de dizer à Phyllis: "O papá curou o dedo da sua menina"». Seis anos antes desta sessão — pouco tempo após a morte de «Chris», quando o W. F. B. ainda se encontrava connosco —, a Phyllis encontrava-se hospedada com a mãe no norte de Inglaterra quando ficou com o dedo gravemente esmagado numa porta.

Tinha então apenas nove anos; foi instalada na cama para recuperar do choque e a mãe lia-lhe à tarde. Subitamente a criança exclamou: «Oh, Mamã, está uma nuvem ou algo a sair da parede — está a mover-se em direção à lareira. Ora, é o Papá! Está com o seu fato cinzento e está a sorrir para mim». A Olive contou ao W. F. B. este episódio na altura e ele ficou muito interessado, pois afirmou ser raro ouvir falar de uma visão presenciada por uma criança tão jovem e relatada em palavras tão sugestivas da forma como as materializações têm sido descritas na sala de sessões.

Esta criança não possuía qualquer conhecimento de quaisquer acontecimentos psíquicos. Parece-me, por conseguinte, muito probatório que ele estivesse ansioso por que a mensagem referente a este acontecimento fosse entregue. Não me dei conta, contudo, do pleno alcance da mensagem senão seis anos mais tarde, quando a Phyllis, então com vinte e um anos, se encontrava hospedada comigo em Londres. Estava a falar da sua visita ao norte anos antes e disse: «Foi quando vi o Papá».

Eu respondi: «Não ficaste muito interessada com a mensagem que ele te enviou?». Ela disse: «Que mensagem? Nunca ouvi falar de mensagem nenhuma». Conteí-lhe sobre a sessão que a mãe tivera seis anos antes, conforme acima relatado, e especialmente a ênfase na mensagem para ela. Ela disse: «Com certeza que sabes o que aconteceu realmente ao meu dedo?». Eu disse: «Não; conta-me». Ela disse: «Estava todo pisado, sabes, e doía imenso; julgaram que a unha teria de ser arrancada, mas depois de ter visto o Papá, quando a Mamã olhou para o dedo, este apresentava a cor perfeitamente normal e não doía nada, pelo que me levantei e foi tudo».

F. E. B.: Impedir-te-ei de fornecer alguma informação ao fazer perguntas?

W. F. B.: Gosto de perguntas. Gosto de uma mistura, por vezes falando eu próprio e por vezes respondendo a perguntas.

F. E. B.: Não preferes que eu faça perguntas no fim?

W. F. B.: Não, porque por vezes a força dissipa-se e depois é demasiado tarde. Sinto que se está a dissipar agora.

17 de Agosto de 1927

Sessão com a Sra. Leonard

F. E. B.: Podes contar-me algo sobre o futuro — o próximo ano?

W. F. B.: Nunca posso dizer o que acontecerá num momento definido. Algumas pessoas julgam que o fim do mundo virá no próximo ano. Eu não. Considero que constitui uma ideia perniciosa e que fará uma grande quantidade de mal: não creio que o fim do mundo se encontre nem de perto, mas haverá grandes mudanças. Falei-te das grandes condições atmosféricas que têm acontecido e que acontecerão — mesmo este outono. Haverá tempestades e cheias extraordinárias em Inglaterra, no mundo em geral — mas aqui também. Evidentemente que não

haverá terremotos aqui, mas haverá noutras partes durante algum tempo, receio bem.

A consulta da Imprensa dos últimos meses de 1927 confirma este facto. Foi o ano das cheias em Londres.

W. F. B.: Isto não significa que não haverá verão no próximo ano; poderia ser um verão esplêndido.

O verão de 1928 foi um verão magnífico.

W. F. B.: Inglaterra, no geral, é extremamente afortunada, mas sofrerá condições fenomenais. Somos muito sensíveis às condições atmosféricas quando nos aproximamos do vosso plano. Estas condições estão a conduzir a algo — revelações.

F. E. B.: Para todos?

W. F. B.: Não, para os que estão preparados para elas e recetivos — mentalmente preparados. Isto foi sempre previsto. Está a aproximar-se — virá, creio, no teu tempo e eu estarei a realizar algo contigo e através de ti, embora ainda não saiba o que é.

CAPÍTULO 7

26 de Setembro de 1927

Sessão com a Sra. Leonard

O relato que agora se segue poderia parecer muito confuso e incoerente a quem não estivesse familiarizado com as sessões

com a Sra. Leonard, caso não se oferecesse uma explicação prévia. Começou, como muitas anteriores, com as boas-vindas, a previsão da minha associação com outra instituição para pessoas doentes, alterações a realizar na minha casa de campo e, a partir daí, passou para as futuras mudanças mundiais e para as revelações do mundo espiritual que ele previra anteriormente. No meio disto, surgiu subitamente o nome «Florrie» na sua própria voz, independentemente do que estava a ser dito através do Guia.

Era um nome pelo qual eu fora tratada por muitos na minha infância, mas que nunca fora utilizado por ele; daí que tenha surgido uma dúvida súbita e aguda na minha mente sobre ser ele a entidade comunicante, motivando o meu pedido para que fosse fornecida alguma prova de que era realmente o meu marido quem falava. Pediu-me que deixasse isso com ele e que prosseguisse com a conversa como antes.

Concordei prontamente, pois lembrava-me de uma sessão à qual tínhamos comparecido juntos antes da sua partida, na qual o Frederick Myers era o comunicante e discutia a força através da qual a comunicação se tornava possível.

Chamava-lhe, por conveniência, força X e afirmava que esta se encontrava mais ligada às condições da Terra do que às deles e, por conseguinte, se os participantes ou os médiuns determinassem o que se deveria fazer com ela, o comunicante ficava completamente impotente para agir. Recordo-me de perguntar como poderíamos introduzir o assunto que desejávamos discutir ou ouvir falar, e ele respondeu que o poderíamos pedir em casa um dia ou dois antes da sessão, por pensamento ou registando-o por escrito, ou, se desejássemos ser muito enfáticos, pronunciando o nosso pedido em voz alta no nosso próprio quarto.

Por isso, dei-me por satisfeita em continuar a registar a sessão da forma habitual; e observar-se-á como, após o teste gradual da sua força para falar e também para controlar o que era dito, foram

fornecidas sucessivas provas da sua identidade, introduzidas pelas palavras faladas «o meu assobio», «Edward», «George» (resposta a um pedido feito no meu quarto na noite anterior), «caixa de folha», «remendo».

As notas a estas explicam a sua relevância; mas o teste da caixa de folha necessita de alguma nota adicional, pois, sem o maior cuidado por parte do comunicante, o teste poderia facilmente ter parecido falso. Quando fiz a pergunta pela primeira vez, se se tratava de uma caixa de caudais ou de manuscritos, a resposta foi: «Não, muito mais pequena, tocaste nela recentemente», o que me fez pensar que seria uma pequena caixa de folha contendo uns tubos de vidro de comprimidos que lhe pertenciam e que ele levava sempre consigo. Pela primeira vez, eu própria utilizara essa caixa uma semana ou duas antes e, por isso, sabia que lhe tinha tocado; então perguntei: «Levavas-te a com ti?».

Resposta: «Mantinha-a guardada junto ao corpo».

Pergunta: «Para que a usavas?», esperando a resposta: «Para transportar os meus medicamentos», mas, em vez disso, o Guia disse: «Ele não está a dizer nada, mas está a mostrar-me uma caixa muito pequena [reproduzindo o movimento de erguer a tampa], com algo redondo lá dentro — ele tira um e coloca-o na boca». Depois ele afirmou: «Por vezes, ao ir fazer visitas, ficava quase em pânico com receio de os ter deixado em casa».

Fiquei então completamente certa de que ele aludia a uma caixa muito pequena de comprimidos de nitroglicerina que transportava sempre consigo, e disse: «Deveria ter-me lembrado sempre deles por ti». Ele respondeu: «Costumavas perguntar-me às vezes se os tinha». Lembrei-me então de que ele dissera que eu lhe tinha tocado recentemente, e eu não via nenhuma das suas caixas desde que ele partira, tendo pensado que alguém as tinha deixado fora.

Por isso disse: «Não toquei nessa caixa», ao que ele respondeu: «Tocaste, mas não te preocupes com isso agora, far-te-ei lembrar no momento certo». Ao entrar no meu quarto de dormir um dia ou dois mais tarde, lembrei-me de que recentemente procurara no meu armário de medicamentos comprimidos de mentol para um amigo e verificara que a minha criada tinha colocado todas as pequenas caixas de folha numa pilha a um canto. A caixa de mentol encontrava-se sempre rotulada e examinei a pilha, não encontrando mentol.

Ocorreu-me agora que uma ou mais das suas pequenas caixas de nitroglicerina poderiam estar entre elas e, a ser assim, ter-lhe-ia tocado sem a reconhecer, dado que não se encontravam rotuladas. Examinei de imediato as caixas e uma estava lá, contendo nitroglicerina e uma cápsula de nitrito de amilo. Este medicamento ele apenas o transportara consigo pouco tempo antes da sua morte: era, por conseguinte, provavelmente a última caixa que utilizara.

As mensagens transmitidas por George para a sua esposa, as quais eu solicitara no meu quarto na noite anterior e que foram introduzidas pelo nome falado, podem ser consideradas como possuindo algum valor probatório, dado que todos os assuntos aludidos, embora completamente desconhecidos para mim, foram confirmados pela esposa dele.

Mas as três provas pessoais utilizadas — o meu assobio, «caixa de folha» e «remendo» — podem ser consideradas probatórias de uma forma muito especial. Um dia, escassos meses antes de ele partir, quando discutíamos vários assuntos, perguntei-lhe: «Já pensaste em como se poderia provar de forma mais conclusiva a identidade de alguém se agisse como comunicante?». Ele respondeu: «Ponderei sobre isso e quanto mais penso nisso, mais difícil parece.

Cheguei à conclusão de que a prova fornecida deve ser aplicável apenas a nós próprios: deve, portanto, possuir um

caráter muito íntimo e pessoal, e provavelmente trivial, e deve ser conhecida apenas por uma pessoa, caso contrário não existiria garantia de que o médium não a conhecesse, pelo que creio que a prova absoluta apenas se poderia transmitir a uma pessoa — para os outros constituiria uma prova de segunda mão». Ao refletir sobre a sessão, a recordação desta conversa fez-me perceber que não apenas os elementos de prova em si, mas o tipo de assunto escolhido revelava o género de pensamento e de personalidade que se encontrava por trás das palavras proferidas por intermédio do médium.

W. F. B.: O que tenho estado a tentar dizer é que se torna necessário para mim manter uma certa quantidade de contacto com a Terra: não é necessário para todos nós, mas é-lo para aqueles que se encontram a preparar-se para ajudar nos assuntos da humanidade na Terra. Tu és o meu ponto de contacto e através de ti e contigo ganho uma certa quantidade de experiência. Lembras-te de que te disse, não apenas da última vez, mas na anterior com mais particularidade, que haveria condições atmosféricas extraordinárias. Bem, sinto que haverá condições ainda mais extraordinárias — na verdade, condições muito estranhas —, e que tudo constitui o preliminar para uma revelação extraordinária.

Creio que me será permitido participar nessa revelação. Lembras-te de como eu me perguntava às vezes sobre as revelações? Interessava-me pelas revelações do passado — não apenas nos nossos tempos, mas pelas revelações de tempos idos —, e creio que já nessa altura possuía o conhecimento subconsciente de que participaria em algo de maior importância do que qualquer outra coisa que me tivesse acontecido na minha vida comum.

Nutria o sentimento há anos de que algo de muito maravilhoso me poderia acontecer. Esperava que tal pudesse acontecer na minha vida na Terra. Creio que me manteve jovem

— o esperar sempre que algo pudesse acontecer. Agora sei que vai acontecer aqui e sinto-me certo de que ajudarei numa demonstração extraordinária de vida espiritual. Sinto que me encontro a aguardar por isso. Estou a aprender, a estudar tanto na minha presente vida que tudo me parece ser uma preparação para a revelação.

Ouvi as últimas quatro palavras independentemente do Guia.

F. E. B.: Consigo ouvir a tua própria voz.

W. F. B.: Quando tento fazer-te ouvir a minha voz, não consigo: é quando ela escapa. Florrie!

F. E. B.: Chamaste o meu nome?

W. F. B.: Sim. Florrie!

«Florrie» foi ouvido enquanto o Guia falava.

F. E. B.: Costumavas tratar-me por outro nome. Podes dizer-me algo que torne perfeitamente certo que és realmente tu a falar comigo?

Ele costumava tratar-me por «Flo», e o uso que fez do nome «Florrie», utilizado por outros, fez-me subitamente duvidar de que fosse o próprio W. F. B. a falar, daí o meu pedido de uma prova de que era ele próprio e mais ninguém.

W. F. B.: Deixa comigo; deixa comigo; eu tentarei. Quero descobrir mais sobre o mecanismo da doença. Não, vou matizar isto — quero descobrir mais sobre o mecanismo da saúde, mas estou certo de que a teoria intestinal é a correta.

F. E. B.: A origem de toda a doença?

W. F. B.: De quase todas. Não tenho a certeza de não ser a causa de toda a doença — exceto daquela que é transmitida através da hereditariedade; e mesmo a doença transmitida dessa forma encontraria um melhor terreno de propagação se existisse um problema desse género. Florrie!

Voz ouvida de novo.

W. F. B.: Continua a falar, não quero ficar consciente de mim próprio. O funcionamento livre e saudável é tão importante

que, mesmo aí, devemos regressar à teoria intestinal. Regresso a ela para tudo. Se em idade precoce os intestinos fossem mantidos numa condição saudável através do remédio da natureza — sumos de fruta —, não haveria doença mais tarde na vida. Quando existem muitos anos de alimentação errada, de constituição errada do corpo, há tanto a desfazer antes de podermos constituir o organismo de novo.

Sabemos que o corpo se reconstrói de novo periodicamente: deveria ser nossa obrigação zelar para que a renovação periódica se fizesse com os materiais corretos. Para assegurar isso, existe apenas uma coisa que se pode fazer. É preferível limpar o sistema de todos os vestígios restantes de alimentos errados antes de iniciar os corretos — portanto, nada resta nos casos em que se pode fazer senão a inanição, o único caminho seguro, e durante esse período eu lavaria o sistema.

Se possível, lavaria o sistema pela via comum de beber água: se possível, manter-me-ia nessa via. A outra é necessária por vezes, mas, onde se possa, empregue-se o método natural, mais normal, se bem que mais indireto, embora a outra seja necessária em muitos casos.

Devemos evitar a atrofia, por conseguinte empreguem-se os meios naturais. Depois introduziria o limão em primeiro lugar, como fator de limpeza. A seguir introduziria alimento, bem como um purificador, sob a forma de laranjas; teríamos então limpo o sistema e podemos começar a construir gradualmente nas linhas corretas. Quando se passaram tantos anos em linhas erradas, devemos fazer uma limpeza de primavera.

F. E. B.: Seria bom para a artrite reumatoide?

W. F. B.: Sim, mas deve persistir-se. O Will está aqui.

«O Will está aqui» foi dito de forma muito clara em voz direta, interrompendo a voz do Guia.

W. F. B.: Gosto de falar pequenos trechos eu próprio pelo meio.

F. E. B.: Eu quero que o faças.

W. F. B.: Mas não consigo.

F. E. B.: Sim, mas mais tarde não podemos tentar?

W. F. B.: Tentei à noite, quando estás a conciliar o sono. Poderás ouvir. O meu assobio.

«O meu assobio» foi dito de forma muito clara em voz direta, mas antes como que com esforço. Não consegui pensar no que significava.

F. E. B.: Disseste «o meu assobio»?

W. F. B.: Sim, disse. Não te lembras do meu género muito próprio de assobio?

Então tudo me veio à memória, embora não tivesse pensado nisso desde que ele falecera. Quando se encontrava muito feliz e contente, costumava emitir um pequeno assobio claro ao respirar. Eu costumava dizer-lhe, a rir: «Pareces um gatinho a ronronar quando estás feliz, só que tu assobias em vez disso». Não o conseguia fazer voluntariamente, surgia apenas, e eu sabia sempre que ele se encontrava muito contente quando o ouvia. Chamava-lhe «O teu pequeno assobio».

W. F. B.: Se estou interessado naquilo de que te estou a falar, surge uma pequena onda de sentimento e, depois, verifico que uma pequena onda de palavras transpôs a fronteira; existe uma fronteira, e é mais fácil cruzá-la do meu lado do que do teu. É saltar de uma altura, o que é mais fácil do que saltar para cima. Existe uma fronteira e, embora a possamos vencer, constitui uma dificuldade. Sabes que te falei de um homem — um amigo que partiu para este lado? Quero que saibas que ele está a progredir bem: compensou muito: procedeu bem a tal ponto na Terra, quando pôde, que não tinha muito a compensar.

F. E. B.: Quero estar certa de quem estás a falar. Como morreu ele?

W. F. B.: Não estava doente, tirou a sua própria vida. Edward.

O nome foi ouvido distintamente, à parte do Guia.

F. E. B.: Ouvi-te dizer esse nome.

W. F. B.: Agrada-me tentar falar desta forma, mas não me interessa muito por sessões de trombeta.

F. E. B.: Deixou-te cansado?

W. F. B.: Sim, um pouco. Se ao menos não fosse necessário usar a trombeta, mas os guias disseram-me que esta amplificava o som, embora me parecesse que disfarçava a voz.

Eu tivera uma sessão com a Sra. Wriedt, a médium de voz, recentemente, durante os escassos dias em que ela esteve em Londres.

W. F. B.: George. É alguém que partiu para este lado. Existe alguém pertencente ao círculo dele na Terra ainda. Era casado, a sua esposa encontra-se na Terra.

Ouvi o nome em voz direta. Eu perguntara em casa, no dia anterior, no meu próprio quarto, se ele conseguiria encontrar o George, o marido de uma amiga minha que não conseguia acreditar que ele ainda vivia realmente. Forneci o nome completo e alguns detalhes sobre a esposa, que ele conhecia.

F. E. B.: Eu conheço-a?

W. F. B.: Sim. Ele está a tentar fazer-se notar pela esposa para a ajudar. O George disse que novembro tinha sido um mês importante nas suas vidas e que tinha sido importante em duas ocasiões. Existiu uma terceira ocasião também, mas não tão importante pessoalmente. Duas vezes em novembro tinham acontecido grandes mudanças. Verás a esposa do George em breve.

Ela veio hospedar-se comigo em dezembro.

W. F. B.: Conheces alguém chamada Ella ou Ellen ligada ao George? Alguém do teu lado que ele vê e de quem gosta.

A sua prima Ellen estivera hospedada com a esposa dele.

W. F. B.: Sabes se a esposa do George mudou de um local para outro? Porque ele tem estado muito interessado na mudança

e tentou ajudá-la em todos os assuntos materiais que não têm sido fáceis para ela.

Perfeitamente correto. Todos estes detalhes eram-me desconhecidos.

W. F. B.: Creio que o George tem estado algo desapontado com a atitude de uma ou duas pessoas — os seus amigos —, ele julgava que teriam sido mais prestáveis. A Mãe está aqui.

Voz direta ouvida de novo.

F. E. B.: A minha ou a tua?

W. F. B.: A minha. Envia-te o seu afeto.

F. E. B.: Encontraste o filho do clérigo?

W. F. B.: Fico contente por mo teres lembrado; tinha uma mensagem. O rapaz melhorou imenso. Prometi enviar o seu afeto e dizer que esteve com eles num aniversário recente. Existe alguém cujo nome começa por J — não o pai dele —, o rapaz pretendia que ele soubesse que tem estado a ajudar. Está a tentar mostrar-me que estava a ajudar o pai numa reunião bastante importante ocorrida há pouco tempo, na qual o pai se encontrava interessado.

Muito apropriado às circunstâncias da altura, embora desconhecido para mim.

W. F. B.: O rapaz gosta de estar com o pai e pede-me para dizer que está com ele muito frequentemente. Tenta fazer o pai sentir a sua presença, mas não se mostra ansioso com isso porque sabe que o pai perceberá que ele vive. Caixa de folha.

Voz direta ouvida.

F. E. B.: O que é, querido?

W. F. B.: Nada de especial — apenas sei que te lembrarás da velha caixa de folha e de como eu a utilizava.

F. E. B.: Caixa de caudais ou caixa com papéis?

Pensei numa caixa de caudais contendo algumas cartas que foram destruídas e, depois, numa caixa grande que continha todo o material sobre radiestesia.

W. F. B.: No, não a caixa de caudais nem a caixa com papéis lá dentro — muito mais pequena: tocaste numa delas recentemente.

F. E. B.: Era uma que costumavas levar contigo com os teus medicamentos lá dentro?

Estava a pensar numa caixa com tubos de medicamentos que eu levara comigo recentemente e na qual, por isso, tinha tocado.

W. F. B.: Mantinha-a guardada junto ao corpo.

F. E. B.: Para que a usavas?

(O Guia fingiu abrir uma caixinha, dizendo: «Algo redondo lá dentro — ele tira um e leva-o à boca».) Soube então de imediato que ele se referia a uma minúscula caixa de folha com comprimidos de nitroglicerina que transportava sempre no bolso e tinha à cabeceira. Estava sempre um no bolso do seu fato de cerimónia. Mas eu não tinha tocado nessa caixa recentemente e disse-o.

W. F. B.: Não importa. Far-te-ei lembrar no momento certo. Por vezes, ao ir fazer visitas, ficava quase em pânico com receio de os ter deixado atrás.

F. E. B.: Deveria ter-me lembrado deles por ti.

W. F. B.: Costumavas perguntar-me às vezes se os tinha. Quero que — mas devo esperar. Tu não podes vir ainda.

F. E. B.: Talvez eu não esteja preparada ainda.

W. F. B.: Poucos de nós estão alguma vez preparados para partir.

F. E. B.: Estou certa de que tu estavas.

W. F. B.: Gostaria de ter estado mais preparado, mas estava razoavelmente bem preparado. Remendo. Lembras-te? Algo de que te riste e que eu teimava em usar; notava-se. Não creio que gostasses. Mas gostas agora porque eu o utilizava. Tu achavas que eu devia comprar um novo. Conversámos sobre isso quando íamos viajar no verão — mantivemos uma pequena discussão sobre isso —, algo com um remendo e tu disseste por que não

comprava eu um novo — no verão antes de eu partir para este lado.

«Remendo» foi ouvido em voz direta. Ao início não consegui pensar no que ele queria dizer, mas quando mencionou o ir viajar lembrei-me. As roupas dele foram estendidas pela criada para a bagagem e vi um remendo num casaco de pijama, e disse: «Não podes levar um casaco remendado». Ele respondeu: «Sim, posso. A Nellie fê-lo para mim porque gosto imenso daquela seda macia, é mais agradável do que qualquer um novo». Não pôde ser induzido a deixar-me comprar novos do mesmo género para levar.

W. F. B.: Estou a tentar combinar outra sessão esta semana — sexta-feira.

F. E. B.: Gostarias que eu viesse sozinha ou que trouxesse um amigo?

W. F. B.: Oh! Vem sozinha. Quero que saibas — que estejas certa: quanto mais seguramente souberes, mais podes ajudar outras pessoas. Quero dizer pequenas coisas como «caixa de folha» e consigo fazê-lo melhor quando estou sozinho. Quero fazer-te saber.

CAPÍTULO 8

11 de Fevereiro de 1928

Sessão com a Sra. Leonard

Presente a Sra. W. e a F. E. B.

Como sucedeu que a Sra. W. estivesse presente nesta Sessão. A Sra. W. tinha demonstrado interesse suficiente para me permitir pedir ao W. F. B., na minha própria casa, que obtivesse uma mensagem do seu falecido marido, George, se tal fosse possível. O resultado deste pedido ficou registado na sessão de 26 de setembro de 1927. Isso impressionou-a imenso, mas ela não desejava comparecer pessoalmente a uma sessão. O seu marido manifestara frequentemente uma forte objeção ao Espiritualismo.

Uma semana ou duas antes de 11 de fevereiro, enquanto escrevia na minha secretária na Cidade, surgiu-me um impulso súbito, semelhante a uma mensagem: «Pede à Sra. W. para passar o fim de semana de 11 a 14 de fevereiro contigo». Mas lembrei-me de imediato de que ela me tinha dito que se encontrava ocupada para esse fim de semana. Mesmo assim, senti-me impelida a fazê-lo e enviei o convite. Tive a resposta que esperava, confirmando que se encontrava especialmente ocupada para esse fim de semana e não poderia vir.

No início de fevereiro, desloquei-me a uma Sessão com a Sra. Leonard acompanhada pelo Arquidiácono e pela Sra. Talbot. Durante a sessão, que não me dizia respeito, pareceu-me ficar gravada na mente uma mensagem definida: «Pede uma sessão para a próxima sexta-feira». Sabia que era impossível obter uma sessão com um aviso tão curto, pelo que descartei a ideia.

Contudo, assim que a sessão terminou, perguntei à Sra. Leonard se me poderia facultar alguma data mais recente do que a fixada para a minha sessão seguinte. Ela respondeu, como eu esperava, que era impossível. Perguntei então, de forma algo absurda: «Poderia facultar-me a próxima sexta-feira?». Ela respondeu: «Sim, creio que sim, pois a senhora que vinha nesse dia gostaria de mudar». Mais tarde, alterou a data para sábado à tarde.

Os Talbots regressaram comigo à minha casa de campo para tomar chá e, enquanto ali nos encontrávamos, chegou uma mensagem telefónica de outros amigos meus a dar conta de que, numa sessão a 12 de janeiro, o W. F. B. tinha falado e transmitido três mensagens para mim, as quais eram completamente incompreensíveis para eles, mas que as partilhavam para o caso de eu as compreender. As mensagens eram as seguintes:

(1) «Envia o meu afeto à minha esposa. Tenho-a estado a ajudar especialmente nos últimos tempos. Ela tem andado a

pensar no que fazer com os meus papéis. Tenho-lhe estado a incutir a ideia de ser ela própria a colocá-los em ordem.»

(2) «Estou a ajudar o George e vamos fazer tudo o que pudermos para nos fazermos notar pela sua esposa. Estarei com o George. Criaremos a oportunidade; temos estado a preparar “isso”.»

(3) «Estou a atender os outros e o escocês.» «Isto é, naturalmente, grego para vós, mas a minha esposa compreenderá por que razão o digo.» Estas mensagens eram perfeitamente claras para mim, mas não acreditava que a Sra. W. pudesse ser trazida a uma sessão na qual o seu marido falaria.

Ao regressar a casa, em Londres, encontrei uma carta da Sra. W. a referir que a coisa mais improvável a tinha libertado e que poderia vir para a casa de campo de 11 a 14 de fevereiro. A irmã cujos deveres ela tinha assumido para esse fim de semana mudara subitamente de ideias quanto a ir fazer uma visita a uns amigos.

Dissera francamente: «Não sei por que razão não quero ir, pois agrada-me imenso estar lá, mas não o desejo agora e decididamente não vou». Tive então de revelar à Sra. W. que, pensando que ela não estaria comigo, tinha marcado uma sessão para sábado à tarde, e esperava que não se importasse que a deixasse a descansar após o almoço enquanto me dirigia à sessão. Na sexta-feira ao fim da noite, chegou uma mensagem telefónica da Sra. Leonard a perguntar se a sessão poderia ser no sábado de manhã, às onze horas.

Disse que «Sim» e desliguei — mas percebi demasiado tarde (a Sra. L. não possuía telefone) que não teria tempo de conduzir com a Sra. W. até à casa de campo e regressar para o compromisso das 11 a.m. No sábado de manhã, por conseguinte, perguntei-lhe se estaria disposta a acompanhar-me até à casa da Sra. L. e a dar um passeio enquanto decorria a minha sessão. Poderíamos depois conduzir juntas até à casa de campo a tempo do almoço.

Ela respondeu: «Tenho um livro que irei lendo no automóvel». Quando chegámos, começou a chover, e tratava-se de um automóvel descapotável. Eu disse: «Quer sentar-se na sala de espera?». Ela respondeu: «Não, não procurei esta sessão de forma alguma e fui trazida até ela contra a minha vontade. Não vou recusar mais nada».

Deste modo, entrou comigo para a sessão. Apresentei-a à Sra. Leonard como uma amiga a caminho de passar o fim de semana na minha casa de campo. Esse constitui o relato real de como sucedeu que a Sra. George W. estivesse presente na sessão de 11 de fevereiro de 1928.

W. F. B.: Está alguém comigo; o George, porque o George pretendia falar com alguém, não contigo; ele não se encontra muito interessado em ti — outra senhora. O George partiu bastante depressa? Tinha estado doente predizendo o fim e, depois, enfraqueceu subitamente. Agora sente-se muito feliz por estar bem de novo e ser capaz de realizar as coisas que desejava. Não foi capaz de se manter em atividade até ao fim como eu fiz. O George estava muito cansado, mas possuía uma força de vontade e uma vitalidade admiráveis que o mantiveram firme.

Faleceu de paragem cardíaca após uma gripe. O fim foi súbito e inesperado.

W. F. B.: Encontra-se com J. S. Ela (ou seja, a Sra. W.) deve conhecê-lo. J. S. é alguém ligado a ele que ele encontrou por cá — um homem que conheceu há muitos anos. J. S. são iniciais. E do outro lado W. S. também, ambos homens com quem ele esteve muito envolvido. Encontrava-se mais ligado a eles quando jovem, na sua fase inicial de vida.

Tem estado a tentar entrar em contacto com essa senhora para a ajudar desde que partiu para este lado. Regressou para junto dela muito depressa — ela passou por um período desgastante e difícil, ele teve de a ajudar a superar. Muito poucos se deram conta das condições daquilo por que ela tinha estado a passar

anteriormente. Estavam apenas a julgar a situação como uma ocorrência comum. Ele tentou prestar ajuda mental e espiritualmente. Não sabia muito sobre o outro lado antes de partir, mas ficou muito contente por encontrar um mundo tão real no qual podia começar de novo. Não sabia que seria sólido. O George teve de trabalhar arduamente; sentiu que devia dar o seu melhor por cá para se justificar. Tem sido capaz de ajudar outros deste lado e outros na Terra que apresentam condições mentais difíceis.

G.: Ajudo aqueles que apresentam condições intelectuais difíceis, quer antes quer depois de virem para este lado. Creio que esse será o meu trabalho durante algum tempo no futuro. E possuo simpatia agora através da minha própria experiência.

Guia: Estava ele um pouco preocupado ou ansioso antes de partir?

W. F. B.: Não se deu conta de como chegou aqui. Disse: «Não devia estar aqui, devia regressar à Terra, a zelar pelas coisas e a realizar as coisas». Teve de olhar para trás para um pequeno vazio mental e não conseguia juntar as peças das coisas. Preocupava-o. «Devia estar de volta a encarar as coisas», sentia ele. «Que confusão — que dificuldade vai haver».

Ter-se-ia preocupado terrivelmente se certas pessoas não tivessem vindo dizer-lhe para não pensar nisso. Fizeram-no perceber que dispunha agora de um cérebro claro e eficiente, de um novo sistema nervoso e, na verdade, que não era para olhar para trás nem tentar pensar demasiado. Levei-lhe um pouco de tempo a habituar-se às novas condições no seu novo corpo. Foi maravilhoso não ter depressão nem ansiedade. Aqui ele diz que existe esperança; vê-se em frente, mas vê-se claramente: faz toda a diferença. Não se lembra do que aconteceu durante algumas horas antes de partir. Diz: «Não era eu próprio, o “eu” real não se encontrava consciente».

G.: Devo ter realizado certas coisas inconscientemente. A mente superior deve ter estado suspensa.

W. F. B.: Encontra-se perfeitamente feliz nas suas condições atuais. Não gostaria de regressar novamente ao mundo físico, embora diga: «Não creio que devesse esquivar-me à responsabilidade».

M. W.: Há algo que gostasses que se fizesse?

G.: Creio que realizaste a maioria das coisas que eu desejava. Tenho-te estado a incutir as ideias.

M. W.: Foram feitas conforme querias?

G.: Sim, foram. Um local ao qual costumava estar ligado e no qual residi vai ser ocupado por outra pessoa.

A casa na qual ele residira durante muitos anos tinha estado vaga durante algum tempo. Um antigo aluno seu, que era dedicado à sua memória, acabara de ser nomeado para um cargo na sua Universidade e, no momento em que soube que a casa do seu professor se encontrava disponível, não quis ponderar nenhuma outra. Ficou com ela e residiu ali durante vários anos. Mais tarde, a casa foi vendida.

G.: Sinto-me satisfeito com isso. Ajudei a organizar a situação. Tentei que se realizasse ultimamente, mas comecei a trabalhar nisso antes de acontecer.

W. F. B.: As coisas parecem que se vão resolver melhor agora — os assuntos materiais e financeiros —, tudo se há de arranjar. Ele estava algo preocupado quando partiu, ao início, sobre se algum dinheiro seria transferido ou não. Não uma libra ou duas; uma boa quantia. Receava que fosse difícil. No geral, as coisas correram melhor do que ele esperava. Diz que «é a lei da compensação a funcionar».

O George era um homem muito bondoso. Possuía muita simpatia e grandeza de coração. Se existissem pessoas como crianças ou pessoas necessitadas que quisessem ajuda, estava sempre pronto a dá-la. Possuía um cérebro brilhante. Mas, embora

sendo tão inteligente, manteve sempre uma simplicidade infantil. Gostava de coisas simples. Vivia perto da natureza, perto do que era sincero.

Era sempre natural e intensamente sincero.

W. F. B.: Uma senhora idosa encontra-se com ele — estatura média, cabelo grisalho com risco ao meio. Possui um rosto de bonita configuração, oval, com feições bem delineadas. Encontra-se vestida com um aspeto algo antiquado. Partiu para este lado antes dele.

M. W.: Isto descreve bem a mãe dele.

W. F. B.: E uma senhora mais jovem também cuidou dele. Está um senhor idoso com ele também — mais alto do que eu, de estrutura mais pesada; é grisalho e possui um rosto e cabeça bastante inteligentes; tem um nariz aquilino. Possui um rosto bastante distinto — um senhor de aspeto digno. Encontrava-se no mundo espiritual antes do George e tinha estado a tentar ajudá-lo na Terra.

Foi um dos primeiros a recebê-lo quando este partiu. Quando o George o viu, sentiu-se confortado de imediato. O senhor estendeu ambas as mãos e segurou as dele. O George soube que estaria seguro com ele; o aperto das mãos daquele homem ajudou-o. Era um homem por quem nutria grande respeito e falava frequentemente a seu respeito. Possuía um retrato dele na sua casa, um bom retrato: ficou muito feliz por encontrá-lo.

G.W., ao sair do Colégio, fora secretário durante vários anos de um político idoso e distinto, tendo-se formado uma amizade para toda a vida. Nenhum outro homem ocupou o seu lugar ou o influenciou tanto. Encontrava-se falecido há seis ou sete anos. O seu retrato — a reprodução de uma pintura — era o único que alguma vez estivera suspenso na nossa casa.

W. F. B.: Annie — ele continua a dizer Annie — está uma senhora — partiu há muitos anos.

Annie, a sua única irmã, faleceu em 1917.

W. F. B.: Kate — reúnem-se muitas pessoas em redor dele. Creio que era uma pessoa fácil de lidar. Era bem-vindo por onde quer que fosse. Possui uma boa quantidade de pequenas reuniões; ele brilha nelas — vive no turbilhão delas. Quando o vou visitar, tem uma autêntica assembleia pequena ao seu redor, todos a conversar. É muito popular por cá.

Um quadro muito verdadeiro. Os seus alunos e outros — toda a espécie de pessoas — vinham constantemente consultá-lo. Dificuldades intelectuais, problemas privados, entraves económicos, tudo encontrava pronta simpatia e compreensão e, não raras vezes, ajuda financeira.

W. F. B.: Está outro senhor — final da meia-idade. Conhecia-o muito bem aqui e era seu parente. Um homem que ele gostou de ver. C. Saberás mais tarde. Não é Charles, embora tenha visto o Charles — mas um amigo que costumava conhecer há anos. (? duas sílabas.)

M. W.: Carrington.

W. F. B.: Quem conhecia ele que gostasse de pescar? O George costumava ficar um bocado aborrecido com a pesca.

M. W.: O seu irmão Charles gostava de pescar.

W. F. B.: Ele encontrou uma quantidade enorme de velhos amigos.

F. E. B.: Como chegaste a encontrá-lo?

W. F. B.: Bem — simplesmente liguei-me a ele. Tu querias que o fizesse e pediste-me para o ajudar. Soubeste que tentei trazer o George à outra sessão, mas não o consegui fazer passar devidamente?

Este «pedir» nunca fora feito numa sessão, mas no meu próprio quarto, em casa. Numa sessão recente com outra médium ele fizera passar o nome «George», mas fora tudo.

W. F. B.: Tens estado a pensar numa ou duas coisas a realizar antes de partires para este lado? O problema difícil são os meus papéis — papéis psicológicos e outros. Não podes tratar de

todos esses — não podes fazer nada até estares livre das tuas próprias coisas. Põe-nos de parte por agora até saberes melhor o que vais realizar no próximo ano ou dois.

Ele tinha organizado os seus papéis entre os relativos a matérias psíquicas e os papéis científicos. Eu tinha estado a pensar em como seria possível encontrar tempo para analisar a questão de saber se algum destes deveria ser publicado.

W. F. B.: Outro amigo meu vem conversar sobre os velhos tempos. Sei que não podes estar sempre com pessoas que eu costumava conhecer. Faze-lo quando podes, mas tens outras coisas a realizar com pessoas que não se encontram ligadas a elas.

Philip Somerville-Large veio pouco tempo depois passar uns dias comigo. É um amigo muito antigo do W. F. B. Eu tinha estado com dois ou três dos seus velhos amigos.

F. E. B.: Enviaste mensagens através de S. Bruno?

W. F. B.: Compreendo — sim, enviei.

O Guia sorriu enquanto ele respondia. Este amigo tinha-me transmitido mensagens, uma das quais dizia: «O George e eu estamos determinados a fazer-nos notar por alguém na Terra e eu estou a organizar a situação». O reconhecimento do nome S. Bruno constituía evidência de memória dos tempos da Terra, pois nunca tinha sido utilizado por ninguém numa Sessão com a Sra. Leonard anteriormente.

W. F. B.: Fiquei tão feliz por encontrar o astrónomo.

Flammarion, o astrónomo francês, cuja amizade lhe dera muito prazer na Terra.

W. F. B.: Reunimo-nos e olhamos através de telescópios. Oh! passamos algumas horas interessantes juntos, absorventemente interessantes. Não estive a visitar outros planetas, mas estamos cientes da vida lá.

F. E. B.: São habitados?

W. F. B.: São habitados, mas com uma forma diferente de vida, pertencendo ainda assim ao mesmo sistema. Aqueles que se

encontram no mesmo sistema solar devem necessariamente conformar-se ao mesmo tipo. Diferem na estatura e na forma até certo ponto.

F. E. B.: Possuem inteligência?

W. F. B.: Indubitavelmente. Um planeta com vida física e sem vida mental estaria morto para nós. A vida que vive pelo instinto é como a vida vegetal inferior. A vida da razão é partilhada com os animais superiores — a vida superior à humana é espírito e não inteligência. Partilhamos o espírito com seres superiores, tal como os animais partilham o intelecto connosco. Assim como ajudamos a elevar os animais, os anjos ajudam a elevar-nos, mesmo na Terra, para alcançarmos as franjas do espiritual.

F. E. B.: Conseguis ir mais longe do que nós?

W. F. B.: Sim, é mais fácil para nós apreender os ensinamentos dos seres espirituais e avançar com eles. Não nos encontramos confusos e limitados pelo apelo aos sentidos físicos. Na Terra é correto que exista um apelo ao físico de modo a viver; no momento em que cessa, partes para este lado ou ficas numa condição inconsciente.

Quando um membro já não é sensível ao toque, algo aconteceu para o paralisar, para o amortecer — pelo que devemos usar os nossos sentidos e permitir que se lhes apele. Mas o problema reside em: permitimos que se lhes apele de uma forma construtiva ou destrutiva? Se permitimos que se apele aos nossos sentidos de tal forma que nos distraem, confundem e desviam a nossa atenção das coisas do mundo espiritual, então está errado.

As coisas que apelam em excesso, por exemplo, a bebida, a ganância, tudo o que conduz ao egoísmo, são más; contudo, os mesmos sentidos podem responder a coisas físicas que sugerem piedade, simpatia, compreensão e, se trouxermos estas coisas para a luz reveladora da verdade espiritual, estamos a realizar aquilo para que fomos enviados à Terra.

Cada um de nós é enviado à Terra para revelar a verdade, o que significa na realidade revelar Deus. Podemos revelar a verdade na mais pequena ação, na palavra mais simples, e deveríamos esforçar-nos por fazê-lo a cada momento do dia.

Mas aqueles que se tornam escravos dos sentidos, em vez de senhores, encontram-se a viver no plano inferior do ser ao qual pertencem os animais inferiores e o reino vegetal. É por isso que afirmo que deves viver acima dos sentidos, não imersa neles, e usando-os sempre sabiamente e com compreensão e discrição, não os suprimindo ou ignorando, mas usando-os.

O mesmo sentido e a mesma força que significam a exibição de energia capaz de levar um homem a matar alguém ou a desferir um golpe sob o efeito da ira podem utilizar-se e desviar-se para um canal voltado para o bem. Portanto, não se deve suprimir a energia, mas transmutá-la — transformando uma condição má numa boa. Não desperdiçamos frequentemente tempo com más condições em vez de tentarmos sobrepor uma condição boa?

A lei dita que o bem deve conquistar, quer no pecado quer em matérias de saúde. O bem deve conquistar se dispuser de uma oportunidade. Interesse-me pela cura e vou ajudar-te imenso por essa via. Poderei realizá-lo mais tarde porque surgirão oportunidades para o colocar em prática. Seria um pouco difícil de momento colocares em prática tudo o que eu te poderia dizer para fazeres. As pessoas pensariam que tinhas enlouquecido.

Somos todos canais potenciais para a cura. Tu és um canal para o poder de cura. Quando eu estava na Terra, sei que o teu magnetismo e poder de cura me eram prestáveis e me mantinham firme.

Sinto-me completamente certo disso e lembro-me sempre; sei que possuis poder de cura independentemente do conhecimento de medicina e de cirurgia. Mais tarde surgirão oportunidades para tentares usá-lo. A A. está aqui. Deseja enviar o seu afeto à outra senhora.

Isto é, à M.W., que era uma grande amiga sua desde a juventude.

W. F. B.: Encontra-se tão feliz e atarefada; possui o lar dos seus sonhos. Creio que chamarias à A. uma mãe espiritual. Mãos estendidas para todos os que necessitam. O George envia todo o seu afeto à sua esposa.

M. W.: Ele sabe que eu vou viajar?

W. F. B.: Sabe e aprova.

CAPÍTULO 9

11 de Agosto de 1928

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Existem várias coisas que quero escrever através de ti no que respeita à cura e às funções da alma independentemente do corpo, bem como na sua relação com este. Encontro-me particularmente ansioso por explicar, em linguagem simples, as possibilidades de desenvolver manifestações conscientes ou objetivas a partir do corpo da alma, ao qual chamamos o corpo etérico, o corpo que se encontra ao teu redor e em ti agora, que faz parte do físico mas é independente dele. Sinto que toda a inspiração espiritual, comunicação e também todo o tratamento que afeta o corpo físico vem através do corpo etérico e o afeta em primeiro lugar.

Aquilo a que chamas subconsciência reside em — localiza-se em — o cérebro do corpo etérico; a consciência do sentido

objetivo reside no cérebro físico; ora, aquilo para que queremos apontar constitui uma melhor cooperação entre ambos. Se tivermos cooperação entre ambos, possuímos perfeita lucidez, perfeita saúde, maiores doses de felicidade e de sabedoria, porque através da associação com o corpo etérico estendemos a mão até à fonte da inspiração e da vida.

Como espero que, através de ti, consiga fazer as pessoas compreenderem a importância de reconhecer o cérebro e o corpo etérico e de cooperar com eles: a mente constitui o poder que age sobre o cérebro. O cérebro etérico constitui um mecanismo, um canal sobre o qual a mente opera, tal como o cérebro físico o é.

No mundo espiritual (não gosto da palavra, mas poupa trabalho se a usar — não posso continuar a dizer «neste mundo onde as pessoas escaparam da carne») existem planos mais baixos do que aquele em que eu existo. Esses planos mais baixos são locais infelizes, tristes, deprimentes; encontram-se povoados por almas que não tiveram, ou tiveram muito pouca consciência do eu espiritual durante a residência da alma no corpo físico e que, por conseguinte, não possuem vida consciente, nenhuma vida independente no eu mental criativo.

O que quero fazer, e o meu grande objetivo agora, consiste em mostrar às pessoas na Terra a importância de desenvolver a vida da alma ou etérica antes de deixarem o corpo, para que possam evitar a residência nesses planos mais baixos. Espero realizar isso mais tarde através de ti — contigo. Estamos todos a tentar ajudar-te a instruir os outros sobre a urgência imperiosa de viver a vida espiritual enquanto ainda se encontram no físico. A vida espiritual deve formar-se na vida física; esse constitui o objeto para o qual Deus criou a Terra e a vida física nela.

Eu sabia muito mais relativamente a este assunto do que o indivíduo comum quando estava aqui, pelo que me encontrava melhor equipado para compreender mais a seu respeito após partir para este lado. Todo o ponto em meu entender reside em:

(1) O reconhecimento de que existe uma alma e, por conseguinte, algum corpo como veículo. (2) Se existe um veículo, a consciência dele, a cooperação com ele e, acima de tudo, o conhecimento dele.

F. E. B.: Por que explicas o conhecimento dele?

W. F. B.: Porque, minha querida, através do conhecimento dele virá a capacidade de atrair o poder do espírito através dele. Vês o teu automóvel; sabes que está ali; com certeza que quanto mais compreenderes o teu automóvel, mais partido podes tirar dele. Tens um frasco de medicamento. Se disseses apenas: «Isto é um frasco de medicamento; vou tomá-lo de qualquer maneira, a qualquer hora, porque está ali», não podes esperar os mesmos resultados que obterias se compreendesses o que é, para que serve e como usá-lo.

O que queremos fazer consiste em dar às pessoas, ou ajudá-las a darem a si próprias, este poder que se encontra em grande parte por utilizar e desperdiçado no plano de fundo das suas vidas físicas.

Existem dois resultados a colher a partir do reconhecimento e do conhecimento:

1. A vantagem que traz na vida na Terra.
2. A vantagem que traz após partir para este lado.

Muitas pessoas perguntarão: «Que vantagem traz na vida na Terra? Consigo ver que vantagem poderá ter na vida do além». Abre as portas da inspiração; a intuição fica mais apurada e com isso vem um maior entusiasmo, uma maior compreensão das belezas da vida, e até a percepção da beleza onde anteriormente a fealdade parecia existir. Existe poder, uma ajuda que vem através da cooperação com o corpo etérico que também certamente ajudará o bem-estar físico e a saúde. Falamos frequentemente dos poderes de recuperação e da resistência natural da natureza.

Sabemos que a natureza combate a doença, lutando por superar todos os males de que a carne é herdeira. Podemos

aumentar esse poder de resistência porque o corpo etérico não possui doença, é imune à doença; no entanto, trata-se de um corpo e, se estivermos cientes desse corpo, em contacto com ele, podemos recorrer à vida ou às correntes magnéticas desse corpo a fim de recarregar as correntes vitais, a essência vital no físico. Sabes, querida, venho muitas vezes contigo, uso-te frequentemente como um par de óculos com que perceber e verificar certas condições na Terra.

Tenho reparado que, em todas as pessoas não saudáveis ou doentes, a corrente magnética ou a quantidade de poder magnético no corpo diminui — fica abaixo da média. Creio que foi a busca tateante desta verdade que nos levou a descobrir e a usar a eletricidade, mas não podemos fornecer o mesmo tipo de eletricidade que esse fluxo eletromagnético que deveria ser extraído do corpo etérico. É por isso que vemos muitos casos que não respondem ao tratamento elétrico. Sinto que podemos ajudar imenso a humanidade ao:

(1) Mostrar-lhes que existe este outro corpo. (2) Como entrar em contacto com ele. (3) O que significará se o fizerem.

Gosto das flores que trouxeste. São para mim, não para ela. Eu queria que as trouxesses e, depois, a Médium pode ficar com elas após a sessão. Por vezes costumava apontar-te flores e folhas. Sabia uma boa dose sobre elas; por exemplo, costumava dizer: «Isto é isto e aquilo, ou pertence a tal e tal família». Sabia mais do que tu, pelo que costumava explicar-te as coisas. Digo isto não apenas porque trouxeste algumas flores hoje, mas porque andaste preocupada com o nome e a origem de uma planta ultimamente, uma planta alta, o acanto.

Uns dias antes, ao examinar as plantas na bordadura herbácea, não conseguia pensar no nome de uma e desejei que ele estivesse ali para mo dizer, como sempre sabia ou, se não soubesse, pesquisaria. No dia seguinte, almocei com uma amiga

que era ela própria uma jardineira perita. Cheguei cedo e ela pediu-me para caminhar pelo jardim.

Ali estava a planta que eu não tinha sido capaz de nomear, e eu disse: «Qual é o nome dela? Não me consigo lembrar, embora a conheça bem». Ela respondeu: «É estranho que me perguntes isso, pois quando acordei esta manhã algo me sugeriu que perguntarias o nome da planta que sugere arquitetura».

W. F. B.: Adoro estar contigo no meio das plantas e creio que te faz bem. Por vezes ressinto-me do tempo em que não podes estar com elas. Não defendo que te enterres alguma vez na vida rural, mas gosto que passes mais tempo lá. Atualmente não vejo como o possas fazer, mas um pouco mais tarde creio que serás capaz, pelo que vale a pena aguentar com essa perspetiva em vista.

F. E. B.: Soubeste algo da criança de quem falei?

No dia anterior, em casa, tinha perguntado se ele conseguiria encontrar a filha de uma amiga que tinha morrido recentemente. A única pista sobre ela que lhe podia dar era que a mãe dela tinha almoçado connosco no dia em que o W. F. B. faleceu.

W. F. B.: Tenho estado interessado numa criança, não na Terra, uma que partiu para este lado. Trata-se de uma criança que partiu há bastante pouco tempo e cuidei dela na sua partida — recebi a criança. Existia uma ligação por uma via indireta. B. é alguém ligado à criança, que se encontrava na mentalidade inconsciente da criança ao acordar. Por que se sentia ela tão sufocada? Algo tornava difícil a respiração: esta constituiu uma impressão trazida com ela — não agora. Não sofreu muito — não sofreria nada na partida.

F. E. B.: Qual era o nome dela?

W. F. B.: V é a letra que quero. Vi. Existe uma senhora na Terra a quem quero que ajudes em relação a ela. A senhora encontra-se muito triste por causa disto. A criança dá-me o nome Nanny também, e um nome começado por M. Não M de mãe,

mas um nome. Existe outra rapariga na Terra ligada a ela também. A criança Vi está bem e vai ser muito feliz quando compreender um pouco mais. Não se encontra infeliz. Sete é um número ligado a ela.

Dito de forma muito clara.

Está a aprender, a desenvolver-se e a ser cuidada. Há muitas coisas que vai apreciar e de que vai gostar. Nunca estará doente, sempre em perfeita saúde. Creio que poderia não ser assim se tivesse vivido, pelo que será mais feliz para ela. Antes de partir para este lado, havia algo de errado com um braço ou uma mão; não o conseguia mover.

No fim, partiu depressa — mesmo no fim —, constituindo a sua partida um certo choque. Estava doente, mas o fim chegou bastante depressa — parecia melhor, depois ficou doente de novo. A A. tem manifestado um grande interesse nela também. A Vi possui outras pessoas, familiares mais próximos, mas pensei que gostarias que eu ficasse de olho nela. Já demonstrou um interesse de propriedade por mim e não posso deixar de gostar dela, pois possui uma índole muito doce.

Está a revelar um grande espírito de curiosidade — «O que significa isto?» «O que é tudo isto?» «Por que está ali?» são as suas perguntas. Possui uma mente muito inteligente, um cérebro muito rápido, uma compreensão natural, não daquelas que vêm apenas do aprender as coisas: adora cor e flores.

Em que aniversário pensava ela quando partiu para este lado? — falou em «aniversário». Creio que compreenderão. Tem sido levada a ver os seus familiares: estará bastante com eles um pouco mais tarde. Lembrar-te-ás de lhes transmitir o afeto dela, porque os ama imenso, e eles a ela — existe um vínculo tão forte entre eles. Eu ajudo pessoas por vezes com as quais não existe o mesmo vínculo forte de amor, e então torna-se muito difícil, mas existe um vínculo forte com a Vi.

A minha amiga encontrava-se em grande aflição devido à perda da sua filhinha, que morrera após uma curta doença. Eu não tinha conhecimento da natureza da doença, mas, a 10 de agosto, tinha perguntado ao W. F. B. se conseguiria encontrar a criança e obter alguma mensagem ou prova que pudesse confortar a mãe. Os seguintes factos foram-me facultados pela mãe após a sessão.

A criança tinha sete anos. A sua doença fora sarampo seguido de pneumonia e encefalite, daí a dificuldade em respirar e a paralisia de um braço e de uma perna. Fora cuidada pela mãe e pela Nanny. M é a inicial da sua professora de escola favorita, de quem falou na sua doença. Ben era um grande amigo cuja carta a contar sobre o seu aniversário lhe fora lida pouco antes de ela ficar inconsciente. Tinha uma irmã. O seu nome era Violet, mas Vi era o nome utilizado na família.

W. F. B.: Considero muito fácil ser uma ponte. Talvez seja mais bem-sucedido do que a maioria na obtenção de mensagens: tu e eu temos ajudado vários; surge de forma fácil para mim. Posso provavelmente transmitir as mensagens por eles ainda melhor do que eles próprios. Talvez seja porque fui bem instruído no assunto e nas suas dificuldades. Sinto que tu e eu temos imenso a realizar juntos para ajudar as pessoas a compreender que existe esta vida além-túmulo.

CAPÍTULO 10

9 de Março de 1929

Sessão com a Sra. Barkel

Numa sessão com a Sra. Barkel, a 9 de março de 1929, algumas mensagens revestiram-se de interesse devido à ligação com mensagens através de outras fontes. O guia da Sra. Barkel é um índio chamado Whitehawk.

Whitehawk (Guia): Vem aqui para cumprir um compromisso com um senhor? Ele diz-me que tem um

compromisso consigo. Já o vi antes, a este senhor, a trazer uma filhinha.

A mãe da Vi tinha ido a uma sessão de forma anónima com a Sra. Barkel.

Diz ele: «Tu disseste-me para o fazer; pediste-me para ajudar em relação a isso. Espero tê-lo feito para tua satisfação». Não ficou contente por ele ter sido capaz de ajudar e confortar? Tudo o que pudesse realizar, disse que o faria. Está a dar-me uma data, 1884 a 1885. Algo marcante para ele — algo que iniciou. Diz que verifica que tem de transmitir pequenos pedaços separados através desta médium. Está a mostrar-me um livro de novo, na lombada diz S.P.R. 18-92.

A médium age como se estivesse a folhear páginas.

Diz ele: página 92 ou o oposto, 29. Nessa página 95 existe alguma referência a ele próprio que lhe interessará; considera-a característica e probatória.

Examinei as *Proceedings* e os *Journals* da S.P.R. de 1892 nas páginas 29 and 92, mas nada encontrei que confirmasse. Ocorreu-me então que o folhear das folhas poderia ter sido feito para mostrar ao Whitehawk que 92 se referia a páginas e não a datas quando disse 92; assim, utilizando 1884 como data, verifiquei que era o primeiro número do *S.P.R. Journal* e o livro abria com uma carta introdutória do W.F.B., o que parece sugerir ter sido ele quem propôs a revista e ter sido nomeado o primeiro editor.

Disso eu não tinha conhecimento prévio. Ao abrir o livro na página 92, encontro no lado oposto a seguinte nota: «O Professor Barrett teceu algumas considerações nas quais lembrou os presentes da distinção entre a verdadeira transferência de pensamento, onde a ideia é incutida sem contacto ou movimento, e a “leitura muscular” das exposições públicas».

Whitehawk: A pequena Violet diz se pode enviar o seu afeto à Mamã e ao Papá, e ele envia o seu afeto.

O nome Violet foi facultado espontaneamente.

Whitehawk: Lembra-se de um cão de pelo cerdoso? Está relacionado com outra casa que não aquela em que reside agora, com relva e espaços maiores. Ele tem-no consigo.

Ver referência anterior a este cão numa Sessão com a Sra. Leonard a 9 de abril de 1926. Tratava-se de um Griffon que era o seu companheiro constante quando residíamos em Longcross House, que possuía amplos relvados e espaços abertos — o único cão pequeno que me pertencera e que tinha morrido.

F. E. B.: Falaste comigo noutro local ultimamente?

W. F. B.: Sim, mas não por muito tempo: não havia uma grande quantidade de força. Eu estava lá e a força em si mesma era muito boa, mas por que não durou mais tempo? Recebeste a mensagem sobre o livro?

F. E. B.: Sim.

W. F. B.: Fi-lo com a intenção de ser um teste — uma espécie de teste de livro muito nas linhas em que estávamos interessados. Foi não só bom, como característico. Acertaste no livro, mas pegaste no livro errado primeiro. Confundiram a página com o livro, mas encontraste o correto depois; os números encontravam-se transpostos. Agora dar-te-ei outro pequeno teste do mesmo livro. Quero que olhes para a terceira página; constitui uma confirmação da mensagem anterior: não a terceira página do livro, mas a terceira página do primeiro texto longo — uma semelhança curiosa com o que facultei antes.

Na terceira página do «primeiro texto longo», ou seja, a página 5 do livro, encontram-se duas referências de especial interesse para o W.F.B. «Uma nota sobre os Efeitos Sensoriais do Magnetismo foi lida pelo Professor Barrett. O autor declarou que o resultado de experiências recentes por si realizadas apontava no sentido de uma sensação peculiar ser produzida por um íman potente sobre certos organismos.

Como isto era oposto à opinião geral dos homens de ciência e à experiência daqueles que têm o hábito de trabalhar diariamente

com grandes ímanes, tornam-se necessárias mais provas.» O artigo seguinte, sobre «A Vara de Radiestesia», preparado pelo Sr. S. R. Pease, foi lido. A radiestesia constituía um tema ao qual o W. F. B. tinha dedicado especial atenção e sobre o qual publicara relatórios do seu trabalho.

W. F. B.: À parte desta Médium, foi a melhor sessão que tive — só que a força não durou. Tive receio de a prolongar, porque é aí que ocorrem os erros. Era um Guia índio.

Isto foi em voz direta.

Guia: Diz ele que um oriental estava no comando.

F. E. B.: Ouvi a tua voz dizer «Era um Guia índio».

W. F. B.: Tu ouves a minha voz, a Médium recebe os meus pensamentos. Índio está correto.

Voz direta de novo.

F. E. B.: Falaste comigo em casa?

W. F. B.: Sim, soletrando. Foi algo laborioso, mas muito interessante. Duas vezes tentei soletrar AMOR e foi cortado cerce de cada vez.

Tínhamos tentado a indução de movimento em mesas em casa com mensagens dispersas.

Tu transmitias-me imenso — a tua vitalidade e magnetismo admiráveis. Poder-se-ia dizer que era cuidado e pensamento, mas tu mantiveste-me em atividade até eu ter de partir para este lado. O que isso significou para mim não to posso dizer até vires. Detestava a ideia de ficar incapacitado: repudiava essa ideia intensamente, e tu mantiveste-me em atividade — nessas vertentes usaste o teu poder: foi uma transmutação de poder. Muitas pessoas possuem poder psíquico e usam-no nas suas várias profissões — músicos, artistas, etc.

Caso contrário, provavelmente desenvolver-se-iam como médiuns. Creio que possuímos muitas coisas a realizar juntos antes de partires para este lado. Sinto que há trabalho para realizarmos — algo de definido a realizar juntos, e ser-me-á

permitido aproximar-me muito mais para esse efeito. Não foi por acaso que nos unimos na Terra. Olhando para trás, alguma de nós percebia ao que isso conduziria? Não imaginava que conduziria a tal entendimento, felicidade e afeto, e sei-o e reconheço-o ainda mais desde que parti para este lado do que antes. Estava destinado.

Voz direta.

Aconteceu de uma forma estranha, conduzido por uma série de passos, e nenhuma de nós compreendia a importância ou a profundidade disso na altura. Fomos ambas atraídas para isso por outros que nos guiavam na direção certa. Não compreendia na altura tudo o que poderia significar, e sabemos que outros não compreendiam. Muito poucos dos que nos são próximos compreendem o que tu e eu significamos um para o outro, porque olham apenas para a superfície: não conseguiam ver profundamente. Sabe-lo mais agora, não sabes?

Quão importante era que tu e eu pertencêssemos um ao outro. Agora estás a dar continuidade ao meu trabalho, bem como ao teu. Fizeste-me muito feliz e confortável aqui, mas mais feliz ainda agora. Não importa o que os outros pensam: quando todos nos encontrarmos deste lado, como inevitavelmente acontecerá, tudo ficará bem, tudo claro, tudo compreendido. Quero que saibas que compreenderei sempre tudo o que fizeres: saberei sempre que, seja o que for que faças, é pelo melhor.

CAPÍTULO 11

25 de Maio de 1929

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Sinto que devemos simplificar a vida. Existem assuntos importantes para os quais deves procurar manter-te livre, coisas que outros não podem realizar, mas tu sim. Estou a trabalhar contigo agora de tantas formas.

Em breve serei capaz de te incutir as ideias de forma cada vez mais forte do que alguma vez antes. A minha missão na vida consiste em trabalhar contigo; fomos unidos para esse efeito. Costumava pensar que tinhas sido trazida até mim para ajudar de muitas formas na Terra. Não era assim; fomos unidos para um objetivo definido, de acordo com planos feitos para nós deste lado.

Eram bons planos que resultarão no nosso avanço espiritual e que já o fizeram. Andavas a perguntar-te o que fazer em relação a uns livros meus? Eu ficava ainda mais baralhado do que tu ficarias sobre o que fazer com eles. Não vale a pena guardá-los. Pensei que poderiam ser aproveitados em alguma instituição. Não são histórias, mas sim livros científicos, livros de viagens também.

Podes pensar no que fazer e, seja o que for que faças, ficarei satisfeito. Não possuo nenhum desejo particular sobre quaisquer coisas materiais que possuo; deixo as decisões sobre as mesmas contigo e sei que ficará tudo bem.

F. E. B.: Conta-me algo sobre as tuas próprias ações.

W. F. B.: Sabes que estou feliz, não sabes? Tentei dizer-te isso. Possuo uma vida de atividade útil, tão atarefada e tão interessante. Já agora, por que andavas a pensar na minha partida de novo? Foi apenas a passagem para uma vida mais plena para mim, pelo que te peço sempre que te regozijes com isso.

Desde que parti para este lado, descobri que tanta oração é quase inútil porque é feita de uma forma demasiado formal. A oração deveria ser feita da maneira mais simples possível.

Um pensamento natural enviado a Deus é muito melhor do que uma oração estereotipada e fixa, realizada a uma hora marcada e, por isso, muitas vezes proferida mecanicamente. Esquecemo-nos frequentemente do que é a oração. É conversar com o nosso Pai — é isso que a oração deveria ser —, pedir a orientação e a ajuda do nosso Pai.

Muito daquilo a que se chama oração constitui um pedido de dádivas, de vantagens materiais. Isso está errado. Mas podemos pedir iluminação para nos prepararmos para o bem nas nossas vidas físicas. Sinto que podemos pedir isso; foi-nos dito que podemos pedir o nosso pão de cada dia, o qual abrange todas as necessidades possíveis, mas não nos é dito para pedir o pão de cada dia de amanhã.

Acho que as palavras «O pão nosso de cada dia nos dai hoje» significam que temos de nos dar por satisfeitos com os mantimentos de cada dia, e estes ser-nos-ão dados se os pedirmos de forma simples e direta. Creio que às vezes te encontras numa pequena dificuldade no que respeita à oração. Não te sintas apologética perante Deus se, por vezes, não conseguires sentir o sentido de Deus e da comunhão espiritual como desejarias.

Podes conversar com Deus a qualquer momento, no automóvel, na rua, num restaurante e no campo. Deus está em todo o lado. Ele não deseja que faças um grande esforço a fim de providenciar o que possas considerar um local adequado para Lhe falares. A oração é poderosíssima; constitui quase a nossa única forma de nos abirmos à força e à sabedoria. Não conheço melhor caminho e estou certo de que, não importando qual fosse o problema, haveria algum alívio para o mesmo se te abrisses à fonte da força e à ajuda que nunca é recusada. Nós rezamos por cá, mas rezamos naturalmente.

F. E. B.: Rezas sem visão?

W. F. B.: Sim e não. Depende do que me encontro a realizar. Às vezes dou comigo a fazer algo para o qual quero ajuda.

Simplesmente falo e peço essa ajuda. Mas outras vezes verifico que atinjo um grau notável de clarividência. À medida que elevo a minha alma na oração, a verdadeira visão vem até mim. Sinto Deus, compreendo Deus. Vejo toda a espécie de visões maravilhosas que, em si mesmas, me elevam e estimulam.

Mas, frequentemente, na Terra tens de rezar às cegas e, como dizes, sem visão, mas às vezes esse caminhar tateante e cego no limiar do mundo espiritual abre a porta e a visão surge quando menos o esperamos. Podemos julgar que estamos a rezar sem visão, mas o próprio ato de rezar trará ou deveria trazer a visão consigo. Vi muitos homens começarem a rezar sem esperança, rezando e sentindo: «Terá esta coisa alguma utilidade?

Não consigo ver nada nem sentir nada»; e, no entanto, as palavras da oração elevam-se dos seus lábios e, embora enquanto rezam possam nada sentir, depois vem a paz, e após a paz, a força e a inspiração. Vi isso acontecer vezes e vezes sem conta. Não tenhas receio de incomodar Deus; conversa com Ele o dia todo se quiseses. Que pai se queixaria de os seus filhos quererem falar com ele? Continua a conversar e a visão virá, mais força e mais visão.

5 de Novembro de 1929

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Desloquei-me a outra Médium para te fazer chegar uma espécie de mensagem. Achei que fui hábil em fazer-me notar e em fazer-ta chegar por procuração.

A Miss Bazett encontrou-me por acaso mais tarde e disse: «Sir William veio ter comigo um dia, mas apenas disse que lhe devia transmitir o seu afeto e para se certificar de usar os nomes Flo ou Florence, não o intermédio com duas sílabas».

W. F. B.: Florrie. Aproveitarei sempre a oportunidade de o fazer se puder.

Voz direta.

W. F. B.: Está a aproximar-se o momento de divulgares os resultados da nossa comunicação.

F. E. B.: Saberei quando?

W. F. B.: Incutir-te-ei a ideia e guiar-te-ei em cada detalhe. Possuímos uma massa de provas de um tipo peculiar, mas existem outras coisas por trás das provas que quero fazer sobressair. Do meu lado vejo e sinto quais deveriam ser os princípios orientadores da vida claramente, com absoluta clareza de visão. Do nosso lado não existe justificação para o lema de que se pode praticar o mal para que venha o bem — não se pode —, mesmo que o bem pareça vir, não passa de um simulacro perigoso de uma condição benéfica. Aquilo que se funda no bem e é bom em si mesmo é produtivo de um bem duradouro. Algumas destas coisas ir-te-ia dizendo de tempos a tempos. Confirmarei tanto quanto me for possível.

Quero dizer, Florrie (ouvido), que confirmarei em tantas condições diferentes quanto possível, para que sintas que te encontras em terreno firme. Fiquei extremamente interessado e tocado à minha chegada à vida espiritual por verificar que era considerado um pioneiro, um trabalhador para o mundo espiritual. Que coisa estranha teres de ser uma pioneira também! Houve uma altura em que tu própria terias considerado isso uma condição quase impossível, mas constitui o teu trabalho, tal como verifico agora que era o meu e ainda o é. Não te apresses com este assunto, dir-te-ei quando começar.

Muito discurso direto.

O meu objetivo ao vir ter contigo e ao ajudar-te, à parte do objetivo pessoal, consiste em indicar um caminho definido, simples e fácil às pessoas baralhadas na Terra. Não quero apenas aumentar a massa de provas já fornecidas. Quero que sejam fornecidas provas adicionais, mas quero igualmente indicar o caminho. A vida do meu lado parece tão extraordinariamente fácil

em comparação com a Terra, porque vivemos simplesmente de acordo com as regras do amor.

Surgiu aqui um esforço para fornecer provas da parte de um Coronel R., marido de uma amiga minha, mas este não conseguiu recordar um nome que tinha indicado.

Quando me encontro na minha própria esfera, dizem-me um nome e julgo que me lembrarei dele quando entrar nas condições de uma sessão; nessa altura, sei que apenas consigo transportar comigo — reter em mim — uma pequena porção da minha consciência. As coisas mais fáceis de apreender são aquilo a que podemos chamar ideias; uma palavra solta, um nome próprio, não possui ligação com uma cadeia de pensamento, exceto num sentido isolado; isso é muito mais difícil do que qualquer outro esforço de memória ou associação de ideias.

Se fores a um médium que seja novo para nós, posso fazer-me notar transmitindo-te através desse médium uma impressão do meu carácter e personalidade, do meu trabalho na Terra e assim por diante. Tudo isso pode ser sugerido por pensamentos, impressões, ideias; mas se eu quiser dizer «sou o Will», verifico que isso é muito mais difícil do que dar-te um estudo longo e abrangente da minha personalidade. «Sou o Will» parece tão simples, mas tu compreendes que neste caso a palavra «Will» se transforma numa palavra solta.

Se eu quisesse expressar uma ideia dos meus interesses científicos, poderia fazê-lo de vinte formas diferentes. Provavelmente começaria por mostrar livros, dando depois impressões sobre a natureza do livro e assim sucessivamente, até ter construído uma impressão do meu carácter; mas «sou o Will» apresenta dificuldades. Forneci-te o nome William noutra sessão.

Isto era verdade. Numa sessão com uma médium de voz, ele tinha fornecido o nome William.

F. E. B.: Por que me tratas por «Florrie» numa sessão, quando nunca tinhas o hábito de me tratar assim?

W. F. B.: Verifiquei que constitui um nome fácil de fazer passar numa sessão e, tendo-o conseguido uma vez, é fácil fazê-lo passar de novo; mesmo através de outros médiuns, provavelmente farei passar essa palavra.

Algum tempo antes de trazeres o pai dele aqui, eu tinha estado a ajudar o Michael, mas em várias ocasiões tinha trazido o rapaz aqui quando se realizava uma sessão da S. P. R. Houve três ocasiões. Os participantes eram-nos estranhos. Creio que dois eram mulheres, mas não tenho a certeza em relação ao terceiro. Trouxemos o Michael e fornecemos o seu nome próprio e parte do apelido, bem como vários factos sobre a sua identidade. Em duas ocasiões fui descrito como estando com ele. Foram tiradas notas completas pelo registador oficial da Sociedade.

O seu apelido provavelmente não foi fornecido de forma totalmente correta, mas com uma semelhança próxima. Contudo, foi fornecida uma descrição clara dele, mas ninguém parece lembrar-se das circunstâncias ou averiguar o assunto. Creio que eram participantes novos, desconhecidos do Michael ou de mim. Não gosto que nada do que seja probatório seja descurado.

Rádio. Não me encontro ainda totalmente certo da sua eficácia. Compreendo o poder de cura natural da luz: toda a vida vegetal se encontra dependente da luz. O corpo humano foi destinado a ser submetido à luz — os raios curativos do sol —, mas a chamada civilização frustrou isto; sinto que é da maior importância empregar os raios de luz na constituição das forças vitais. A parte importante consiste em construir gradualmente uma nova pele que permita ao sangue absorver o poder de cura nos raios do sol e distribuí-lo a outras partes do organismo.

É da maior importância em relação ao rádio. A sub- ou semicorporalidade chamada rádio deve conter algum fator extraordinariamente potente, mas, no momento atual, receio que se possa revelar tanto um elemento destrutivo como construtivo. O rádio constitui um eliminador; elimina certos fatores que

concorrem para a doença, mas no processo, direi, deslocaliza a condição doente, desloca-a, por assim dizer. O perigo reside em — e quero que tomes nota disto —, ao mudar a localidade muito ligeiramente (*voz direta*) da condição doente, poder transferi-la para um ponto onde esta se pode tornar extremamente perigosa, mesmo que permaneça ali apenas temporariamente durante o período de disseminação. Creio que os acontecimentos provarão a veracidade da minha hipótese.

F. E. B.: O rádio será abandonado?

W. F. B.: Não, não posso dizer que será abandonado, mas creio que o seu campo de utilidade será alterado — localizado primeiro e alterado, por causa deste peculiar processo de desalojamento que se verifica. Na destruição da doença que indubitavelmente se verifica sob a ação do rádio, existe um perigo; essa constitui a razão pela qual não posso apoiar de todo o coração o uso do rádio por enquanto.

CAPÍTULO 12

11 de Janeiro de 1930

Sessão com a Sra. Barkel

Guia da Sra. Barkel:

Whitehawk (Guia): Boa tarde, senhora. O Sr. William disse-me que vinha conversar comigo porque ele esteve a ajudar ontem à noite. Tratam-na por Flo — ou Florence? Desde que partiu para este lado, ele já deu continuidade às suas investigações ao longo de linhas de pensamento mais avançadas, mas seria difícil conseguir que alguns colegas do seu lado aceitassem as suas teorias. Mas já não constituem teorias para ele; encontra-se a observar mais três planetas que em breve serão descobertos na

órbita do sol — neste sistema planetário: ele já o mencionara vagamente antes.

Devido aos movimentos erráticos de Úrano — o que está a causar tempestades e borrascas na vossa Terra —, verifica-se um movimento inverso extraordinário no planeta. Um planeta perto do sol, que aparece e desaparece, será descoberto por um homem das estrelas do vosso lado: nessa altura, poderá fazer saber que ele já o tinha encontrado. Passarão provavelmente dois ou três anos antes que exista uma visibilidade clara.

Extrato do *The Times*, sábado, 15 de março de 1930:

O NOVO PLANETA O relato da Universidade de Lowell sobre a descoberta de um novo planeta foi recebido com interesse pelos astrónomos neste país ontem e, embora a confirmação não se possa ainda obter quer a partir de fotografias antigas quer por novas observações nos observatórios ingleses, existe uma tendência geral para aceitar a notícia como autêntica, visto que concorda com previsões já feitas e baseadas na perturbação do planeta Úrano e, num grau menor, na de Neptuno.

A observação é mais difícil porque o planeta se diz encontrar-se numa parte muito densa da Via Láctea. Sir Frank Dyson, o Astrónomo Real, afirmou ontem que a sua existência é suspeitada há algum tempo, tendo sido deduzida principalmente a partir dos movimentos de Úrano. Este assunto e as previsões nele baseadas foram discutidos numa reunião da *Royal Astronomical Society* ontem à noite. Tinham sido recebidas informações do Observatório de Lowell de que o planeta fora observado durante sete semanas antes de o anúncio ser feito. A sua posição foi fornecida e um telegrama de felicitações foi enviado em resposta.

Outro jornal diz:

NOVO PLANETA Maior do que a Terra, Descoberta nos E.U.A. A maior desde Neptuno. Um novo planeta do sistema solar, maior do que a Terra mas mais pequeno do que Úrano, foi descoberto no Observatório de Lowell, no Arizona. O planeta,

que se encontra para lá de Neptuno, constitui o nono planeta principal da família solar, e a sua descoberta é descrita aqui como o maior acontecimento na astronomia desde a descoberta de Neptuno, há 84 anos. «Os astrónomos encontram-se grandemente entusiasmados com a notícia, que confirma a hipótese do falecido Professor Percival Lowell, o qual era bem conhecido em Inglaterra pelas suas teorias marcianas, de que um nono planeta existia mais longe no espaço do que Neptuno.»

Whitehawk: Diz ele: «O que me interessou e te interessará consiste em que a aproximação do novo planeta liberta raios invulgares e, com os raios solares, dará origem a uma nova substância química — gases que se fundirão e serão benéficos em raios dadores de saúde na Terra». Está a mostrar-me coisas de luz e de som. Lembra-se de ele se sentir certo de que deveria existir vida nos planetas? Bem, ele provou-o de várias formas.

F. E. B.: Como?

Whitehawk: Visitando-os. Em alguns existe uma humanidade mais avançada: noutros, um estádio menos avançado do que o nosso. (Na lua existem flora e fauna gigantes que parecem assemelhar-se de algum modo às eras iniciais da Terra: em muitos aspetos assemelha-se a uma cidade deserta.) Verificou que a humanidade marciana é a mais aparentada com a terrena. Descobriu ali um maior conhecimento da força a que chamais eletricidade. É utilizada para todos os fins de cura.

Terá ouvido que as pessoas falaram de uma formação semelhante a uma nuvem ao redor de Mars. Encontra-se rodeado por uma nuvem que lhes parece rosada e dourada, não azul e verde como a vossa nuvem. Além disso, Mars possui dois sóis e, conseqüentemente, existe menos mudança de clima; é claro e quente.

Seguem-se aqui alusões a temas mencionados noutras Sessões com a Sra. Leonard ou que revelam conhecimento de

coisas em uso em casa, terminando com mensagens do George para a sua esposa e da Violet para a sua mãe. Por último:

Whitehawk: A Anna é alguém que a serve. Diz-me que veio para a servir e enviar afeto a partir do mundo espiritual. É de estatura e estrutura médias, com cabelo castanho-escuro — simples. É loura, de rosto redondo e aspeto viçoso. Olhos azul-acinzentados, de aspeto acolhedor. Tinha dores no peito?

Esta constitui uma descrição exata de uma criada a quem chamávamos Julia: a descrição ajustava-se exatamente à Julia, mas o nome estava errado. Ao regressar a casa, perguntei a uma criada sénior se a Julia possuía outro nome, Anna. Ela respondeu: «Costumávamos picá-la tratando-la por Anna porque o nome dela era na realidade Juliana». Faleceu em 1929 de sarcoma no peito.

6 de Fevereiro de 1930

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Desde que vieste aqui conversar comigo, foi-me dito por aqueles que se encontram qualificados para me contar e instruir que se tornava necessário para mim encontrar-me e viver em estreita associação com alguém que possuísse o teu conhecimento sobre a tua matéria de especialidade, a fim de que este constituísse uma base para a tarefa ainda mais importante que tu e eu temos de enfrentar juntos.

Sei que muitas vezes andaste baralhada com certos aspetos daquilo a que devemos chamar saúde e doença, vida e morte: esta força misteriosa a que chamamos força vital, a qual, enquanto anima a matéria, produz o que chamamos na Terra saúde e vida e, quando é retirada de uma área mesmo pequena de um corpo

individual, deixa essa área à mercê daquilo a que chamamos doença — a mortificação. Porque a doença não passa de um estágio de mortificação, conforme a vemos do nosso lado. Se conseguirmos apenas induzir esta força vital a habitar ou a animar cada porção do corpo igualmente ou na proporção correta, não teríamos doença de espécie alguma.

A velhice seria simplesmente uma preparação tranquila para o novo país, um desapego suave das coisas físicas a fim de agarrar coisas espirituais duradouras mais tangíveis que se encontram à nossa espera — é isso o que a velhice deveria ser. Mesmo nestes últimos dois meses tenho estado a investigar o corpo etérico, esse corpo que constitui o veículo intermédio para esta força misteriosa. O corpo físico não sofre uma ação direta, mas sempre por intermédio do corpo etérico. O corpo etérico constitui o elo que faltava e todas as formas de vida na Terra possuem o seu corpo etérico.

Os homens de ciência têm andado baralhados quanto ao género de elo, a existir, que se verifica entre a força animadora chamada vida ou energia e aquilo a que chamamos matéria. Tem existido algo em falta pelo meio, e esta contraparte ou corpo etérico constitui o elo que faltava. A vida e a energia apenas podem funcionar através do corpo etérico a fim de alcançar e animar a matéria.

Agora sinto que tu e eu vamos encontrar uma forma de atacar decididamente a doença por intermédio deste corpo etérico que é invisível, mas tangível. Devemos negar a sua existência, como sei que muitas pessoas intelectuais fazem, pelo facto de ser invisível aos nossos olhos terrenos? O vento é invisível aos nossos olhos terrenos, mas não lhe negamos a importância e a existência.

Apenas reconhecemos o vento pelas suas manifestações. Não reconhecemos Deus pelas Suas manifestações? E aqui encontramos-nos confrontados por outra condição invisível, mas

potente e de suma importância, a qual é vitalmente necessária para a saúde e a própria existência do homem na Terra.

O que estou a começar a descobrir constitui a melhor forma de tratar o corpo físico para que o corpo etérico se possa tornar mais parte dele. Tenho reparado que na doença de qualquer tipo se verifica a ausência ou a retirada parcial da contraparte etérica da área doente, e sei que uma cura apenas se pode efetuar realizando algo que induza a parte etérica a interpenetrar a chamada parte física ou material de novo ou lhe permita fazê-lo. Este constitui o meu trabalho, aquilo em que me vou concentrar em complemento do meu ciclo habitual de trabalho e estudo. Ir-te-ei relatando de tempos a tempos.

W. F. B.: Não estou a falar de alguém na Terra, mas de alguém que partiu para este lado desde que estiveste aqui — tiveste pena dela e perguntavas-te como se instalaria. Foi muito súbito e ela encontrava-se num estado mental confuso. Estava a tentar fazer algo com a cabeça — não por sufocação — gás. Pobre mulher! Uma mulher magnífica. A Ada e eu estamos a ajudar. Atraí a Ada para isto por causa da sua compreensão.

Isto, com mensagens posteriores, descreve claramente uma amiga minha que passara a vida em trabalho missionário e que se tinha asfixiado com gás enquanto trabalhava no East End.

W. F. B.: Não foi nada mais nada menos do que excesso de tensão. Era bondosa para os outros, escrupulosa e tinha boas intenções em todos os aspetos. Não foi punida de forma alguma, fosse ela qual fosse, porque a culpa não foi mais sua do que se tivesse caído acidentalmente e lesionado o cérebro. Disse-lhe que te falaria sobre o assunto esta manhã, e ela agradece-te com carinhosa gratidão pelos teus pensamentos a seu respeito, porque sabia que várias pessoas, a quem tinha ajudado e de quem fora amiga, andavam a escolher o que consideravam ser os seus pontos fracos e não percebiam que uma grande parte do seu poder físico

e da sua força tinha sido gasta no serviço dos outros. Era uma senhora muito simpática.

Não creio que tenhas qualquer ideia da medida em que os teus pensamentos a ajudaram. Somos extrassensíveis aos pensamentos dos que estão na Terra, especialmente nos dias iniciais em que as nossas próprias mentes pairam entre la Terra que deixámos e a nova terra na qual os nossos pés não se encontram ainda firmemente plantados. Nessa condição intermédia necessitamos dos vossos pensamentos, mas necessitamos de pensamentos corretos, construtivos, prestáveis, carinhosos. Dir-lhe-ei quando regressar o que te contei e o que disseste. Sabes que a vida dela se estava a transformar numa certa confusão. Encontrava-se exausta e já não conseguia ver direito. O seu poder de focagem tinha desaparecido temporariamente — não a sua razão.

13 de Maio de 1930

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Tento frequentemente enviar pequenas mensagens por intermédio de outras pessoas para te fazer saber que não perco nenhuma oportunidade de te escrever uma nota, porque se tivesse ido para outro país e não te pudesse ver, desejaria escrever para enviar mensagens, mas teria de aguardar pelos barcos do correio; por isso considero que estas outras pessoas são barcos do correio e, quando um chega, faço uso dele. Tenho-te estado a ajudar imenso ultimamente; haverá coisas a resolver em relação ao campo e terei de te ajudar bastante nessa vertente, porque a partir das coisas que estão a acontecer agora e nos próximos meses, haverá outras coisas a acontecer, mais importantes mais tarde.

As coisas que acontecem agora não são assim tão de suma importância em si mesmas, mas sinto que coisas mais importantes acontecerão a partir delas — um resultado definido. Existe um novo local no campo. Gosto dele e considero que constitui uma boa coisa. Estou a falar da nova casa.

Não se encontra terminada ainda, existem coisas por realizar, não direi infelizmente, porque gostarei de as realizar e de ter as coisas conforme queremos. Gosto das árvores — adoro-as —, muito encantadoras. Teria gostado dela quando estava aqui. Tu tens o que eu gostaria neste local. Gosto das condições e dos arredores, é calmo, mas ainda assim ao alcance da civilização. Não é inacessível — maravilhoso para o que é.

Eu tinha justamente comprado uma casa de campo no campo, tendo vendido a anterior nove meses antes.

W. F. B.: E em relação à parede — algo vai passar através dela, sinto-o.

F. E. B.: Queres dizer uma porta para a varanda?

W. F. B.: Sim, gosto que passe através dela e considero que constituirá uma grande vantagem — muito agradável. Existe uma varanda com uma passagem em dois locais.

Eu tinha pensado em colocar uma porta através de uma parede do quarto para uma grande varanda de dormir. O mesmo quarto possui outra porta para uma varanda pequena.

W. F. B.: Fora da casa, ficaste com a ideia de que deveria existir algo um pouco mais saliente — não a varanda? Embora eu não o pudesse ver, sinto que «Sim, está correto».

Um alpendre fora construído — o construtor encontrava-se a submeter planos.

W. F. B.: Não necessitarás de ter um caminho melhorado — tornado mais firme? Mais tarde verás o que quero dizer.

Nisto eu não tinha pensado, mas ao fazer o jardim escavado utilizei a pedra excedente para fazer um pavimento largo fora da porta da sala de estar.

W. F. B.: Caminhando para baixo a partir desta casa, chegas à água.

F. E. B.: Queres dizer um charco ou um lago?

W. F. B.: Não — água corrente: não a consegues ver a partir da casa, mas está lá e agrada-me; mas não a quereria demasiado perto, de modo a que a pudesses ver.

O terreno inclina-se para baixo a partir do jardim até ao nível do rio em Cookham. Os bosques de Cliveden encontram-se no horizonte e o rio corre pelo meio, mas não é visível a partir da casa.

W. F. B.: Gosto da igreja ali. Não uma antiga, uma moderna, foi restaurada, mas parte do edifício original encontra-se ainda ali. Existe um campo ou local relvado ao lado — não nos terrenos da igreja; caminhei ao redor e senti-me sobre relva; poderás reparar. Perto de onde fica a igreja, a estrada curva um bocado e não é completamente plana perto da igreja. Existe uma sebe muito alta perto, uma sebe selvagem alta; parece uma sebe aparada, mas é na realidade selvagem.

Esta constitui uma descrição exata.

W. F. B.: O local perto começa por C — um local de que gosto.

Cookham Dean.

W. F. B.: Tenho aqui uma pessoa muito feliz que deseja enviar-te uma mensagem de gratidão — gratidão afetuosa. Alguém que não era feliz na Terra, mas que tinha em si a capacidade de ser muito feliz se lhe fossem dadas as condições corretas. Creio que te falei a seu respeito — uma médica na Terra; trabalhou e tinha estado entre os pobres não muito tempo antes de partir para este lado — creio que se encontrava no East End. E. era o seu nome — não consigo obter o outro nome.

Creio que te contei o quanto tinha sido ajudada pelo teu pensamento e pretendia vir por um momento dizer «Obrigada» por tentares dar a impressão correta sobre a sua condição e as suas

ações — lançando o teu peso do lado da equidade e da justiça para com alguém que não podia responder por si própria.

A A. tem sido muito prestável: pretendia ajudá-la por tua causa, mas existe outro elo. A A. e ela possuíam um conhecido comum e também existia uma instituição na qual a A. se tinha interessado e a E. também, com a qual tu não te encontras ligada, mas poderás ver alguém que te fornecerá uma pista.

Estes elos eram-me completamente desconhecidos. E era a inicial do nome próprio da amiga, e parecia altamente improvável que existisse qualquer terreno comum entre a E. e a Ada; mas quando perguntei à M.G., amiga da Ada, se poderia existir alguma verdade nisso, ela explicou-o da seguinte forma. O conhecido comum era um médico missionário na Índia, um homem com o mesmo apelido que a E., o qual leu um relatório da *Guild of the Handicapped* e ficou tão encantado com este que pediu que lho enviassem regularmente, e daí se iniciou uma correspondência entre ele e a A. Através de outra amiga, a A. tinha contribuído para a Missão na qual a E. tinha estado a trabalhar, e assim se interessou pelo trabalho realizado.

W. F. B.: Possuíam um elo, portanto, para conversar sobre uma pessoa que ambas conheciam e um trabalho no qual ambas se encontravam interessadas. A E. é muito simpática, muito sensível, e progrediu muito depressa desde que partiu para este lado. A bondade de coração, o zelo, a simpatia apressaram o seu fim físico prematuro. Faleceu daquilo a que poderíamos chamar uma doença súbita da mente — na Terra designada por outro nome. O seu corpo encontrava-se cansado, a sua mente também, pelo que faleceu de doença tão verdadeiramente como quem falece de tísica ou de cancro.

Um indivíduo que viva num corpo físico pode abrir-se a impressões vindas de três quadrantes:

1. Do nosso lado — sugestão ou conselho deliberado, definido, do nosso lado — o reino espiritual.

2. Sugestões colhidas ao acaso a partir do éter ao seu redor, as quais podem ser corretas ou incorretas — como escutar ao telefone quando as linhas se cruzam e colhes conversas que nada têm a ver contigo, ou por estabelecer condições nas quais se torna possível receber a mensagem.

3. Uma mensagem pode ser recebida através do nosso próprio eu superior.

Eu diria, no que respeita a matérias mundanas, que seria preferível confiares nas aspirações do teu próprio eu superior do que pedir ajuda ao nosso, exceto quando possas estar a realizar algo ligado a nós ou que possua influência sobre pessoas ou locais ligados a nós, sobre os quais sintas que deveríamos ter uma palavra a dizer, se possível.

Mesmo assim, convém desenvolveres os teus próprios poderes de discriminação, discricção e intuição, em vez de procurares recorrer aos nossos — esse constitui o teu caminho de desenvolvimento. Receio que muitas pessoas que acreditam naquilo a que chamamos Espiritualismo vivam e se apoiem nas suas comunicações, nunca desenvolvendo os seus próprios poderes de perceção ou de determinação.

Tal rumo está decididamente errado, e apenas é permissível seres guiada por nós quando te encontras a executar um ponto em relação ao qual queiras estar certa de que estás a executar algo de acordo com os nossos desejos.

O que quero dizer em resumo é: quando te encontras a trabalhar numa matéria que nos afeta, é permissível pedires a nossa ajuda, mas mesmo nisso e em todas as outras coisas desenvolve o teu próprio critério ao lidares com as coisas no teu próprio plano: quanto mais o fizeres, mais nos é permitido ajudar-te.

«Deus ajuda quem se ajuda a si mesmo» — existe muita verdade nisso. Deus apenas nos permite ajudar aqueles que se

ajudam a si mesmos. A comunicação é sempre permissível, desde que não se permita que ela interfira com o desenvolvimento espiritual, mental e físico do indivíduo enquanto se encontra na Terra.

W. F. B.: Estas são apenas pequenas coisas tontas, mas vi-te a realizá-las. Mandaste imprimir algum papel? Fiquei com o pensamento associado a mim próprio. Ligaste-me na tua mente a papel e impressão.

Na semana anterior, eu estivera a encomendar papel de carta e deparei-me com os cunhos dele, os quais eu não tinha utilizado antes.

W. F. B.: Casa de campo: Algo ficou retido ou sofreu um atraso? Não fiques desapontada se souberes: poderá ser apenas um minúsculo atraso, mas não ficará tudo pronto tão cedo quanto julgavas.

Perfeitamente verdade — existiram atrasos dos construtores, os quais descobri mais tarde.

W. F. B.: Nutro um sentimento peculiar sobre isto; anseio por isto mais do que por qualquer coisa que tenhas empreendido desde que parti para este lado.

F. E. B.: Algo de importante?

W. F. B.: Não parece que o seja, mas sinto-me feliz em relação à casa: vou gostar dela. Enquanto estiveres lá, acontecerão coisas interessantes, embora eu não conheça os detalhes. Estarei lá bastante a partir de agora. Vou ajudar a consenti-la com um elemento que me ajudará a estar lá e a fazer-te saber que estou quando tu lá estiveres.

Quando mais tarde me mudei para a casa, a minha cozinheira-governanta encontrava-se a ajudar na instalação. Ela tinha estado hospedada connosco em Carrigoona, na Irlanda. Veio ter comigo e disse: «Sabe, é tão estranho, mas este local parece-me mesmo Carrigoona, embora não seja de todo parecido; mas

parece que Sir William está aqui». Era uma mulher terra a terra, totalmente alheia a coisas psíquicas.

W. F. B.: Deus te abençoe, minha querida. Vou contigo e estarei contigo o resto do dia e esta noite.

Eu ia falar numa reunião nessa noite.

30 de Junho de 1930

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Senti recentemente que chegará o momento em que estarei ainda mais estreitamente associado contigo, porque sinto que temos trabalho a realizar juntos; à parte das sessões, à parte do trabalho de qualquer outra pessoa, temos algo a realizar juntos.

Não conheço os detalhes, mas tudo o que estás a fazer agora constituirá uma base para isso; o teu próprio trabalho, a tua vida comigo, as tuas indagações nos domínios da ciência psíquica, tanto antes como depois da minha partida, ser-te-ão de utilidade no trabalho. Tudo tem constituído um trabalho de base e eu estarei contigo, trabalhando contigo, incutindo-te as ideias quando chegar o momento.

Evidentemente que sabes, não sabes?, que tudo depende da tua vontade, do teu desejo de cooperar e de usares o senso comum e métodos para te protegeres, de modo a estares aqui na Terra pronta para o trabalho. Quero-te deste lado, mas devo, se possível, ajudar-te a permanecer na Terra por mais alguns anos apenas para o trabalho.

F. E. B.: Quando começará este trabalho?

W. F. B.: Sabê-lo-ás, virá e será tão óbvio que darás por ti a aceitá-lo e a realizá-lo, e então perceberás que constitui o trabalho de que te falei nestas sessões. A razão pela qual quero que agora vás devagar, que não te deixes encurralar pelo trabalho, especialmente pelo trabalho de rotina, prende-se com o facto de sentir que deves estar pronta, com o teu cérebro e a tua

mentalidade descansados e viçosos, de modo a enfrentares a nova ordem de coisas quando esta chegar.

F. E. B.: As coisas do teu lado são realmente como julgavas que seriam?

W. F. B.: Muito parecidas. E lembras-te de eu julgar que seriam governadas em grande parte pela mente e de compreendermos pouco os poderes da mente? Por isso, as condições deste lado são muito diferentes para diferentes pessoas. Ficas relegada a diferentes planos de acordo com a tua perspetiva e capacidade diferentes.

F. E. B.: Serei então capaz de me juntar a ti no teu plano?

W. F. B.: Com certeza que serás, minha querida; essa é uma pergunta absurda. Estamos a trabalhar juntos; amamo-nos; isso só por si dá-nos o direito de estarmos juntos e de trabalharmos juntos. Posso ajudar-te se necessitares, mas nós pertencemos ao mesmo plano. Conheço mais deste lado, naturalmente. Se tivesses estado em Yokohama e eu não, encontrar-te-ias numa posição superior em alguns aspetos. Mas se eu me juntasse a ti em Yokohama, instruir-me-ias e apontar-me-ias as condições de vida ali, serias capaz de te dirigir diretamente a um local onde eu teria de encontrar o meu caminho, e assim podes estar comigo quando chegares a este lado.

Mas as condições aqui parecem ser muito semelhantes às da Terra; compreendes o que quero dizer? — a mesma aparência, mas em vez de estarmos governados e influenciados pelo ambiente que nos rodeia numa escala tão grande como vós estais, temos de aprender a manipular e a controlar o ambiente, e a única preparação para isso consiste em que se deve aprender a usar a mente e a controlá-la experimentalmente do vosso lado, nas coisas materiais ao nosso redor, enquanto ainda estamos na Terra. As pessoas que não aprenderam a usar as suas mentes na Terra encontram-se numa desvantagem terrível do nosso lado.

W. F. B.: Sob a influência de um anestésico, o corpo etérico de uma pessoa separa-se do físico. Não ficas completamente anestesiada a menos que o corpo etérico tenha sido separado pelo sono anestésico, ou um grande choque pode separá-lo. A morte separa sempre. Um anestésico separa de facto, mas, se for demasiado grande ou demasiado súbito, resulta na morte.

F. E. B.: É possível que, quando o corpo etérico se encontra quase separado por um anestésico, outra entidade tome posse dele?

W. F. B.: É possível, acontece, poderia fazê-lo com certas pessoas. Com algumas pessoas não poderia acontecer, mas acredito que tenha acontecido com resultados desastrosos.

Se me mostrares uma pessoa cujas vidas física e espiritual se tenham entrelaçado de tal forma que uma faça parte da outra, de modo que a mente e o corpo não possam agir de nenhuma forma que seja antipática para a alma ou espírito, essa pessoa encontra-se segura sob um anestésico contra qualquer invasão por uma entidade alheia. Não quero dizer com isto que tais pessoas estejam imunes a perturbações físicas; podem ser os piores sujeitos de todos para a anestesia, mas encontram-se imunes e seguras de perigos ou de interferências espirituais.

CAPÍTULO 13
27 de Outubro de 1930
Sessão com a Sra. Leonard

Sendo incapaz de comparecer a esta sessão por razões profissionais, ocorreu-me que alguma mensagem poderia ser transmitida se a minha secretária fosse no meu lugar. Telefonei-lhe, por isso, às 10h00 p.m. da noite anterior à sessão, pedindo-lhe que fosse na manhã seguinte. Mais tarde lembrei-me de que existiam três mensagens que eu desejara obter especialmente — duas para amigas e uma para mim.

A «Olive» tinha perguntado se eu conseguiria obter uma mensagem do seu marido; a Sra. W. se eu conseguiria obter uma mensagem adicional do George; e eu esperava saber se o W. F. B. tinha estado em contacto com o meu irmão, que falecera recentemente. Desta vez, por conseguinte, utilizei o método recomendado pelo Myers — a saber, falar em voz alta no meu próprio quarto, em casa, pedindo que as mensagens desejadas fossem fornecidas, se possível.

W. F. B.: Dirás à minha esposa que estive com ela ontem de forma muito especial, ela esteve a falar comigo ontem à noite; estava a falar comigo em voz alta e eu tentei responder-lhe, mas não o consegui realizar, mas sei que ela me sentiu, pressentiu a minha presença de forma muito forte várias vezes ontem. Perguntar-lhe-ás se esteve a contar dinheiro no domingo? Parecia estar a fazer alguns cálculos particulares ontem no que respeita a assuntos de dinheiro.

Eu tinha estado a fazer algumas contas no domingo, sem o conhecimento da minha secretária, que não se encontrava na casa.

W. F. B.: E perguntar-lhe-ás também se foi lembrada de mim por algo que esteve a ler ontem. Andava a pensar imenso em mim ontem de manhã; pensava no dia em que parti para este lado, senti-a a pensar no dia em que parti de forma muito forte. Coisas que tinha estado a realizar e em que andava a pensar tinham-lhe recordado todas as circunstâncias.

Isto é verdade.

W. F. B.: A Ada está comigo, e diz, por favor, que a Ada tem agora uma velha amiga com ela, uma senhora de quem gostava imenso quando estava aqui. Encontrava-se ligada a um edifício no qual a Ada estava interessada quando estava aqui. Esta senhora sabia tudo sobre o trabalho da Ada. Tinham estado associadas durante muitos anos e a Ada ficou muito feliz por acolhê-la. Fora uma mulher ativa e enérgica toda a vida, mas estivera com muito má saúde nos últimos dois ou três anos, pelo que a Ada não ficou surpreendida por a ver.

Creio que a letra M tem algo a ver com ela, M ou N. E embora não estivesse de todo em boa saúde há dois ou três anos, mantivera um interesse altruísta pelas coisas e pelas outras pessoas. Era uma mulher intensamente boa aqui e fez uma grande quantidade de bem. Estará a ajudar a Ada no Lar de Crianças que esta superintende.

Isto descreve com exatidão uma amiga da Ada cujo nome começava por N.

W. F. B.: Queria perguntar-lhe se se lembra de que a última vez que foi falar com o Whitehawk eu lhe disse que ela própria possuía poder psíquico, e creio que lhe falei sobre poder de cura. À parte do seu próprio conhecimento de cirurgia e medicina, ela possui certamente um poder de cura. Dir-lhe-ás que as casas e os locais não me importam agora da forma como importavam aqui, mas ela tem estado a ponderar sobre as coisas e a perguntar-se se terá de fazer mudanças, não totalmente imediatas, mas possíveis mudanças no futuro; quero dizer-lhe: «Faz o que julgares melhor, não consideres o que achas que eu teria gostado quando estava aqui na Terra, porque a minha partida para este lado alterou as condições e as circunstâncias».

Quero que ela realize tudo agora da melhor forma de acordo com as condições presentes. Se eu estivesse vivo no corpo físico agora, as coisas teriam sido diferentes, certas mudanças não teriam ocorrido, nem seriam prováveis de ocorrer enquanto eu

estivesse no corpo com ela; mas é diferente agora, pelo que quero que ela aja como julgar melhor.

Dir-lhe-ás que eu soube que ela andara a examinar uns velhos papéis meus recentemente. Soube que pensava neles e isso estava a recordar-lhe o meu trabalho na Terra há cerca de trinta anos. Gostaria que lho lembrasses; sinto-me certo de que tenho razão no que respeita à época. Sinto-me muito feliz por teres vindo hoje, porque tenho a certeza de que existem várias coisas sobre as quais não saberias, mas que a minha esposa sabe, e por isso será de alguma forma mais probatório do que se ela própria tivesse vindo. Olive; não vejo a Olive há muito tempo.

O nome de uma das pessoas para quem solicitei uma mensagem. Seguiu-se uma discussão com amigos da minha secretária, probatória para ela.

W. F. B.: Enquanto eu aguardava para pensar em algo sobre a Olive (ou seja, no que me fora pedido que realizasse em relação à Olive), eles apareceram de repente. Queria dizer que tenho estado a ajudar o George; o George tem estado comigo imenso; tem estado a trabalhar arduamente com a sua esposa.

O George era o marido da segunda amiga para quem solicitei uma mensagem.

W. F. B.: A minha esposa queria dar alguns livros meus? Tem andado a pensar nos meus livros de novo e perguntava-se o que seria melhor fazer com eles.

Sim. Eu tinha descoberto uma caixa de livros nunca antes vista.

W. F. B.: Não me importo, diz-lhe, faz o que quiseses com os livros. Mas creio que ela pensava em oferecê-los ou dá-los a algo muito recentemente. Diz-lhe que ficará tudo bem, sei que farão bom uso deles. Ela pensava também sobre alguns livros meus de uma forma algo diferente, sobre temas psíquicos, sobrevivência e personalidade, mas não consigo captar o seu pensamento sobre os mesmos de forma muito clara, mas soube que ela estava ou a ler

ou particularmente interessada num livro que era algo grande e pesado e tratava de sobrevivência e personalidade. Isto foi, creio, há uns dias.

Eu tinha estado a ler novamente o volume único de *Human Personality*, de Myers.

W. F. B.: Dir-lhe-ás também que foi muito interessante para mim regressar a velhas condições com ela, ser recordado de novo de anos passados e de velhos amigos e locais.

Na semana anterior, tive necessidade de conduzir até ao campo por uma rota frequentemente percorrida com ele, cruzando o Wey em Weybridge.

W. F. B.: Não foi em Londres, estávamos a alguma distância de Londres; as condições ao redor eram de campo, e creio que de água também. Eu não conseguia ver a água, mas estava consciente dela. Diz-lhe que nem sempre consigo ver tudo ao seu redor, mas que às vezes, como nesta ocasião, fico com uma ideia geral da localidade. E, por favor, lembra-lhe também isto: a caixinha. Diz-lhe apenas isto: «A caixinha, aquela que eu mantinha sempre perto de mim».

Sei que ela foi lembrada dela e pensava na caixinha. Falei-lhe sobre a caixinha há algum tempo, na verdade há muito tempo, numa sessão, mas ultimamente ela tem estado a pensar nela. Pensava em algo algo especial sobre uma fotografia minha ultimamente. Desejava colocar uma fotografia minha num local novo. É como se a fosse colocar num local onde não existia nenhuma antes. Apenas queria que ela soubesse que eu sabia que ela pensava nisso, era tudo.

Eu tinha levado uma das suas fotografias para o campo.

W. F. B.: Não existe uma grande quantidade de força, mas fiz passar a maioria das coisas que pretendia dizer. Diz-lhe que a estou a ajudar e que não consigo ver o futuro para tudo, mas é-me permitido ajudá-la. Não vejo toda a gente que parte para este lado porque os conhecia ou era seu parente na Terra. As pessoas

partem para este lado e a parte ignorante do mundo esperaria que eu as visse como uma consequência natural, mas não é assim.

Quando for a tua vez, estarei contigo de imediato. Estarei contigo antes de deixares o teu corpo e imediatamente estaremos juntos. Oh! querida, por que pensaste nos meus sapatos ou chinelos ultimamente? Não conseguia ver, mas senti os teus pensamentos.

Na semana anterior, eu tinha-me dirigido à gaveta onde se encontrava o seu fato de cerimónia e encontrei uns sapatos.

W. F. B.: Viste um par que eu tivera algum tempo predizendo a partida? E, querida, o que pensaste no que respeita a algo especial de que eu bebia? Lembrar-te-ás de uma garrafa, foste lembrada a esse respeito.

Um velho frasco que ele costumava levar com ele para Carrigoona. Encontrei-o recentemente. A mensagem seguinte relaciona-se claramente com o meu irmão. Foi a terceira mensagem solicitada no meu quarto, em casa, na noite anterior à minha secretária realizar a sessão por mim, a 30 de outubro de 1930.

W. F. B.: Tenho um homem comigo que acabou de chegar ultimamente, um homem que conheces há imenso tempo, mas com quem não tens estado tanto ultimamente. A letra B está presente o tempo todo em que ele fala. Não é um rapaz, está a avançar nos anos. Apresenta uma sensação de cansaço, mas já não se encontrava bem há um tempo considerável.

Bristol era a sua casa. A sua idade era 69 anos. Estivera doente durante algum tempo, embora andasse de um lado para o outro.

W. F. B.: Tenho-o estado a ajudar porque ele se encontrava um pouco surpreendido e espantado com algumas das condições aqui. Sabia quem eu era, mas não percebia bem por que razão eu ali estava. Continuava a dizer: «Mas tu estás morto, tu estás morto, tu estás morto», e julgava que estava a sonhar.

Isto foi dito exatamente como o meu irmão o poderia ter dito.

W. F. B.: Informou-me de que eu estava morto duas ou três vezes. Não argumentei com ele nessa fase, não valia a pena; aguardei até que ele tivesse visto mais algumas pessoas que também estavam aquilo a que chamava mortas. Depois começou a perceber que não estava a sonhar com tanta gente ou por um período de tempo tão longo. Não se encontra comigo — isto é, não reside comigo —, mas tenho-o visto. Encontra-se mais feliz agora.

F. E. B.: Não era feliz ao início?

W. F. B.: Não, constituía uma condição difícil para ele: não se conseguia ajustar mentalmente; andava preocupado antes de partir para este lado; creio que exagerava, as coisas encontravam-se fora de perspetiva, não se conseguiu ajustar mentalmente antes de deixar a Terra, a sua condição mental na altura da partida não era muito boa.

Encontrava-se sob a influência de morfina devido a dores agudas.

F. E. B.: Encontrou amigos que conhecia de imediato?

W. F. B.: Sim, mas não esses. Tem uma senhora com ele, uma jovem senhora.

F. E. B.: Quem?

W. F. B.: Não a Ada; alguém familiar que partira algum tempo antes. É jovem; ele sentiu-se feliz com elas.

Violet, a sua filha, e «elas» refere-se provavelmente à sua primeira esposa, que morrera anos antes; era a mãe da Violet.

W. F. B.: Quando pensas nisso, ele possuía várias pessoas deste lado que amava, três especialmente perto dele. Existe um amigo homem com um J no seu nome, que partira não muito tempo antes.

J. era o filho de um velho amigo dos tempos da Terra. Ele tinha-me pedido para tentar entrar em contacto com o J. por causa dos pais deste, mas não foi muito bem-sucedido.

W. F. B.: Está uma letra ligada a ele, não o M, na Terra, alguém que partiu. E E. é alguém que partira há muito tempo; encontra-se perto dele.

¿Elizabeth, a mãe dele?

F. E. B.: Diz-me quem é ele — não me disseste o seu nome.

W. F. B.: Encontra-se afastado de onde tu resides há muito tempo, mas sabes que teve uma doença algo longa algum tempo antes de partir e tinha melhorado em alguns aspetos, mas não recuperou totalmente. Pensarias nele mais como o conhecias há algum tempo. Encontra-se interessado em ti, mas as suas principais memórias são de há algum tempo.

Verdade. Eu tinha visto muito pouco dele há alguns anos, pois raramente vinha a Londres.

W. F. B.: Não creio que tu e ele concordassem sobre tudo; possuíis personalidades e temperamentos diferentes. Embora sendo um homem simpático, era um bocado difícil, nem sempre fácil de lidar. Desejaria ser bondoso e bom, mas existiam pequenas manias na sua mentalidade que o tornavam, às vezes, um bocado difícil para si próprio.

Isto é muito característico.

W. F. B.: Encontra-se com dificuldades agora, a ajustar-se a outras pessoas, a outras ideias para além das suas. Está a aprender a fazê-lo e encontra-se, por isso, mais feliz, mas tem constituído um esforço. Este homem sabia algo sobre este assunto, contudo não o aplicava da mesma forma que eu fazia.

Isto é verdade: interessava-o, mas nunca estudou o assunto.

W. F. B.: O conhecimento tinha-me ajudado e, dentro de pouco tempo, quando ele se tiver ajustado mais, sentir-se-á muito feliz na verdade. Interessava-se por algo relacionado com igrejas, não com párocos, mas com religião. Queria escrever algo antes de partir e não o fez. Existe algo que sente que deveria ter escrito relacionado com a organização de assuntos materiais, tornando

algo correto para uma pessoa na Terra, coisas que deveria ter realizado.

Pensa num homem também, um homem jovem, e tem andado ansioso por causa dele. Não se tem sentido muito satisfeito com alguma organização ligada a estas pessoas. A culpa é sua, mas não analisou as coisas, não como considera que deveria ter feito. As coisas tornaram-lho difícil, as condições ao seu redor tornaram-lho difícil. Está a fazer o seu melhor para ajudar, mas não encontra facilidade agora em ajustar as condições materiais, mas encontra-se a tentar.

Eu não sabia a que se referia isto, mas, após indagar, verifiquei que ele tinha a intenção de alterar algumas disposições financeiras.

W. F. B.: Estarás com estas pessoas ou ouvirás falar delas em breve? Trouxe-o hoje para que sejas capaz de realizar algo em relação a uma terceira pessoa com quem estarás em contacto em breve. Está a fazer tudo o que pode para ajustar os assuntos; as coisas têm estado retidas desde a sua partida.

Vi a esposa dele por acaso pouco depois desta sessão e obtive dela uma explicação de tudo isto.

W. F. B.: Por que pensa a Ada agora em guerra? Na altura da Grande Guerra, ela tinha isso na mente imenso; outros mal notavam em comparação. Com ela importava num sentido grandioso.

Era uma pacifista convicta e a guerra constituía uma miséria constante para ela. Sofria com todos os que sofriam.

F. E. B.: Ela tinha toda a razão, na verdade.

ADA: Sim, querida, sei que tinha. Mantive-me isolada e não foi muito confortável e fácil na altura.

F. E. B.: Foste muito corajosa e verdadeira.

ADA: Fui verdadeira com o que considerava correto e agora verifico que tinha razão. Sabia que tinha na altura, mas as minhas perspetivas não eram populares. Verifico que tenho razão agora,

mas nem uma pessoa em cem concordava comigo na época. Alguns pensavam-no, mas eram cobardes e não o diziam.

W. F. B.: Uma coisa, a Ada mantém-se sempre firme nas suas posições.

ADA: Lembras-te de eu me manifestar ao início e, depois, fechei-me e serenei um pouco? Havia alturas em que sentia que devia falar, mas não servia de nada. Trabalho pela paz agora. Tu sabias que eu tinha razão, mas não vias que outro rumo se encontrava aberto para o país. Eu digo qualquer rumo, mas não o assassínio.

Muito verdadeiro e típico.

W. F. B.: Ela é muito firme, não retira uma palavra, não a consegues mover. Poderá interessar-te saber que a Ada é considerada uma líder, uma pensadora e uma instrutora deste lado. Sabia a verdade; bate-se por ela.

Fiz o meu melhor para enviar mensagens da última vez, mas não foi bem o mesmo que conversar contigo.

CAPÍTULO 14

30 de Março de 1931

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Creio que está destinado que, quando alcanças um certo ponto na tua evolução, tens de depender do nosso lado, o lado espiritual, para obter ajuda. Podes ajudar os outros, mas para ti própria tens de te voltar para o nosso lado. O Nosso Senhor pode ajudar-te. Eu apenas te posso ajudar através da ajuda e do amor d'Ele. Vi-O, conversei com Ele e vou novamente vê-O na Páscoa, altura em que sei que estarás a pensar n'Ele e em mim. Ele quer que penses n'Ele como um grande amigo, o maior amigo de todos. A primeira vez que O vi, percebi que era o culminar de tudo o que eu tinha esperado e em que tinha acreditado. Ele foi o maior demonstrador destas mesmas verdades que estamos hoje a

tentar explicar à pobre humanidade equivocada. Vê-l'O-ei novamente na Páscoa.

F. E. B.: Podes entrar em contacto com Ele sempre que desejares?

W. F. B.: Sim, mas isso seria mentalmente. Se desejo orientação ou inspiração, elevo-me mentalmente em aspiração até Ele. O meu corpo não se move, mas o meu espírito (que não é o meu corpo) vai até Ele e os meus pensamentos registam o que Ele diz ao meu espírito para realizar. O espírito vai até ao Nosso Senhor e traz algo d'Ele de volta; muito frequentemente o teu cérebro fica carregado com o poder e o amor que regressam e que o espírito trouxe consigo.

Essa constitui a razão pela qual a paz se segue muitas vezes à oração; uma solução curiosa para as dificuldades surge frequentemente após a oração. Perguntas-me se posso comunicar com Ele sempre que quiser. Não posso ir até Ele no meu corpo atual, mas encontro-me mais consciente das Suas respostas, do pensamento que regressa e da inspiração, mais do que se poderia estar na Terra.

W. F. B.: O meu corpo, como é evidente, não é o mesmo que era, no entanto trata-se de um corpo de substância: não a substância que poderias manusear com a substância atual da tua mão: tudo é uma questão de ajuste. Agora encontro-me de pé perto de ti. Se estendesses a mão, passá-la-ias através de mim porque a tua substância não se encontra ajustada à minha. Somos muito parecidos com a luz nesse aspeto: um raio que cruza e interpenetra outro. Quão feliz ficarei quando puderes deixar este mundo tão difícil e juntares-te a nós aqui na nova vida — a vida perfeita. Daqui a uns anos, quando estivermos juntos de novo, a totalidade das nossas vidas na Terra parecerá uma página muito curta no livro da vida.

ADA: Quando olho para trás para a minha, pareceu mesmo curta — curta demais. Mal pude acreditar quando se deu o clique

em mim de que o meu tempo na Terra se poderia estar a aproximar do fim. Suponho que te lembras desses dias; percebes que eu não absorvi de todo em mim a compreensão de que ia decididamente deixar a Terra. A ideia tinha-me surgido, mas pensei: «Não, há coisas a realizar»; não pensei realmente que ia deixar la Terra tão cedo.

Foi acometida por uma doença súbita a meio de preparativos atarefados para presentes e entretenimentos de Natal para a sua *Guild of the Handicapped*, mas não julgou que estava a morrer senão mesmo no fim.

W. F. B.: Vejo o Sydney às vezes. O Sydney tem estado a ajudar o outro desde que partiu para este lado — tem-no ajudado a ajustar-se.

O Sydney era um irmão que morrera há muitos anos — era muito chegado ao A., seu irmão, que era um ano e meio mais velho. Na infância andavam sempre juntos.

W. F. B.: O A. está perfeitamente feliz e gosta da vida, mas não sabia muito sobre ela e necessitava de ser ajustado. Possuía tantos pontos bons que equilibravam os espaços em branco. Há de desenvolver-se e ajudar os outros agora. O A. quer falar sobre o Brian — pretendia ajudar o Brian e a M. Existe alguma condição ansiosa, preocupada ao redor deles? Como se vários do lado de cá estivessem a tentar reunir-se para a aliviar.

O Brian e o Michael eram os seus dois netos.

W. F. B.: Estou muitas vezes contigo. Encontro-me tão perto de ti. Quando venho à Terra não posso ir a todo o lado; existem muito poucos elos que posso usar na Terra. Trata-se de uma ideia tão peculiar. Na Terra pensamos que temos laços de parentesco — mesmo que as pessoas nos apoquentem, consideramos um dever estar com elas.

Os únicos laços reais que temos de considerar do meu lado são os laços do amor, mais nada. Somos instruídos a apegarmos-nos a quem nos conduzir na direção certa. Tu e eu encontrámos o

caminho certo juntos mais do que alguma vez o encontrámos separados. A nossa associação abriu muitos caminhos novos que conduziram todos na direção certa. Sinto-me tão grato por ter sabido desta grande verdade, de modo a podermos aprofundá-la juntos. Conduzi-te bastante nisto, mas tu foste minha cúmplice.

ADA: E fiquei tão feliz quando vieste para aqui e pude falar contigo — tão feliz — tão feliz.

W. F. B.: Mas não se trata apenas de falar contigo aqui. Realmente sou capaz de te ajudar de uma forma que poderá ser algo intangível. Por vezes, embora não saibas que vem de mim, sentes a ajuda. É nessas vertentes onde ninguém na Terra pode ajudar que nós intervimos.

29 de Maio de 1931

Sessão com a Sra. Leonard

Presente a M.W. com a F. E. B.

W. F. B.: Tenho estado contigo ultimamente e muito perto de ti na verdade. O George está também muito satisfeito e envia o seu afeto à sua esposa.

G. (falando para a sua esposa): Quero que compreendas que as orações e os pensamentos que tens estado a enviar para mim e por mim me ajudaram mais do que te posso possivelmente dizer. Ajudaste-me mais do que saberás até chegares a este lado e estarmos juntos de novo. Tenho estado a ajudar o Alfred. Encontram-se vários agora porque ele necessita. Não aquilo a que chamas ajuda física corporal, mas ajuda mental.

O Alfred é o irmão da Ada que partiu para este lado, nunca mencionado numa Sessão com a Sra. Leonard desde a sua morte, embora a Ada lhe tivesse enviado uma mensagem em vida.

G.: Não quero regressar à Terra. Sinto-me livre na mente e no corpo; não quero entrar novamente no corpo físico, mas regressar para ti de uma forma espiritual. Nem sequer quero regressar para ti de nenhuma forma material. Quanto mais elevada

for a via, melhor para ambos. Podemos viver juntos num plano onde me posso encontrar contigo, onde não descendo até ti, mas tu ascendes até mim; os teus pensamentos ajudam-te a viver nesse plano.

W. F. B.: Todos os dias vemos uma pessoa a encontrar-se com outra, a reunião, é por isso que somos felizes. As pessoas pensam: «Como podem ser felizes quando nos veem destroçados pelo desgosto?». Somos felizes porque estamos constantemente a ver reuniões entre os que estiveram separados e, quando se voltam a juntar, parece que fora apenas por um dia. Quando te encontrares com eles deste lado, aperceber-te-ás de toda a eternidade pela frente, pelo que, portanto, escassos anos na Terra parecem tão pouco olhando para trás.

G.: O que andaste a fazer com o meu estojo? Estiveste a olhar para ele.

Este estojo de couro tinha sido visto e descrito pela Miss Bazett a 12 de março, quando viu o George W. (fora de uma sessão) e transmitiu mensagens da parte dele.

W. F. B.: Quero que saibas que estou e tenho estado a ajudar-te com as condições do teu lado. Fico contente por estares a ter a sessão agora. Não me esqueço dos aniversários e tenho estado a pensar; mas quando estas alturas regressam, tento evitar que penses no aspeto físico da minha partida, apenas em que fui libertado de um corpo que me prendia e solto para entrar no corpo espiritual robusto e saudável.

O dia 26 de maio foi a data da sua partida em 1925.

W. F. B.: Quero que faças algo que te referi em ocasiões anteriores. Adia as decisões definitivas e o dar passos definitivos até ao último momento, até ao último momento razoável no que se refere ao que está relacionado com o teu trabalho e locais; na tua vida, um reage sobre o outro. Sobre o adiar, não corras o risco de deixar uma coisa para demasiado tarde, mas sim razoavelmente tarde. Tenho sempre receio de parecer que exagero

e de te fazer pensar que podes deixar uma coisa para tão tarde que haja perigo de perder algo.

F. E. B.: Não compreendo do que estás a falar.

W. F. B.: Sim, mas compreenderás. Se houver algo a decidir, não o faças antes de necessitares. Existe todos os dias a possibilidade de ocorrer algo que te possa fazer alterar uma decisão — compreenderás.

Isto provou ser muito verdadeiro. Se eu tivesse abdicado da minha casa de campo, não teria sido capaz de ter a minha irmã comigo no último ano da sua vida.

W. F. B.: Estou a ajudar-te a reconstruir a vida e a colocá-la numa base adequada e fácil, com o menor número possível de preocupações. Quero que realizes o máximo que puderes enquanto estás aqui. Farei tudo para te ajudar a continuar calmamente e com cuidado, como costumas fazer. Poderias ver-te envolvida nos problemas de outrem: encontram-se ao teu redor agora, não são teus. Nunca quero que voltes as costas às coisas, o que é tão fácil.

Vou ajudar-te a enfrentar a situação, mas ainda assim quero dizer que não podes carregar as pessoas às costas, não é correto pedir às pessoas que assumam as dificuldades por elas. É difícil para ti ver até onde deves ir e até onde não. Parece que te vais prender em algo problemático. Mas existe uma razão para seres atraída para isso, um objetivo. Isto encontra-se em mãos mais elevadas do que as minhas.

Isto provou ser muito verdadeiro. Os problemas de amigos tornaram muito necessário que eu os partilhasse.

W. F. B.: Hoje estás naquilo a que se chama entre as coisas, há tanto a desenvolver-se, tanto que tenho de te ajudar a discernir, mas posso ajudar e ajudarei. Por vezes dizem-nos para nunca darmos conselhos desse género às pessoas na Terra, porque se apoiam demasiado em nós e pode levar a que deixem a responsabilidade e a escolha para nós. Somos ambas muito

afortunadas nessa vertente por sermos capazes de colaborar com quem mais amámos na Terra.

Sinto imensa pena daqueles que anseiam por ajudar e não podem porque as vidas na Terra lhes estão fechadas. Quaisquer que sejam os meus planos para ti, nunca quero que fiques submersa. Nenhuma aliança ou amizade que te estorve. Apesar dos amigos, por vezes sentes-te algo solitária, mas uma solidão livre é melhor do que uma companhia limitadora. Eras livre comigo. Nunca te criei impasses; nunca forcei sugestões. A nossa companhia adequava-se a ti. Sabias que eu estava tão interessado. Tu adequavas-te a mim também, ajudavas-me tanto. Era uma companhia maravilhosa que poucos teriam compreendido.

W. F. B.: Sabes, não sabes, querida, que quero trabalhar contigo e que disponho de imenso material. Deixo ao teu critério organizares quando puderes. É preferível não ditarmos as coisas; o teu mundo já não é o meu. Não penses por um momento que o futuro vai ser menos atarefado e menos interessante. Será mais interessante do que alguma vez foi, não uma rotina de coisas e acontecimentos desinteressantes, mas tudo a abrir-se, um desenvolvimento de atividades num plano interessante.

Sabes, desde que estou deste lado que verifiquei que possuis uma mistura curiosa de sentimentos em relação às pessoas. Gostas de as encontrar e de entrar em contacto com elas, mas gostas de sentir: «Posso ser livre e estar sozinha novamente quando for necessário». Não quero que fiques solitária, mas quero que fiques sozinha quando for correto. Não conseguirias viver a menos que o fizesses. Secaria algo em ti, consumiria algo. Não quando estavas comigo — isso era completamente diferente. Algo em ti sentiu a minha falta ainda mais do que os teus amigos mais próximos compreendem. Estavas sozinha comigo e, no entanto, tinhas companhia comigo. Tem existido um vazio na tua vida que tens tentado preencher desde que parti e, no entanto, soubeste que não o conseguias preencher totalmente. Vês, não há ninguém na tua

vida agora que pudesse viver contigo e, ainda assim, deixar-te sozinha e, contudo, não solitária. Existe uma grande diferença em ser capaz de se estar sozinho sem se estar solitário, e era assim que tu estavas comigo.

O George ficou satisfeito com a conversa dele e pede-me para te agradecer por lhe permitires ter a conversa. Quer ajudar mais e adora manter um elo estreito. Considera que será capaz de entrar mais em contacto com a sua esposa agora. Tem estado em contacto e a incutir-lhe as ideias mais do que consideraria possível.

Diz ele: «Ela está mais perto de mim». Estou a desfrutar da minha vida mais do que alguma vez considerei possível, mais do que alguma vez sonhei. Estou a desfrutar de cada momento do meu dia, se é que se pode chamar dia quando não existe noite.

Sabes como eu gostaria que estivesses comigo, para podermos ir juntos ver locais interessantes que existiram e que estão aparentemente perdidos — o Antigo Egito. Lembras-te de eu te falar sobre a Atlântida? Posso visitar esses locais agora como eram. Quando um local vive, vive, por assim dizer, no seu melhor.

F. E. B.: Então podes regressar no tempo?

W. F. B.: Não, o local existe como era, e as pessoas não como eram, mas no estilo em que viviam, embora com novos conhecimentos adicionais. A Terra é redonda como uma bola. As esferas ficam ao redor da Terra como uma circunferência e maiores. Cada país na Terra possui o seu duplicado na esfera acima dele. Inglaterra fica mais ou menos imediatamente sobre a Inglaterra na Terra, o Egito sobre o Egito dos dias de hoje; mas não ganha necessariamente a sua forma, configuração, detalhes ou cor a partir do Egito de hoje.

Ganha-os a partir do velho Egito no seu melhor. Os locais e as pessoas vivem no seu melhor do nosso lado, quer há 5 000 anos, quer no mês ou na semana passada. O zénite constitui a

época em que uma pessoa ou local vive do nosso lado. Lembra-te de quando eu estava na Terra de me interessar imenso por estas glórias passadas — Roma antes do seu colapso, a Atlântida e o Egito. É tão interessante vê-los como eram, habitados por pessoas que os conheciam e amavam e neles viviam, mas que ganharam uma experiência especial que não tinham na Terra.

Na verdade, cada um destes grandes impérios teve uma queda, um colapso que se deveu inteiramente à falta de espiritualidade na vida do povo. Trabalharam até um ponto de excelência física, material, até de excelência artística de que dispomos de provas em abundância, mas à medida que eliminaram quer o conhecimento espiritual quer a observância das leis espirituais, colapsaram, e assim colapsaríamos nós hoje, e assim colapsariam todos os que não vivem de acordo com a lei espiritual. Por lei espiritual não quero dizer uma religião ortodoxa estreita, mas sim de acordo com o amor, a ordem e a compreensão divinas.

Espanha e Itália são dois países destinados a ter problemas. Depósito maior esperança em Inglaterra do que em qualquer outra nação, e eu próprio pertenço a um grupo, uma sociedade, que se encontra a envidar esforços para ajudar este país a encontrar-se espiritualmente e, antes de partires para este lado (receio que falem uns anos ainda), terás encontrado uma forma de espalhar o conhecimento espiritual na Terra.

Fiquei feliz por me ter sido permitido realizar algo eu próprio. Mas através de ti realizarei mais, porque através de ti farei as pessoas mais conscientes deste outro mundo, e de que toda a gente se deve preparar para ele, pelo que é preferível que compreendam a geografia do mesmo.

Quero que as ajudes a fazer isso, mas fá-lo no teu próprio tempo, quando fores mais estável. Não te encontras totalmente estável ainda, mas estás a tornar-te mais estável. Tens uma boa quantidade de trabalho médico por realizar ainda, não podes

abandonar isso, mas estás mais livre; torna-se possível guardar tempo e oportunidade para outras coisas e, contudo, tempo para relaxar também. A natureza e o ar fresco são tão importantes para ti.

CAPÍTULO 15

30 de Outubro de 1931

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Lembras-te de, quando parti para este lado ao início, te dizer que chegaria à Terra um período muito importante, para o qual eu e muitos outros nos encontrávamos a preparar? Esse momento chegou: entrámos agora num período muito importante na verdade. Existem dificuldades pela frente, dificuldades muito graves: quero que saibas que estou a ajudar; estarei muito perto de ti na verdade a partir de agora, porque o meu trabalho desenvolve-se nas condições da Terra e assim será durante algum tempo.

Serei capaz de te ajudar e de te incutir as ideias mais do que alguma vez fiz. Quero que ganhes o hábito de abrir a tua mente para mim quando te fores deitar, e então verificarás que te incutirei a solução correta para as tuas dificuldades pela manhã. Conversa comigo à noite antes de adormeceres, calmamente, de forma passiva, expondo os teus problemas em linguagem simples. Pensamento definido — não penses ao redor de um assunto, foca-te nele o mais claramente possível. O que acontecerá será que, enquanto o teu corpo dorme, a tua mente cooperará com a minha e reterá la solução a que teremos chegado juntos. Ao acordar de manhã, assim que começares a pensar no assunto problemático, verificarás que a solução para o mesmo se apresenta — insere-se...

F. E. B.: Resolve-se?

W. F. B.: ... insere-se no teu cérebro físico justamente como uma ideia clara e definida o faz. Ganha o hábito de o fazer — será de grande ajuda. Quero estar perto de ti e ajudar-te. Sabes que te amo. Amava e amo. Não existe mais ninguém na Terra que te possa ajudar, aconselhar e amar tanto quanto eu. Tudo o que estás a empreender e a planear constitui um passo na direção certa.

F. E. B.: O que queres dizer?

W. F. B.: Coisas que tens na mente para que se realizem — no que respeita à casa no campo —, são todas passos na direção certa. Embora vá existir um período de grande dificuldade neste país, estarás segura; a tua condição, a tua posição, tudo estará seguro.

F. E. B.: Não tenho medo.

W. F. B.: Não achei que tivesses. Apenas pretendia dizer-te o que pensava. Haverá um novo interesse para ti — novos amigos em breve. Tens andado a sentir-te como se quisesses alguma atmosfera fresca em termos de interesses, amigos, trabalho. A tua mente procura mais margem de manobra. A Ada disse-me há pouco tempo que a tua mente se rebelava contra a estreiteza mais do que nunca e assim continuará. O que acontece agora para ti deve ser tudo num campo mais vasto; não debes ficar demasiado amarrada quer a pessoas quer a condições estreitas.

Chegou o momento em que necessitas de amplitude e profundidade, e as águas rasas tornaram-se estagnadas, como as águas rasas ficam com o tempo. Eu próprio me encontro a entrar em águas mais profundas, em esferas mais vastas. Recentemente tive aquilo a que chamarias um grande desenvolvimento e sinto que o partilharás em certa medida na Terra.

Tenho estado noutras esferas a assistir a palestras, cursos de instrução em esferas mais elevadas do que a minha, o resultado de uma experiência e desenvolvimento de mentes que pertencem a grandes vultos do passado. Tenho colhido o benefício da

experiência deles em ambos os planos e também da filosofia que passou a ser sua através dessa experiência.

Quero ajudar-te quando tiver reunido mais informações. Sou capaz de usar uma certa quantidade do que aprendo nestas esferas mais elevadas no meu próprio plano, mas nem sempre to posso contar.

Mas ganho um poder adicional através do meu conhecimento com o qual te posso ajudar, embora nem sempre to possa explicar. Haverá novos desenvolvimentos em direção ao Oriente que envolverão Inglaterra.

F. E. B.: Haverá guerras?

W. F. B.: Não uma grande guerra. Creio que ficaremos de fora, mas haverá grande ansiedade; hostilidades de um certo tipo sem que signifiquem guerra para Inglaterra. Haverá problemas, mas luz ao fundo do túnel. Havemos de superar, mas será difícil enquanto o fazemos.

15 de Fevereiro de 1932

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Da última vez lembras-te de eu te dizer que este país entrou num período muito importante — disse-te que não tardaria muito. Agora sinto que existem novos canais para os quais o teu trabalho e atividades serão guiados. Por essa razão, pretendia que tivesses um período comparativamente mais calmo.

F. E. B.: Qual é o trabalho?

W. F. B.: É a combinação do conhecimento e estudo que já tiveste com novas ideias que te serão dadas a partir do meu lado. Sinto que estará ligado ao teu próprio trabalho, ligado ao lado espiritual e mental da saúde. Esta coisa chamada vida, com todo o vosso conhecimento na Terra, vós não sabeis a sua composição. Apenas sabeis o que faz, a sua expressão, porque a sua fonte não se encontra no ou sobre o plano físico.

É muito difícil rastrear uma coisa que não possui a sua fonte ou origem no físico. Para isso tens de vir ao nosso lado para a rastrear. Como te disse antes, a vida não flui imediatamente para o corpo físico: possui um canal intermédio através do qual deve passar antes de poder animar o físico. Este estado ou canal intermédio designa-se por corpo etérico e sabemos que, quando ocorre a chamada morte, o corpo etérico é retirado do físico e este último, sendo privado do seu canal através do qual obtinha o seu único sustento real, desfaz-se e apodrece. A alma partiu, dizemos nós. Literalmente isso é verdade, mas em que partiu ela, qual é o seu veículo?

Porque a alma e o espírito necessitam de um meio de expressão, um canal, ou ficam inativos, impotentes. Bem, o corpo natural para a alma é o corpo etérico: o físico era apenas o secundário — aquilo a que poderias chamar a impressão secundária, a sombra da substância.

Tantos de nós na Terra ganhámos o hábito de chamar e de pensar no corpo físico como a substância, o corpo real, mas é o corpo etérico que é o corpo real, o físico é apenas uma manifestação temporária do etérico e dos seus poderes. Espírito, mente e matéria — não podemos dissociar nenhum destes. Quando o físico se torna dissociado significa a morte — um fim para ele. A saúde perfeita apenas se atinge e mantém através de um equilíbrio e consciência perfeitos dos três estados.

O George está aqui e envia-te o seu afeto. Soubeste que o George viu e acolheu alguém que partiu recentemente? O George está aqui e a senhora está aqui.

F. E. B.: A senhora falaria comigo?

W. F. B.: Estão ambos a tentar ajudar o outro. A senhora sabe que vai ser muito feliz aqui.

Estava muito cansada há algum tempo e ficou extremamente feliz por se ver livre do corpo físico; foi extraordinário que tivesse tanta vitalidade como a que demonstrou sob tais circunstâncias.

A irmã de M.W. tinha partido recentemente para este lado após uma doença muito curta e paragem cardíaca.

F. E. B.: Qual era o nome dela?

W. F. B.: Há algo sobre uma letra ligada a ela. O George esteve com ela antes de ela deixar o corpo, a ajudá-la. Mm, Mady, Muddy.

Muddy era o nome por que a irmã a tratava.

W. F. B.: Ela ainda não compreende bem as condições. Disse-lhe para vir. Há alguém na Terra a quem ela quer ajudar e eu estou a tentar ajudar. O George ajuda também, mas a Muddy quer ajudar também, e eles sentem que a pessoa na Terra está a pensar em ambos, e como é estranho que se tenham encontrado e estejam juntos, deixando a que está aqui. A que está aqui não se encontra muito bem — melhor, mas não realmente tão bem como deveria estar, mesmo agora. Fica muito cansada das coisas — enfadada delas. Teve uma vida difícil, especialmente nos últimos anos.

F. E. B.: Há alguma mensagem do George?

W. F. B.: Especialmente que se encontrou com esta pessoa e que está a cuidar dela. Há outras pessoas aqui também perto dela que a conheciam há muito tempo. A mãe dela é-lhe muito dedicada e está tão feliz por se encontrar com ela de novo após este longo tempo. Além de Muddy, outro nome, M.

Guia: Enquanto ele falava, a forma espiritual de um senhor — algo alto, de boa estrutura — moreno, idoso, feições antes boas, tendendo para o grande. Encontra-se de pé perto do George e da Muddy.

O pai da Sra. W., cujo nome próprio começava por M, tinha partido para este lado não muito tempo antes da irmã.

W. F. B.: Ele pertence ao grupo; está interessado em ti e sente-se feliz por falar contigo.

Eu conhecia-o desde a infância.

W. F. B.: Estão todos a pensar em como se sentirão felizes quando a outra pessoa partir para este lado. Ela não tem uma grande quantidade de razões para viver e eles ficarão felizes por a ver, e ela a eles. Ela pensa nisso e tudo será tão natural quando chegar o momento. Todos te enviam afeto.

ADA: Nós convidámo-los a vir hoje porque sabíamos que ficarias feliz por saber da Muddy, mas nós dois, o Will e eu, somos os teus especiais. Ninguém se aproxima mais de ti no mundo do que nós.

F. E. B.: Há aí algum estranho que tu querias que eu ajudasse?

W. F. B.: Sim, um homem que partiu para este lado ultimamente, de forma algo súbita. Tive pena dele e tentei ajudá-lo porque sabia que não ficaria muito feliz quando chegasse ao início. W ligado a ele.

Inicial do seu nome próprio.

Sabia um pouco sobre o nosso lado, mas não se tinha aprofundado nisso. Possui um cérebro e vai usá-lo, e em breve saberá quais são as condições aqui. Tem tanta pena dela.

F. E. B.: Há alguma mensagem para ela?

W. F. B.: Hoje não. Algum tempo trarei uma quando ele estiver mais habituado a isto. Algo que ela saberá e compreenderá. Tiveste pena dela. Tudo lhe parece tão desapontado — um fim abrupto. Embora não a conheças, tens um elo indireto com ela. Sei que serás capaz de a ajudar — nós o faremos. Escrita, escrita — não automática, relacionada com o homem. Escrita deixada para trás.

Este homem, que eu tinha pedido ao W. F. B. para encontrar, se possível, tinha morrido muito subitamente numa viagem. Havia alguns manuscritos seus perdidos que foram posteriormente encontrados. Tinham sido deixados para trás na Europa. Eu nada sabia sobre a perda do manuscrito até contar à sua esposa sobre esta sessão.

CAPÍTULO 16
26 de Maio de 1932
Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Sabes que estou contigo e a pensar em ti em todos os momentos. Há muito poucos momentos em que não esteja a pensar em ti.

F. E. B.: Mas tens outras coisas a realizar.

W. F. B.: Sim, mas o pensamento em ti corre através delas. Mesmo quando estou a trabalhar e a concentrar-me, tu estás ali. Ocorreu-me justamente há pouco, o pensamento em ti é antes como um feixe de luz a passar através do vidro. O pensamento é a luz: o trabalho que estou a realizar — tarefas, ocupações, prazeres — são o vidro através do qual o pensamento filtra — não interferindo, mas passando através e iluminando tudo. Pensaste em mim numa igreja que te recordou os velhos tempos? Senti-me muito perto de ti, como se tivesse chegado ao mesmo plano espiritual, como se estivéssemos muito perto um do outro no sentido mais elevado da palavra.

Eu tinha ido ao cemitério de Longcross para levar flores e permaneci para o serviço na igreja. Era a igreja a que assistíamos quando residíamos em Longcross House.

W. F. B.: Gostaria imenso de realizar outro teste do livro. Fiz-te pensar nisto recentemente. O problema consiste em encontrar um livro que não sejas acusada de ter lido. Creio que já

superei essa dificuldade; há uma quantidade enorme de livros que não tens examinado ultimamente — não tens tempo. Estou a mostrar-te uma sala — assemelha-se à casa de Londres. Estou a entrar pela porta e estou a levar-te para a direita, e na direita, contra a parede, há prateleiras.

Se fosses caminhar ao redor, mesmo desde a porta até uma janela, pega na terceira prateleira a contar de baixo, conta os livros a partir da extremidade da porta. Pega no quarto livro a partir da extremidade da porta: abre-lo na página 132. Verás se nessa página há algo relacionado com olhos ou visão? E algo que se aplicaria a mim, ao meu caráter, atividades e empenhos quando na Terra. «Visão» não tem nada a ver comigo, mas uma referência a olhos ou visão é dada ali.

«Visão» foi falado em voz direta, interrompendo as palavras ditas pelo Guia.

Ficarás mais interessada na referência ao caráter, temperamento e atividades. É como se os descrevessem nessa página. Espero que não soe como se eu tivesse ficado muito vaidoso desde que parti para este lado. É um livro sério — uma obra pesada, posso dizer. Há uma certa quantidade de filosofia nele.

Possui uma gama extraordinariamente vasta de temas e épocas: mesmo no início do livro fala de coisas que aconteceram há muitos séculos. Fala de países estrangeiros e dos seus usos e costumes. Não foi publicado recentemente — há uma boa quantidade de anos —, mas a página 132 é a página mais importante que te recordará de mim.

O livro era *A Short Sketch of English Literature*, do Professor Henry Morley. Na página 132 inicia-se um parágrafo sobre «The Vision of Piers Plowman». «É uma visão de Cristo visto através das nuvens da humanidade — um quadro espiritual do trabalho para manter o direito e sustentar a vida gasta no cumprimento do dever cumprido pelo amor de Deus.

«Por toda a parte confere carne e sangue às suas abstrações através da mais vigorosa franqueza de detalhes familiares, de modo que cada verdade pudesse, se possível, chegar mesmo à lareira fria dos mais famintos e desolados dos pobres a quem as suas palavras de uma ampla simpatia eram recitadas.»

O «quadro espiritual» é uma descrição muito verdadeira dos ideais pelos quais o W. F. B. se esforçou por viver. O ensinamento de princípios abstratos através de ilustrações extraídas das coisas familiares da vida pode encontrar-se ilustrado nos escritos do W. F. B. e nalguns destes textos. Os dois primeiros capítulos versam sobre «The forming of the people» e o esboço histórico estende-se de 600 a.C. a 1066 d.C. O extrato seguinte constitui uma ilustração da referência a países estrangeiros, seus usos e costumes:

Outrora, a Europa era povoada apenas aqui e ali por homens que batiam às portas da natureza e nas cabeças uns dos outros com pederneiras afiadas. O conhecimento que extraíam em muitos anos era melhorado pela instrução de tribos que chegavam, as quais, começando mais cedo e aprendendo mais depressa, traziam resultados mais elevados de experiência de alguma parte da região que agora chamamos Ásia. Geração após geração vinha e ia, e então a Europa foi povoada por tribos diferentes no temperamento: algumas espalhadas pelas pastagens com os seus bandos e rebanhos, ou reunindo-se para a luta e a pilhagem em redor de chefes de quem dependiam; outras aproximando-se nos campos que lavravam, capazes de ganhar e fortes para reter a boa terra da planície em batalha sob chefes cuja força dependia delas.

Este teste do livro foi retirado de prateleiras num canto da sala de estar de onde o Myers tinha dado um teste do livro através da Sra. Leonard quando o W. F. B. e eu tínhamos sido os participantes. Poderá interessar aos leitores não familiarizados com testes de livros se eu registar este. O Myers disse que tinha

escolhido o teste a partir de uma sala que não o estúdio porque estaríamos menos familiarizados com os livros. Forneceu indicações exatas para encontrar o livro, que provou ser *Middlemarch*, de George Eliot.

Os dois livros adjacentes, disse ele, continham muito do trabalho do W. F. B. quando era um homem muito jovem. Eram *Light and Sound*, de Tyndall. O W. F. B. tinha assistido Tyndall nalgumas das experiências registadas. O teste foi dado na página 78 de *Middlemarch*. O Myers disse: «Quero que pegues nas palavras no topo desta página como a minha resposta à pergunta na tua mente desde que parti para este lado». Eram elas: «Sim, sim, lembro-me, lembro-me de todos eles, de cada um». Em *Human Personality*, de Myers, página 334, lemos: «Qual será então a nossa conceção de identidade prolongada para lá do túmulo?... Pedimos nós que o nosso amigo ou nós nos devamos lembrar sempre ou nos devamos lembrar de tudo?».

W. F. B.: Sabes o que tenho na minha mão? Aquela florzinha azul engraçada a que chamas não-me-esqueças. Trago-a como um símbolo de recordação e também como um sinal de que estava contigo quando andavas a olhar para elas e a falar delas ultimamente.

Eu tinha estado a olhar para um novo miosótis (azul-celeste) e a pensar em como ele teria gostado da sua cor viva.

21 de Setembro de 1932

Sessão com a Sra. Leonard

F. E. B.: O que estás a fazer agora?

W. F. B.: Estou ainda a estudar os novos métodos de estabelecer comunicação entre os corpos etérico e físico. Lembras-te de eu te dizer antes que sentia que a saúde física e o bem-estar dependiam da cooperação entre os dois corpos? Aprendi algo mais sobre este assunto: que o corpo etérico que possuis agora pode ser o transmissor de saúde e força, mas

também pode ser o veículo inocente ou transportador de certas — chamemos-lhes assim — condições que são prejudiciais ou destrutivas na ação sobre e no corpo físico.

O corpo etérico não é de forma alguma prejudicial em si mesmo, mas é um transportador e condutor; quando oficializa como um transportador de influência espiritual ou comunicação de influências mentais a partir do nosso lado, ou poder de cura a partir do nosso lado, trata-se de um corpo benéfico, um canal benéfico, mas existem tantos elementos ativos, embora venenosos e destrutivos, na área das condições da Terra que podem ser colhidos e transferidos através do corpo etérico, e poder-se-ia dizer que ganham em intensidade e nas suas tendências hostis que podem definitivamente lesar o corpo físico.

Um exemplo disso seriam as vibrações destrutivas do ruído extremo. Pega no choque de guerra — somos propensos a pensar no choque de guerra num sentido rude como um som terrível que danificou os nervos do paciente através do sentido da audição. É algo mais do que isso. As vibrações do ruído passam através do corpo etérico e recolhem ou transportam com elas para o sistema físico uma certa quantidade daquilo a que apenas posso chamar matéria venenosa num estado fluídico — invisível, mas não menos potente, como muitas condições destrutivas o são.

A maioria ou muitas das condições mais destrutivas nas vossas vidas são invisíveis em si mesmas, e são apenas os efeitos delas que se tornam visíveis. Pega na eletricidade — invisível em si mesma —, visível ou tangível para os sentidos comuns através ou por intermédio de algum dispositivo mecânico que a torna ativa de forma visível. Tens isso com que lutar; tens também o ruído e tens as ondas geradas pelo aparelho sem fios. Todos estes elementos são desintegradores. Temos de nos ajustar a eles (no momento presente não vemos como) ou temos de nos proteger — o que é o mais fácil dos dois, mas é o corpo etérico que constitui o transportador destas condições perigosas.

Quando o corpo etérico deixa o corpo físico à corrupção na morte, o corpo físico torna-se então imune a qualquer ataque por estas condições. No passado temos falado de forma algo vaga sobre a morte como uma condição que deixa o corpo físico sem sentimento ou consciência. Algo cessou de funcionar. O quê? Algo que estava ali há um momento atrás, no seguinte — não está ali. O que é? É simplesmente a retirada ou separação do corpo etérico que era o transportador de vida para o corpo físico.

Não podemos localizar a sede da vida no físico porque esta não se encontra lá. Quantos têm tentado encontrar algo no organismo físico — a sede da vida —, alguma faísca, germe, causa daquilo a que se chama vida. Não reside no corpo físico, é inútil procurar por ela ali. Encontra-se no etérico — ou mais corretamente, o etérico é o verdadeiro transportador da vida. É no corpo etérico que a alma vive, não no físico. Anima-o, influencia-o e — além disso, o que é tão importante — é influenciado pelo físico enquanto o físico e o etérico se encontrarem unidos. A alma sofre o apelo e a influência do corpo físico através dos sentidos.

Como o podemos usar para fins de saúde? Temos de aprender a dar ao corpo etérico condições que serão benéficas para o físico quando transportadas através do etérico para o físico. Isolamento temporário de condições destrutivas. Tens um instinto muito forte para estar sozinha por vezes. Não porque estejas enfadada com as pessoas, não porque sejas egoísta, mas algum sentido interior diz-te que é necessário para o teu bem-estar mental e físico.

Isto é necessário para toda a gente, porque as vibrações de outra presença, a menos que em perfeita harmonia, são destrutivas e, por vezes, até perigosas para a saúde de uma pessoa. Uma pessoa quer afastar-se do ruído, um instinto de sobrevivência. Todos os seres humanos deveriam ser capazes de ter paz e quietude, tal como esperamos ter ar fresco, alimento, água e sono, para o bem-estar da nossa saúde física; mas embora exijamos naturalmente a nossa dose legítima de alimento e bebida,

esquecemo-nos frequentemente de que existem outras condições, excitação, ruído, ansiedade e todos os outros elementos mais subtis e invisíveis que constituem a vida — correntes de pensamento, eletricidade, ondas de diferentes géneros. Temos ignorado estes factos por ignorância, mas há que contar com eles tanto quanto com os mais óbvios de comer e beber.

Um tempo em cada dia deveria ser reservado por toda a gente para o relaxamento completo — não apenas do corpo, mas da mente, e a imunização contra os elementos destrutivos como o ruído e o movimento. Se estás sentada num automóvel num misto de tráfego turbulento movendo-se em diferentes direções, tanto o ruído como o movimento contrário são maus. Quão mais fácil é ir com o tráfego, no mesmo princípio que flutuar com a corrente — ir com a corrente.

A discussão é o mesmo; o choque de opiniões, de vontades, pode ser estimulante por vezes, mas é destrutivo por regra. Na vida moderna há tanto que colide, choca, luta, desintegra. Eu diria que a vida é mais destrutiva agora, destas formas fortes embora subtis, do que alguma vez foi, mas a influência é ignorada porque o efeito não é registado no corpo físico, mas sim através do sistema nervoso.

Estamos a trabalhar e a estudar — a tentar exercer influências sobre pessoas na vida da Terra que sejam capazes de fornecer instalações para esta imunização de que falei. É de paz e relaxamento que se necessita. Se pudermos dar essas condições, verificaremos que haverá um melhor solo de base nos nossos corpos físicos. Olho para os nossos corpos físicos como um solo de base que tem de ser arado, alimentado, nutrido e cuidado pelo etérico, que é o corpo da alma. A qualidade do solo e o estado em que o solo se pode manter determina a questão de saber se o indivíduo habita num corpo saudável ou num não saudável. O solo é o terreno de propagação, a semente que entra surge fiel ao

tipo se o solo for o correto para ela, seja boa semente ou má; o germe da doença ou a semente da saúde.

É o caráter do solo que importa. A semente importa, mas a semente má não é provável que cresça num solo apenas adequado para a semente saudável. A semente da doença deve ter o solo que se lhe adequa. Infelizmente, as condições de que falei ajudam a fornecer um solo que é adequado como terreno de propagação para a semente ou germe da doença. Considero-o da maior importância. Daqui a uns anos, aquilo que te estou a contar agora será falado como uma nova descoberta e, no entanto, em linha com a investigação ortodoxa. Sei que tenho razão sobre isso.

Apenas nos tornámos cientes das condições visíveis na Terra, mas a radiodifusão e o poder elétrico estão a ensinar-nos a tornarmo-nos cientes das condições invisíveis ao nosso redor. Existem muitas mais condições invisíveis potentes cuja aplicação temos ainda de descobrir. A próxima coisa que vós na Terra descobrireis, no seguimento do sem-fios a produzir som e visão e do poder elétrico a produzir aquecimento e luz, será o poder do movimento — poder propulsor que pode ser extraído do éter, ou usado a partir de e no éter da mesma forma que o éter é aproveitado na radiodifusão. Haverá poder de movimento de uma forma até agora desconhecida. Ouvirás falar disto dentro de pouco tempo e dirás: «Esta é a descoberta de que ele falou». Estamos a tentar ajudar estas descobertas a avançar, mas infelizmente verificamos ser mais fácil incutir-te a importância da sua utilidade do que verificamos ser fácil incutir-te o seu perigo e a necessidade de te protegeres e imunizares contra elas. Vês isso, minha querida, não vês? Estais todos imbuídos das vantagens da eletricidade, mas ninguém se dá ao trabalho de considerar seriamente as desvantagens, porque as vantagens são tão óbvias.

Espero mais tarde ser capaz de te dizer como vos protegerdes individualmente. Não o posso fazer de momento; as nossas investigações encontram-se incompletas. São difíceis porque

dizem respeito às vossas condições da Terra que já não são as nossas. Operamos no éter, mas não nos carregamos quimicamente da mesma forma que vós o fazeis. Isso não se torna necessário nas nossas vidas, visto que vivemos num mundo de matéria mais fina do que a vossa que é mais facilmente operável pelo pensamento.

Tenho um certo sentimento em relação a um cão. Poderá ele ter de ser mudado por um tempo? Está a definhar, não gosta de estar longe de ti. Encontra-se fisicamente bem, mas solitário. Por que não está ele suficientemente solto? Talvez alguém tenha receio de o deixar solto. Está a definhar, solitário e miserável e demasiado fechado. Não se encontra muito feliz.

Eu não sabia que o meu cão, Peko, tinha sido mantido sob estas condições senão após esta mensagem. A governanta tinha-o mantido amarrado e apenas saía pela trela. Tinha estado sob os cuidados de um veterinário durante um mês sem melhoras. Agi com base neste conselho e trouxe-o para casa em Londres, tendo ele ficado bom numa semana.

W. F. B.: A vida de um cão é muito circunscrita; não é longa, e cada dia parece mais longo do que os nossos; não têm nada para realizar — uma vida aborrecida, e raramente pensamos nisso dessa forma.

CAPÍTULO 17

1 de Dezembro de 1932

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Mas tu queres conhecer a minha vida nas minhas próprias condições. Se eu pegasse num dia típico, como lhe chamas — lembro-me de um bastante recente no qual se incorporaram uma boa quantidade de acontecimentos que se podem explicar em termos comuns. Existem algumas coisas sobre as quais não te podemos falar, que se encontram fora do alcance da tua imaginação.

Há experiências que uma pessoa tem — que se se tentasse falar delas na linguagem comum da Terra seria impossível. A minha vida habitual é muito semelhante à vida na Terra. Encontro-me com outras pessoas; interesse-me pela ciência; encontro-me com estes expoentes da ciência e trabalhamos juntos para benefício da Terra e das pessoas na Terra. Tentamos descobrir novos factos sobre as nossas próprias vidas, os nossos próprios corpos, na esperança de que seremos ajudados a comunicar mais facilmente com a Terra. Estamos a tentar ajudar-vos a aperfeiçoar uma máquina que será operável a partir do nosso lado.

Creio que o podemos fazer, sinto que podemos. Existe um instrumento já feito, mas há algum elo em falta, algo não perfeito, e estamos a trabalhar para ver se o conseguimos fazer a partir deste lado. O Myers está, como é evidente, a trabalhar connosco para este objetivo. Há um grupo formado por nós que se interessava pela sobrevivência e pela comunicação enquanto estávamos na Terra.

Há muitas reuniões realizadas nas quais discutimos tanto os desenvolvimentos passados como os presentes. Poderás perguntar: «Onde? E como vais até elas?». Se eu desejar, posso caminhar; por outro lado, se estive atarefadamente ocupado noutra coisa, posso projetar-me num piscar de olhos, como se designa. Posso estar sentado no meu próprio estúdio (não te deves preocupar com alterações na Terra, não quero o meu estúdio da Terra para o mesmo fim que o queria na Terra. Posso um na minha própria casa, a casa que estou a guardar para ti).

Eu andava a mudar as coisas no estúdio dele em casa.

W. F. B.: Enquanto estou ali sentado posso pensar que deveria estar nesta reunião que poderá ser a uma distância considerável na tua ideia; nesse caso concentro-me no objetivo da reunião, no local e na ideia de que deveria estar ali. Se me concentrar com força suficiente, dou comigo ali. A mente pode

desenvolver-se deste lado de modo a controlar o corpo. Do teu lado a mente, ou a parte dela que funciona no cérebro físico, é afetada pelo corpo físico.

Vê como o fígado pode afetar a mente, os seus estados de espírito, deprimindo-a por exemplo. Diferentes estados de saúde afetam a mente em grande escala. Uma doença grave ou um acidente podem colocar a mente fora de ação; mas do meu lado a mente possui poder sobre o corpo — sobre o que chamamos tempo e espaço; do teu lado a mente em si mesma é independente do tempo e do espaço, mas o cérebro não. Podes imaginar-te na América.

Se estiveste em Xangai podes imaginar Xangai e pensar em ti própria de volta ali. Não podes recolher o teu corpo físico e depositá-lo imediatamente em Xangai, o que é precisamente aquilo que nós podemos fazer.

Dou comigo na reunião se desejar estar ali, encontro-me com os meus colegas de trabalho ali e converso com eles. Decidimos eventualmente um plano de ação, tal como tu farias na Terra. Por vezes sentimos que há alguma orientação ou conselho que se torna necessário a fim de sabermos a melhor forma de proceder; nesse caso abrimos as nossas mentes; por outras palavras, todos nós por mútuo acordo permanecemos silenciosos e recetivos. Lembras-te de eu nem sempre ser capaz de ser tão recetivo como desejaria na Terra? Desejei por vezes ser capaz de me abrir psicologicamente — de ser recetivo ao outro mundo — ao plano mais elevado.

Lateralmente, eu nem sempre era capaz de ser suficientemente passiva num sentido recetivo para acolher ou absorver inspiração desse género, mas agora sinto-me capaz de me abrir com facilidade à inspiração vinda de uma esfera mais elevada do que a minha. A mensagem chega — todos nós respondemos a ela —, encontramos-nos reunidos com uma só mente, uma só ideia.

O facto de nos termos reunido para um determinado objetivo definido constitui uma prova em si mesma de que somos de uma só mente no que respeita ao objetivo ou à informação que procuramos e, quando o chamamento chega, não vem sob a forma de uma voz ou do toque de uma campainha.

É um chamamento mental. Um, dois, três ou quatro podem ouvi-lo primeiro, antes dos outros, de acordo com o grau da sua recetividade. Elevamo-nos coletivamente, e aqueles de nós que já visitaram os planos mais elevados anteriormente estendem a mão aos que ainda o não fizeram, tal como tu poderias estender a tua mão a fim de ajudar estranhos ao longo de um caminho difícil ou de uma escadaria a que não estivessem habituados.

Não existe qualquer sentimento de perigo ou de estranheza nisso — nenhum, fosse ele qual fosse —, mas damo-nos conta de estar a ascender, o sentimento é de ascensão. Podemos deslocar-nos para o plano imediatamente acima do nosso, ou até para dois ou três planos acima do nosso. Trata-se indubitavelmente de uma ascensão em todos os sentidos em que compreendemos a palavra.

O Myers disse-me que era um estender de mão, um viajar para fora e não tanto para cima. Mas inclino-me a pensar que significa a mesma coisa, visto que a Terra é indubitavelmente redonda e os planos que a rodeiam são redondos também; ficam ao redor dela — margens exteriores, por assim dizer —, pelo que suponho que, se uma pessoa vai para fora, vai para cima e vice-versa; mas trata-se indubitavelmente de um viajar para longe da esfera ou condição habitual de cada um.

À medida que se viaja para fora, fica-se ciente da atmosfera diferente. Isso não to consigo explicar bem. É uma atmosfera na qual os detalhes do ambiente ao nosso redor não parecem tão importantes como nós próprios, os nossos pensamentos, e ficamos cientes da unicidade das coisas — o infinito; à medida que se viaja para longe dos planos da vida finita, das ambições finitas, da imaginação finita, ficamos mais conscientes do amor infinito, do

poder e compreensão infinitos e, acima de tudo, ficamos absolutamente conscientes de que tudo está a funcionar para o bem supremo de toda a gente.

Quanto mais longe se vai para fora ou para cima, mais consciente se está disto, porque nos aproximamos ou ficamos mais perto da fonte infinita de todo o bem. Alcançamos o que se poderia designar por outra margem — sim, chamar-lhe-ei isso —, surge-me sempre como sendo outra margem. À medida que a alcançamos, estamos conscientes da aproximação de outros seres que se apressam a acolher-nos.

Sabem que ouvimos o seu chamamento. Um sentimento curioso invade-nos à medida que se aproximam de nós, um sentimento de poder acrescido, inteligência mais apurada, maior esperança, maior coragem vem até nós como o primeiro toque de um vento revigorante que sopra subitamente de um novo quadrante.

Quem quer que estas pessoas sejam não importa de momento, mas são aquelas que passaram por uma esfera e depois por outra durante muitos séculos de tempo, conforme tu o conheces. São os instrutores, os filósofos, os santos do passado. Os seus nomes não são propalados como os nomes das pessoas famosas na Terra; uma pessoa sente simplesmente: «Este é um grande homem, traz consigo poder, um grande conhecimento», e contudo estamos vagamente cientes do lado pessoal — o fascínio ao redor deles em virtude da sua fama na Terra, e dizemos para nós próprios: «Este é o Fulano, li sobre ele, nunca pensei que o encontraria aqui». Mas o lado pessoal passa rapidamente para o plano de fundo perante o interesse cada vez maior que se sente na presença desta grande alma conforme ela é agora.

Por vezes pegam-nos pela mão e mostram-nos as condições maravilhosas em que vivem. Constitui uma instrução, tal como viajar o é para as pessoas na Terra. É-nos mostrada a harmonia e a beleza deste plano mais elevado, algo para o qual não estamos

prontos ainda, mas que nos dá uma maior promessa de alegria futura, a qual podemos levar de volta connosco para o nosso próprio plano, e que nos estimula a novos preparativos para nós próprios e para ti.

Mais do que nunca tentamos ajudar-te a viver como deves viver, realizando apenas as coisas que deves realizar e abstendo-te de realizar as coisas que não deves realizar, tanto quanto possível.

A lição da conveniência é a mais difícil de aprender, quanto a até onde se pode levar a lei da conveniência e estar espiritualmente justificado ao fazê-lo. Como frequentemente te dizemos, o motivo não é tudo. O princípio é mais importante do que o motivo. Um louco pode ter um forte motivo, um bom motivo para cometer um crime de violência, mas devemos procurar o princípio por trás do motivo. Essa é a primeira lição que aprendemos quando chegamos a este lado. Um homem pode começar a partir de um bom motivo fundado num mau princípio. A maioria das guerras o são — cada país justifica-se pelo seu motivo, mas o princípio de cada um está errado —, temos destruição.

A guerra não traz benefício ou bênção para ninguém. Há um trabalho pelo qual lutamos incessantemente, e esse trabalho é a paz. Paz na Terra. A boa vontade para com os homens criaria uma verdadeira arcádia na Terra — boa vontade e paz, apenas isso. Não deveria ser difícil, e creio que muitas vezes sentes o meu espírito a ajudar-te, sempre que possível, nessas linhas. Acredito que o sentes.

Nestas esferas mais elevadas, a competição, a inveja, a ambição pessoal não existem. Encontro por vezes a Ada em viagens às esferas mais elevadas. Progrediu imenso. O seu amor e simpatia por todos — criaturas dispostas a ganhar asas mais depressa do que a maioria das pessoas no seu próprio plano.

O parentesco físico não é tão importante do nosso lado como no vosso. Há muitas pessoas na tua família com quem nunca mais

te vais encontrar — não possuem qualquer parentesco espiritual. Muitas pessoas que conheci em rapaz nunca mais as vi e não tenho consciência de qualquer perda, fosse ela qual fosse — eram meros acidentes da carne.

Germinaram no mesmo canteiro de sementes que eu, mas foi tudo. Depois foram transplantadas para um local e condição próprios com os quais não possuo ligação, e é por isso que não as vi e provavelmente nunca mais as verei. Mas eu quero ver-te — tu pertences-me, pertencemos um ao outro. E a Ada diz: «Quero muito ver-te». Devemos tentar manter-te na Terra o máximo de tempo possível.

És necessária para espalhar a verdade, para ajudar as pessoas a perceberem que existe outra vida, à tua própria maneira, com as tuas próprias palavras. Não desejo que embarques num ciclo de propaganda espírita, mas aqui e ali podes ajudar as pessoas a compreenderem que existe outra vida; mas a parte importante não é a comunicação entre as duas esferas, mas sim o preparar-se para essa outra vida, o reconhecimento da mesma, é isso que quero ajudar as pessoas a fazer através de ti.

A comunicação constitui uma matéria de importância secundária. Não é sequer aconselhável para toda a gente no seu estágio atual de desenvolvimento. Existem alguns para quem poderia ser uma fonte de perigo, como um estupefaciente nas mãos de uma pessoa ignorante e estúpida.

Devemos reconhecer isto e instruir sobre a importância de se preparar para a vida espiritual, em vez da gratificação da comunicação com os habitantes desses planos mais elevados. A ajuda e a orientação estão sempre disponíveis sob as condições corretas.

Eu quero de facto comunicar contigo porque sei que apenas farias bom uso dessa comunicação. Existem algumas pessoas com quem não desejaria comunicar se pudesse.

CAPÍTULO 18
21 de Fevereiro de 1933
Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: A Ada pensa também que poderia ser uma boa coisa ires para fora para algum lado este ano — mas lembra-te, este parece ser um ano de mudanças —, mudanças pessoais. Não as provoques, elas virão ter contigo; mas não tenhas medo de as aceitar quando chegarem.

Provou ser um ano de muitas mudanças.

F. E. B.: E em relação aos meus textos de mensagens vindas de ti?

W. F. B.: Não podes fazer nada ainda, mas mais tarde ajudar-te-ei a juntá-los e a realizar algo com eles — agora não. Compreendes, não compreendes?, que não é sensato realizares nada por ti própria atualmente. O dar continuidade ao meu trabalho, editando-o, é diferente: o resultado das tuas próprias investigações pessoais constitui uma matéria diferente — não é sensato atualmente.

Agora, minha querida, quero dizer algo muito a sério. Serei sempre capaz de te ajudar enquanto estiveres aqui na Terra. Posso ajudar-te e posso conversar contigo desta forma. Há muito que devemos realizar juntos, à nossa espera para realizarmos juntos. Avisei-te sobre a gravidade dos assuntos mundiais. Como vês, os meus avisos eram justificados. Há um longo período de problemas e dificuldades à nossa frente, mas nós estamos por trás de ti. Aqueles com quem nos encontramos em contacto, e eles voluntariamente connosco, estarão protegidos tanto quanto for correto e possível, a menos que exista alguma lição especial que devas aprender, e que não possas aprender de outra forma senão passando tu própria por um período de dificuldade.

F. E. B.: Passarei por algum?

W. F. B.: Não, não vejo necessidade, mas poderá haver pessoas em contacto contigo que passem ainda por um período difícil como parte da sua instrução.

Ao transmitir a mensagem seguinte, o W. F. B. pareceu controlar a médium, falando devagar com uma voz profunda.

W. F. B. (muito devagar e enfaticamente): Deixa a P.W. encontrar o seu próprio caminho. Deixa-a fazer o que quer fazer e certifica-se de que é o que ela quer fazer. Não queremos fazer nada para a ajudar a realizar nada que ela não queira realizar, apenas aquilo que ela sinta ser o melhor para si.

Sem o meu conhecimento, uma amiga minha, P.W., tinha rezado no dia anterior para que lhe fosse enviada uma mensagem através de W. F. B. para lhe fazer saber se era correto para ela realizar a coisa que desejava realizar. Ela perguntou-me se eu lhe leria as notas da minha sessão, mas foi apenas após lhe ler este texto que ela me contou sobre a sua oração.

W. F. B.: Esperamos agora que ela fique mais livre: poderá ter um período de maior conforto e menor preocupação, mas deve escolher seja o que for que considere melhor para si própria.

O guarda-chuva — vi-o no outro dia. Estavas perto dele, o meu. Estavas de pé perto dele no canto do átrio.

F. E. B.: Encontra-se ali ainda?

W. F. B.: Sim, deveria estar. Estava ali. Utilize-o há muito tempo atrás. Um ponto está errado no guarda-chuva: está bom à exceção disso, e a fita de colar encontra-se descolada pelo interior.

F. E. B.: Tentarei encontrá-lo.

W. F. B.: Tem estado no canto do átrio por trás de uma porta. Um pequeno teste — algo que não sabes e de que não te lembrarias.

Eu não fazia ideia de que existia um guarda-chuva dele, mas procurei-o ao meu regresso e encontrei-o onde ele dissera, e um

ponto tinha-se descolado e o material colado no interior do topo tinha-se afastado em alguns pontos.

W. F. B.: Aniversário. Dois aniversários muito próximos. Vamos ter uma sessão por perto. Pensei em dizer-te que não me esqueço.

O aniversário dele e o meu eram em fevereiro.

22 de Junho de 1933

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Queria dizer-te hoje que existe ainda um período difícil através do qual vós na Terra tendes de passar; não o ultrapassastes ainda. Não estou a falar apenas pessoalmente, mas daquela porção do mundo civilizado, e particularmente deste país, que se encontra afetada pela crise económica que não terminou ainda. Sabes que te tenho andado a avisar desde que parti para este lado sobre este período difícil. Sabia e sei algo a seu respeito. Temos um período extremamente difícil ainda pela frente, mas não o mais difícil no que a ti diz respeito e no que diz respeito a alguns indivíduos, mas coletivamente há ainda muito a encarar.

Uma coisa é que existe uma esperança espiritual a brilhar através da tumba material, e sentimos que terá valido bem a pena ter passado pela crise material a fim de alcançarmos a melhor compreensão e conhecimento das coisas que importam.

Ganharemos, não perderemos, no fim. Aqueles de nós do meu lado que possuem ligações definidas com a Terra, por exemplo como eu tenho contigo, estão a ajudar: estamos a lançar o nosso peso, por assim dizer, do lado certo; tudo ajudará, mas quanto maior ou em maior número forem os do vosso lado que se estenderem até nós, maior ajuda poderemos dar.

Vós na Terra tendes de fazer as pontes: deve começar do vosso lado — de dentro e de baixo para fora e para cima —, isso constitui crescimento e desenvolvimento. Tendes de vos estender até nós, a iniciativa deve partir de vós: então ser-nos-á permitido dar-vos toda a ajuda e inspiração que for possível. Quem me dera que estivesse aqui comigo, ficaria interessada em tudo o que se está a passar.

W. F. B.: Queria dizer-te que as conclusões a que cheguei e que estou a expor de forma rude e simples para as poder fazer passar são estas: tudo o que em última análise vá alimentar o corpo etérico é mais bem assimilado pelo físico numa forma que possa passar através do físico de uma maneira tão direta quanto possível, sem envolver demasiadas alterações metabólicas. Por exemplo, os minerais, em vez de os absorver numa forma bruta como muitas pessoas fazem, deveriam tomar-se no reino vegetal e, dessa forma, ser mais facilmente assimilados e distribuídos.

Alcança o corpo etérico e harmoniza-se com ele, o que a matéria-prima não consegue fazer — isto é da maior importância. A água, o ar e os minerais através do reino vegetal são as necessidades para a manutenção do perfeito equilíbrio do físico e do etérico. Outras coisas são valiosas, mas estas são necessárias.

F. E. B.: Tens algo a dizer-me sobre a cura?

W. F. B.: Sim. Penso em cura o tempo todo, mas o que te estou a dizer agora deveria servir de base, num sentido físico, para a operação dos poderes de cura. Podes, eu sei, produzir resultados notáveis com esse poder de cura num solo pobre sem qualquer auxílio através de medicamentos ou dieta, mas defendo que terias uma maior percentagem de sucessos se preparasses o solo e o deixasses pronto para a cura. Existem dois ou três sistemas de cura. Vou dividi-los em três.

(1) A forma de cura magnética ou física. Chamo-lhe física embora a força que transforma o paciente seja invisível, mas como é magnética pertence ao domínio daquilo a que chamamos

matéria física. (2) A mental — a cura pela mente —, o efeito de uma mente sobre outra; uma mente a ajudar outra a colocar em operação o seu próprio processo natural de cura, ou mesmo de resistência. Isso pode realizar-se do nosso lado por curadores espirituais a trabalhar através de um instrumento adequado do vosso lado.

Essa constitui a forma mais bem-sucedida e mais eficaz de cura mental e magnética. Mas — a cura mental pode realizar-se por vezes sem qualquer interferência ou ajuda do nosso lado —, simplesmente pelo efeito de uma mente sobre outra no mesmo plano. Mas o poder é muito fortalecido quando é dirigido por alguém do meu lado através de alguém do vosso. (3) Existe o terceiro tipo de cura a que chamaria puramente espiritual — uma cura Divina —, intercessão espiritual através da oração — aspiração —, ou daquilo a que chamamos consciência da Mente Única a funcionar para o bem de todos.

O terceiro tipo de cura poderá não estar acessível ou, deveria dizer, poderá não ser facilmente utilizado pela pessoa comum na Terra — os dois outros tipos são utilizados mais comumente.

F. E. B.: Como se pode usar o mais elevado?

W. F. B.: Creio que o podes usar melhor percebendo de uma forma definida o poder — a completa onnipotência do Criador e o facto — o facto indubitável, inegável de que qualquer poder que Ele possua se encontra disponível para ti na medida em que o possas receber e usar. Quanto maior for a tua capacidade, maior será o trabalho que podes realizar. A percepção da vontade e do amor Divinos é necessária — pressentindo a perfeição claramente, definidamente —, vendo sempre a visão da perfeição.

Mas sustento que, enquanto estás na Terra, estás destinada a usar toda a assistência do espiritual, do mental e do físico, porque o físico existe — o físico é o solo, o canal ou veículo de expressão e deve considerar-se. Está tudo muito bem e soa bem falar sobre o espiritual ser primordial, mas o físico existe e está a

ser usado pelo espírito e deve ser usado nas suas próprias linhas de acordo com a sua necessidade.

Sei que acontecem milagres nos quadrantes mais improváveis sob as condições mais surpreendentes, mas nós não queremos o milagre ocasional, mas sim um sistema de cura bem-sucedido — não um caso isolado aqui e ali, mas os resultados perfeitos de um sistema perfeito —, uma combinação daqueles poderes que Deus nos deu para usarmos.

Mas devemos preparar o solo tanto quanto possível. Choque (*em voz direta clara*). Temos de ajudar a juntar as faculdades construtivas naquilo a que devo chamar o sistema psíquico, de modo a que o sistema nervoso possa operar perfeitamente e colocar em movimento as correntes curativas que estão muitas vezes disponíveis mas não se podem usar, dado que os nervos têm de acolher a mensagem de força e telegrafá-la e distribuí-la para qualquer parte do corpo que necessite dela.

Devo explicar algo. A cura espiritual encontra-se sempre disponível; o operador poderá estar disponível, mas o paciente poderá não ser capaz de assimilar e usar o poder de cura, o qual permanece então na aura em vez de entrar no organismo físico e realizar o trabalho num sentido físico.

É de acordo com a capacidade de um paciente para absorver o poder de cura que o sucesso da cura depende, mas mesmo que o paciente se encontre numa condição tal que ele ou ela não possa fazer uso do poder da forma desejada e este tenha de permanecer, como disse, na aura, ele irá, posso dizer, infiltrar-se no corpo do paciente em certa medida — ajudará —, mas o operador ou diretor do poder não pode assegurar uma assimilação completa e total da parte do paciente.

Outro ponto importante: podes deparar-te com casos em que um paciente parte para este lado enquanto está a ser tratado desta maneira. Não consideres tal caso um fracasso total. Se pudesses apenas acompanhar a passagem do corpo etérico desse paciente

para o nosso lado, verias com a maior satisfação a ajuda tremenda dada na libertação do corpo etérico da impressão da doença.

Onde existiu choque, verificamos ser difícil ter a certeza do reajuste dos corpos físico e etérico. No físico, o sistema nervoso é algo com que se tem de contar, um fator muito problemático, contudo capaz de ser muito prestável se puder ajustar-se e ser feito responder às solicitações do espírito e da mente. Sendo o cérebro o meio através do qual a consciência — ou seja, o espírito e a mente combinados — funciona, tudo o que tenha causado um choque ao sistema nervoso, a serva do cérebro, torna o nosso trabalho muito difícil. É por isso que sempre te incutimos a ideia de evitares choques de qualquer espécie.

O estranho é que uma série gradual de acontecimentos, tomados no seu efeito cumulativo, poderá apenas resultar numa ação benéfica sobre a mesma pessoa para quem um número menor desses acontecimentos, concentrados num espaço de tempo demasiado curto, constituirá uma lesão ou choque. Um choque é apenas um certo número de causas concentradas num espaço de tempo demasiado curto que deveriam ter sido distribuídas por um período mais longo. Pega numa mudança causada por uma operação cirúrgica. Num curto espaço de tempo, certas mudanças foram efetuadas de uma forma fenomenal, deve chamar-se-lhe assim — isto causa um choque definitivo ao sistema. O mesmo efeito poderá produzir-se por aquilo a que chamamos causas naturais ao longo de um período longo; o mesmo resultado e mudança poderiam produzir-se sem o choque. Onde existiu um choque súbito, verificamos ser difícil aplicar o poder de cura espiritual — podemos aplicá-lo, mas é mais difícil.

1 de Dezembro de 1933

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Percebes que tenho sido capaz de te ajudar, dando-te apoio mental quando necessitavas? Essa constitui a única via

legítima pela qual te podemos ajudar. Damos-te confiança —
deves escolher sempre o caminho tu própria. É muito difícil, mas
constitui a tua tarefa escolher. É o escolher, o encontrar o
caminho certo que fortalece o teu carácter e as forças da tua alma e
te capacita para a vida.

Garante que estás preparada para reajustes, mas eles ficarão
bem. Não te atires a eles — aceita-os apenas quando os alcançares
ou quando eles te alcançarem. As mudanças e os reajustes são
coisas para aceites calmamente e apenas quando deves. Quando
estiverem indicados, aceita-os sem medo, mas não cries
demasiados se o puderes evitar.

Há uma mulher na Terra a quem a Ada está a ajudar também
— um caso difícil. Isto vai ficar bem. Não devemos tentar
desempenhar o papel da Providência. Devemos agir e pensar
conforme pareça mais prestável no dia a dia. Encontra-se doente
há algum tempo. Sabes que a quereríamos deste lado, num sentido
regozijar-nos-íamos se ela viesse hoje. Agradeceria a Deus, seria
mais fácil para ela. Mas, embora agradecesse a Deus se ela viesse
hoje, não quero escolher o caminho de Deus por Ele.

Tantos de nós estamos a trabalhar ao teu redor agora para
ajudar — pessoas que conheceste na Terra, mas com quem nunca
esperaste trabalhar —, reúnem-se ao teu redor formando uma
espécie de guarda-costas espiritual, por assim dizer. Ficarias
surpreendida se visses e reconhecesses alguns deles.

Não deixes que ninguém te apoquente sobre publicar
trabalhos ou escritos meus ou sobre mim. Quando puder ser e te
sentires com disposição para isso, ficarei feliz e ajudarei. Mas não
deixes que ninguém apresse as coisas. Creio que as pessoas
necessitam disso agora — da mensagem. Nós realizaremos o
trabalho. Existem dois blocos distintos de trabalho:

1. Ligado quase inteiramente ao material que
recolhi — existe uma quantidade enorme dele.
2. O material que tu tens recolhido de mim.

F. E. B.: Qual julgas ser mais importante?

W. F. B.: O segundo — é o mais recente e o mais vivo. Vês, existimos vários a tentar fazer passar este material — deve haver muitos que tentaram e alguns que foram bem-sucedidos em dar informações do mesmo tipo, mas o que foi feito com elas? Passaram para o vosso lado ou falharam em fazê-lo? E, novamente, se foram registadas, são desperdiçadas por serem ignoradas — não compreendidas? Alguns registadores poderão ter partido para este lado antes de as poderem publicar e, nesse caso, é tudo desperdiçado.

Sinto que o mundo necessita de um sinalizador na encruzilhada que a evolução alcançou agora. A evolução alcançou de facto a encruzilhada e existe uma rota certa e uma rota errada, e nós devemos desempenhar o nosso papel em escrever direções claras — apontando na direção certa.

A humanidade não se encontra a viajar de uma forma pacífica comum em direção a esta encruzilhada: vai disparada — a projetar-se em direção a ela e haverá muitos desastres, mas — mas, minha querida, haverá também muitos que abrandarão quando virem o sinalizador, e isso salvá-los-á; e à medida que mudarem na direção para a qual o sinalizador aponta, outros os seguirão. O sinalizador deve indicar que existe uma rota definida para a imortalidade.

F. E. B.: Para onde conduz a outra rota?

W. F. B.: Ia dizer destruição, mas não direi isso: atraso, caos, desarmonia, infelicidade — um caminho escuro quanto mais longe se caminha por ele. Ora bem, se pudermos desempenhar o nosso papel em erguer o sinalizador, teremos feito o melhor que podemos pelos nossos semelhantes.

Nunca antes na história a humanidade necessitou tanto de um sinal como agora. Quero ajudar-te a realizar isto. Sabes que não é apenas o aspeto probatório da comunicação que conta — as

peessoas já tiveram uma grande quantidade disso; querem saber isto: se vivemos, como vivemos.

E o que consideramos ser a melhor forma de poderem viver a fim de aproveitarem ao máximo a vida antes de partirem e depois — os dois lados do quadro. Isto tem estado na tua mente também, a tua mente tem andado a despertar para a possibilidade de assumir esta tarefa, embora creia que deves cooperar com ela. Trata-se de um caso de muito trabalho por realizar na edição destas mensagens — comunicação póstuma. (Detesto ser identificado com póstuma.) Estou vivo, estou mais vivo do que alguma vez estive.

Estou feliz porque entrei na vida mais plena sem ter vergonha de o fazer, e sou capaz de a desfrutar, e encontro-me em contacto contigo — isso completa o meu sentido de felicidade. Tu não estás demasiado infeliz. As tuas conversas comigo e, ainda mais, a tua percepção da minha proximidade, do meu amor e da minha compreensão ajudaram-te. Deram-te uma nova luz sobre a vida. A Ada diz que a diferença em ti em relação a há vinte anos reside em que anteriormente eras movida por um sentido de dever — agora és movida por um sentido do divino, o que constitui uma coisa maior e mais abençoada, e espero que, ao publicares esta obra, ajudes as pessoas a subir o primeiro degrau da escada espiritual.

F. E. B.: Qual é o primeiro degrau?

W. F. B.: O primeiro degrau consiste em olhar acima do eu. Não deveria sugerir o esquecimento de si próprio; elevar-se acima de si próprio significa perceber o seu eu superior, e analisar e controlar o seu eu inferior. Mas uma pessoa encontra-se no topo dele e, quanto mais alto se sobe na escada, mais facilmente se está no topo dele. Mesmo que caíamos de novo, e frequentemente caímos, podemos subir mais facilmente por termos tentado e falhado.

Em mais do que um sentido, conhecemos as manhas: aqueles que não querem tentar nunca sabem o que podem realizar. Segue em frente sem medo: o que fizeres pelo melhor, tanto quanto o possas discernir, conduzir-te-á na direção certa — será o melhor para ti, bem como para as outras pessoas. Não deixes que demasiadas pessoas recorram a ti e te monopolizem de uma forma proveitosa.

Se houver alguma via definida pela qual possas aconselhar e ajudar, fá-lo, mas tantas pessoas esbanjam tempo e energia, e isso é mais cansativo para ti do que o trabalho. Ultimamente tenho-te visto mais cansada após uma hora com pessoas em tagarelice sem sentido do que após uma hora de trabalho árduo: é deprimente também. Há satisfação numa hora de trabalho, mas não tiras nada de uma hora de tagarelice. Quando este trabalho estiver concluído, haverá ainda mais trabalho para realizares. Não vais partir ainda, mas isso não está nas minhas mãos. Dizem-me sempre para te ajudar a conseguir que certas coisas se realizem na Terra, pelo que subentendo que não virás durante algum tempo. O George está aqui. Sabes que está a ajudar a sua esposa — fazendo tudo o que pode.

F. E. B.: Tens alguma mensagem dele?

W. F. B.: Tu própria não a compreenderás. Muito recentemente ela tem estado a pensar num local onde estiveram há muito tempo e onde foram muito felizes; foram os tempos iniciais de ambos juntos — Chester — Chester faz parte do nome.

Residiram em Edimburgo de 1908 a 1910 e foi ali que se tomou a decisão de aceitar o cargo em Manchester. Não estiveram ali muito tempo, mas ela pensou nisso recentemente e ele encontrava-se com ela e lembrou-se de como foram felizes e, ao mesmo tempo, de que andavam a fazer uma mudança muito importante — dando um passo sério enquanto se encontravam em contacto com esse local.

O local não é assim tão importante em si mesmo; foram as coisas que aconteceram por essa altura que foram importantes, e ela andava a pensar nisso, bem como o George recentemente. Ele — o George — encontrou um homem ligado também às mesmas condições. [Partiu para este lado.] Pergunta-lhe se se lembra do nome Nicholson. Este homem possui uma ligação com esse local e época. [Faculto isto apenas como prova.] O Professor Nicholson, chefe de economia de George em Edimburgo, tinha falecido recentemente.

CAPÍTULO 19

22 de Fevereiro de 1934

Sessão com a Sra. Leonard

W. F. B.: Existe uma pequena dificuldade na mente de uma amiga tua? Ela adoraria falar com a Ada, mas na sua mente está um sentimento — não contra o assunto, mas apenas um pequeno receio de que possa não ser sempre correto fazê-lo. Tem esse sentimento. Gostaria que lhe dissesse da minha parte que ela tem razão: não é sempre correto para as pessoas do teu lado comunicarem com o nosso: as pessoas do teu lado não estão sempre espiritualmente preparadas: muitas podem ser psíquicas, mas se não se encontrarem espiritualmente preparadas para usar o poder, magoam frequentemente a si próprias e aos outros ao tentarem dar um passo onde os anjos temem pisar.

Existem muitos espíritos altamente desenvolvidos aqui que são extremamente cuidadosos na forma como tentam comunicar com a Terra, e as pessoas do teu lado deveriam ser igualmente cuidadosas quanto aos seus motivos e à sua atitude espiritual perante todo o assunto. Vic (*voz direta*). Alguém está a dizer isto.

F. E. B.: Quem?

W. F. B.: Não um homem idoso. Vic (*voz direta*). É de meia-idade, diria eu.

F. E. B.: Como partiu este homem para este lado?

W. F. B.: Subitamente. Algo com a cabeça. Encontrava-se inconsciente quando partiu — não ultimamente — há uns anos.

Isto foi completamente inesperado por mim. Descreve corretamente um homem muito dedicado à Vic (uma amiga minha) que, num acesso de febre africana, tirou a sua própria vida.

W. F. B.: Will.

Voz direta.

F. E. B.: Disseste Will?

W. F. B.: Sim, não o teu Will. Quer falar com ela. Tem andado a tentar entrar em contacto com ela. Veio ter contigo através de outra médium, mas não o reconheceste, antes confundiste o nome comigo.

Isso é verdade. Alguém forneceu o nome «Will» noutra sessão, mas obviamente não era o W. F. B.

W. F. B.: Considero-me notavelmente afortunado por ser capaz de ver e ouvir através de ti, como o faço. Tantos do meu lado encontram-se limitados a realizar e a ver tão pouco do lado terreno da vida e, afinal de contas, a vida na Terra constitui uma experiência valiosa — vitalmente necessária para o nosso desenvolvimento —, senão Deus não nos teria criado a Terra e colocado nela.

Destinou-a para um local de teste para o desenvolvimento da nossa alma e a razão pela qual nos dizem para rezar contra a morte violenta reside em que esta nos priva da oportunidade de a nossa alma colher a experiência total. Não deveríamos morrer jovens, mas sim viver o máximo de tempo que pudermos para colhermos a experiência e o desenvolvimento totais na Terra de uma forma espiritual, mental e material.

Se assim não fosse, qual seria o valor da saúde, ou de tentar atingir a saúde, e também da medicina ou das leis da higiene? Poderíamos andar à deriva de qualquer forma. Este constitui um tema importante e tu és precisamente aquela através de quem

posso trabalhar e incutir nas pessoas a importância de aperfeiçoar a vida física, a existência e as possibilidades de a expressar em felicidade e instrução — refiro-me à instrução espiritual.

Há algum tempo disse-te que me encontrava a tentar compreender a causa e o remédio para o cancro. Estou a avançar, mas estou a atacar a causa. Não procuro um germe, mas sim o terreno de propagação que permite que tais condições — condições destrutivas — se manifestem. Creio que verificaremos que temos de nos limitar a uma única questão — sangue limpo — , e quero obter, se puder, algumas instruções simples que espero incutir-te — algumas regras simples que possamos transmitir para prevenir o crescimento deste terrível flagelo.

Quando tiver alargado os meus estudos um pouco mais, serei capaz de te dizer o resultado, mas receio que será tão simples, tão direto, que ninguém o quererá seguir. Pelo que posso ver de momento, toda a solução repousa em manter e preservar a limpeza interna, não por meios artificiais, mas naturalmente. É extremamente importante.

F. E. B.: O que queres dizer com meios naturais?

W. F. B.: Através do canal que Deus destinou para alimentar o corpo. Criar sangue limpo através do alimento que comemos e do líquido que bebemos. Eu diria que nem uma pessoa em dez está a absorver o alimento que manteria o sangue em condições puras.

F. E. B.: Que alimento?

W. F. B.: É isso que me encontro a tentar descobrir — elaborar uma tabela que te possa dar. Poderei tê-la na próxima vez que vieres. Algumas coisas a tomar e algumas coisas a evitar. Creio que a explicação será extremamente simples, bem como o tratamento. Fico espantado com a quantidade de casos em que as pessoas morreram de doenças com origem em envenenamento tóxico gerado em condições intestinais impuras.

Aí reside a raiz de todos os males de que a carne é herdeira. Sabes que estamos a ampliar a importância do cérebro, do coração, dos pulmões, dos rins, do fígado — os três primeiros considerámo-los como a sede de tantos problemas e doenças.

Não o são: são as regiões onde os sintomas se manifestam de acordo com as tendências individuais. Não são áreas produtoras, mas sim as regiões nas quais os sintomas se são propensos a manifestar e a causar problemas. Desde o nascimento — na mais tenra infância, os intestinos constituem a parte importante da anatomia. São a sede da doença. São a área de onde brota a boa ou a má saúde em cada caso como aquele de que andávamos a falar hoje.

Podemos rastreá-lo até más condições dos intestinos anos atrás, por vezes na infância. Estou a tentar descobrir os alimentos puros que a natureza exige a fim de mantermos os nossos organismos físicos em boas condições de funcionamento. Vês a dificuldade que teremos nisto: não podemos regressar ao consumo de nozes, ao consumo de ervas selvagens, que suspeito que a natureza sabia ser o correto para nós.

Ao longo dos séculos mudámos parte do mecanismo dos nossos corpos, pelo que não conseguiriam agora lidar com essas matérias-primas e poderá ser que nunca mais sejamos capazes de digerir tais coisas, e provavelmente seremos uma raça mais fina — uma raça de configuração mais perfeita — por termos desenvolvido os nossos gostos ao longo de linhas apenas remotamente ligadas às capacidades dos nossos antepassados em lidar com as nozes e as ervas daninhas e a relva e o género grosseiro de vegetação que vinha da terra e do leite do oceano.

Compreendo que perdemos uma grande quantidade de material alimentar valioso que outrora o homem tirava do leite do oceano, se em águas profundas ou rasas não me encontro seguro; mas nos registos históricos o alimento vegetal que o homem obtinha do mar foi confundido com peixe. Nós — à medida que

progredimos — concentrámo-nos em pescar e comer peixe e ignorámos o produto mais valioso do mar — a vegetação.

Encontramo-nos a descobri-lo até certo ponto agora. Estou à tua espera e a preparar um local e creio que vais gostar — um jardim — e dir-te-ei o nome, longo e impronunciável, de cada arbusto e planta e de tudo o que cresce nele. Quem me dera que estivesses aqui.

2 de Novembro de 1934

Sessão com a Sra. Leonard

Falando das mensagens transmitidas através da Sra. Leonard e da sua possível publicação, o W. F. B. afirmou:

W. F. B.: Existe uma quantidade enorme de material, mas apenas quero que uses aquele que vá incutir convicção no leitor inteligente e isento. Existe algum material estranho que teremos de cortar. Desejo usar qualquer material probatório, mas gostaria de ligar a própria prova a material que poderá não se designar por probatório em si mesmo, mas para cuja utilização teríamos todas as justificações, por exemplo, perspectivas sobre o além, especialmente tudo o que forneça provas de personalidade e da persistência de gostos individuais e da possível gratificação desses gostos.

Gostaria de falar de música, de arte nas suas várias formas, da cor e beleza da forma no nosso mundo; instalações para uma cooperação amigável, um melhor sistema social e por último — mas não menos importante para mim — a oportunidade para a investigação botânica, árvores e plantas; toda essa vida tão bela aqui, interessava-me, como sabes.

Gostaria que inserisses lado a lado com a matéria puramente probatória e verídica tudo o que revele a persistência do ambiente e a oportunidade para a complacência de gostos e ocupações individuais. Música—.

F. E. B.: Mas não creio que tenhas alguma vez falado de música nestas sessões.

W. F. B.: Quero falar dela hoje, por isso introduzi o assunto. A música que conheces na Terra não é nada em comparação com a que conhecemos aqui. Dispomos não apenas dos exemplos de música dos últimos escassos séculos, mas dispomos da música que se perdeu para nós em tempos civilizados, digo civilizados mas é uma palavra errada, um termo impróprio, porque a música e a arte de há milhares de anos eram maravilhosas e perderam-se — apenas uma memória vaga nos inspira. Aqui dispomos da música do antigo Egito: encontra-se perdida para vós na Terra.

Imagina apenas — encontrei tantos dos compositores e ouvi-os dirigir as suas próprias obras; refiro-me aos compositores dos nossos tempos. Uma coisa curiosa — parece que, enquanto se está na Terra, o cérebro de uma pessoa, que se encontra povoado por essa parte da mente a que chamamos consciente, está sempre de guarda contra tudo o que considere encontrar-se fora do seu próprio alcance. Seja como for — fora do seu próprio alcance parece ser aquilo a que aprendemos a chamar supernormal ou sobrenatural, e a mente inferior, mais consciente, rejeita-o instintivamente, trabalha contra isso. Este constitui o hábito formado por séculos de tendência para pensar em certas linhas.

16 de Julho de 1935

Sessão com a Sra. Leonard

A Edith a falar — pretendia enviar uma mensagem ao seu filho.

EDITH: Dá o meu afeto ao S.: diz-lhe que estou a zelar por ele. Andava a pensar imenso em mim ontem. Pensava em quando era mais jovem e nas cartas — nas suas cartas. Algo lhas recordou — as suas cartas para mim, tem andado a pensar nelas ultimamente. E uma pequena, pequeníssima fotografia minha, ele não sabia que existia. Pareceu surpreendido — uma pequena. Não

sei se foi ele ou outrem que a encontrou, mas olhou para ela surpreso, como se dissesse: «Não sabia que era dela». Diz-lhe que sou exatamente a mesma que costumava ser. Ele andava a perguntar-se qual seria o meu aspeto, que tipo de corpo, se eu era tangível — se possuía um corpo tangível. Diz-lhe: «Sim, possuo e quando ele vier para este lado, sempre que esse momento chegar, será capaz de me ver, ouvir e tocar».

Eu nada sabia sobre o significado destas mensagens até mais tarde, quando vi o S. Contou-me então que andara a arrumar o bureau da E. e encontrara cartas que lhe tinha escrito de França durante a guerra. Encontravam-se cuidadosamente amarradas juntas. Também a sua irmã encontrara uma fotografia dela tirada no seu jardim e lha tinha enviado. Nela, a Edith era uma figura minúscula, mas intensamente parecida com ela. Nem ele nem eu sabíamos que tal fotografia existia.

EDITH: Querido, sentiste-me no domingo? Tentei incutir-te a ideia de que estava contigo. De manhã, o canto dos pássaros. Ouvi os pássaros, um especialmente bem, cantou um solo lá fora. Adorava as manhãs de domingo. Fui a algum lado contigo mais tarde. Não te lembraste? Fez-te pensar na minha partida. Domingo — música! Quem me dera que pudesses ouvir a minha.

No domingo anterior eu encontrava-me na Lady Margaret Hall, em Oxford, e fiquei na cama de manhã cedo a ouvir os pássaros, e um pássaro parecia estar a cantar os solos todos e os restantes os coros. Mais tarde assisti a um maravilhoso Serviço Internacional na Christ Church. A época correspondia ao aniversário da partida da E. em 1934.

W. F. B.: Devo falar por um momento sobre as condições mundiais, porque num certo sentido elas afetar-te-ão. Verifica-se uma calma temporária nas condições de guerra, mas esta não terminou; há obrigatoriamente de haver problemas, não apenas com a Itália mas com a Alemanha.

F. E. B.: Queres dizer guerra?

W. F. B.: Não creio que Inglaterra se veja seriamente envolvida, ou não tanto quanto outros países, mas uma posição muito difícil confronta Inglaterra e não sei bem o que acontecerá, ou como ela sairá disso.

F. E. B.: O que deveria Inglaterra fazer?

W. F. B.: Manter-se fora das coisas, mas embora diga que o deveria fazer no futuro, não deveria fazer promessas precipitadas que mais tarde tenha de quebrar — fidelidade que não possa manter: isso aconteceu nesta última guerra. Viu-se compelida a falhar a outra nação e a permitir que o inimigo dessa nação prevalecesse apesar da palavra dada — um compromisso que fora assumido. Constituirá uma lição para não entrar em pactos e promessas que não seja capaz de cumprir. A sua incapacidade e a de outros países em cumprir as suas obrigações colocá-los-á numa posição diferente para o futuro. Verás que tenho razão. Não existe agora uma verdadeira cooperação ou unidade. A política na Alemanha é muito má. Sabes que estamos a ajudar, realizando o que podemos com os que são expulsos e perseguidos? Temos estado a ajudá-los e a tomar conta daqueles que partiram para este lado.

W. F. B.: Tenho estado imenso contigo num novo plano e nível. Creio que reconheces isso. Tenho estado ligado ao orientar, fortalecer, ajudar e guardar-te nas linhas sobre as quais tens estado a desejar orientação. Estás a viajar pela rota que indiquei há algum tempo. Disse-te que realizarias menos do teu próprio trabalho profissional em linhas ortodoxas e está a verificar-se que o fazes, e está correto.

Não tenhas medo, entrega-te; obterás não apenas orientação dessa forma, mas também paz: estaremos mais perto e mais unidos no pensamento. Segue em frente — apenas prontas. Não procures conhecer o plano com demasiada antecendência, porque este deve alterar-se de tempos a tempos. Faz como te disse antes:

pede a orientação para este dia. Tens estado a fazê-lo. Estou a trabalhar contigo nisso, bem como a Ada e a Edith.

Tens ainda algum trabalho a realizar aqui, ajudando no sentido mais espiritual. O mundo afastou-se de Deus; é necessária ajuda para instruir as pessoas a entregarem-se de novo a Deus. Conquista todas as pessoas que puderes, traz as para cá, nós estamos contigo, é o nosso trabalho: o trabalho de provar a sobrevivência é importante; mas não podemos deixar as coisas ficar por aí, deve significar algo para nós e para ti: é realmente a trabalhar no serviço de Deus que te encontras agora e que tens de fazer. É entregar-te a Deus e obedecer Lhe. Fá-lo minuciosamente e ajuda as pessoas a descartarem todas as coisas que não são de Deus.

Estou a ajudar-te, é o nosso trabalho também. Realizámo-lo deste lado; poderá interessar-te saber que faz parte do nosso programa diário. Não sintas que estás a falhar noutras direções. Livra-te de quaisquer responsabilidades desnecessárias. Deus não deseja que fiques sobrecarregada. Ele deseja que estejas livre para o Seu serviço.

Reparas como as coisas materiais se estão a alinhar de modo a ajustarem-se a este trabalho comparativamente novo? É bom para o corpo e bom para a mente. Na Terra, aquilo que é bom para a mente é praticamente certo que será bom para o espírito. Trata-se de um movimento espiritual no mundo que está a trazer Deus para as coisas, e também traz as coisas e as pessoas para Deus. O mundo e Deus estão a ser atraídos para mais perto um do outro.

O espírito e a mente criativa são uma e a mesma coisa com Deus. O espírito e a mente criativa são Deus, e Deus procura expressar-se através de nós. Temos de nos entregar a Ele a fim de que Ele se possa expressar através de nós. Então passamos a ser de Deus, tornamo-nos um com Deus e encontramos-nos seguros, e todos os que trazemos para Ele nessas linhas encontram-se seguros.

F. E. B.: O que queres dizer com seguros?

W. F. B.: Em descanso, em paz. «Tu conservarás em perfeita paz aquele cuja mente está firme em Ti»; quando a tua mente está firme n'Ele, significa que te entregaste a Ele. É isso o que quero dizer com segurança; vives e funcionas em perfeita paz. Posso aguardar em paz por ti agora que me encontro a trabalhar contigo nestas coisas: estou lado a lado contigo.

Não necessita o mundo de Deus? Lembras-te de eu te dizer que haveria grandes mudanças. Tenho-te andado a avisar há anos de que coisas terríveis aconteceriam. Estão a acontecer e todas são necessárias. Cada um que for atraído para cá constituirá outra alma segura — quero usar essa palavra — no porto de Deus. O Seu serviço é o Seu porto. Não segura no sentido egoísta e pessoal, mas no sentido mais amplo, mais grandioso.

Continua com os teus amigos: encoraja e ajuda. Manifesto total simpatia.

Poderias pensar que a diversão morreu do nosso lado. Divertimo-nos mais do que alguma vez o fizemos na Terra, mas uma diversão bondosa, boa, rindo com as pessoas em vez de rir das pessoas.

Lembras-te do que prediz que aconteceria há uns anos? Disse-te que o Reino de Deus viria à Terra, que a verdade oculta das Escrituras, tão essencialmente simples, seria vivida hoje, revelada em toda a sua beleza simples e maravilhosa como uma grande unicidade — unidade — através de um empenho diário e de hora a hora de cada um para se unir a Deus, o grande objetivo por trás e em tudo. É tão simples, encontramos-nos a clarificá-lo agora, revelando Deus simplesmente como Ele é.

Segue em frente, sem medo, de forma constante, feliz, preenchendo o tempo até te juntares a nós.

Epílogo

Para muitos leitores destes textos, a prova da sobrevivência da personalidade constitui o problema primordial, para alguns o único interesse, contudo para outros possuiria, a ser provada, um valor secundário também, pois sem ela não existe padrão pelo qual julgar os vislumbres que se nos podem dar da vida noutra esfera. Tais vislumbres devem depender, quanto ao seu conteúdo, da experiência pessoal do comunicante sobre a mesma e variarão em conformidade.

Alguns críticos sugeriram que as descrições variadas de outro mundo fornecidas por diferentes comunicantes provam que nenhuma delas é verídica, mas mesmo no nosso próprio mundo o chefe africano que veio para Inglaterra num grande pacote e ficou hospedado no Palácio de Buckingham com o «Grande Rei Branco» verificou ser completamente impossível, através de linguagem pitoresca ou de outro método, transmitir ao seu povo qualquer concepção daquilo que tinha visto e experienciado, tão diferente era a vida na África Central da vida numa grande cidade como Londres, embora no mesmo mundo.

O valor daquilo que nos é facultado em mensagens será influenciado, portanto, pelo facto de o emissor ter sido capaz de nos convencer da sobrevivência da sua personalidade, e constituirá então apenas uma aproximação ao seu próprio conhecimento e experiência.

Ter-se-á reparado pelo leitor, também, que na sessão de 8 de fevereiro de 1927, o W. F. B. explica ainda que apenas uma parte da consciência é capaz de passar para as condições da Terra.

Em *Human Personality*, de Myers, página 334, ele pergunta:

Qual será então a nossa concepção de identidade prolongada para lá do túmulo? Na vida da Terra o próprio corpo, em si mesmo mas um elemento subordinado no nosso pensamento sobre o nosso amigo, sobrepunha-se todavia, como um símbolo de identidade, a todos os lapsos de memória, a todas as alterações do carácter no seu interior.

No entanto, eram a memória e o caráter — as impressões armazenadas sobre as quais ele reagia, e o seu modo específico de reação — que constituíam o nosso verdadeiro amigo. Quanto da memória, quanto do caráter deve ele preservar para o nosso reconhecimento? Pedimos nós que ele ou nós nos devamos lembrar sempre, ou nos devamos lembrar de tudo? Pedimos nós que a sua memória se expanda até à onisciência e o seu caráter se eleve até à divindade? E, sejam quais forem as alturas que possa alcançar, exigimos nós que as revele a nós? Serão as limitações do nosso mundo material nenhuma barreira para ele?

Memória e caráter — torna-se possível discutir se estes escassos extratos de comunicações ao longo de um período longo fornecem alguma evidência da sua persistência, mas primeiro existe um género de prova mais intangível que deveria mencionar-se, embora apenas aqueles que tiveram experiência pessoal de sessões semelhantes a possam apreciar. Numa Sessão com a Sra. Leonard não podemos ver a forma visível e as expressões mutáveis que costumavam vir e ir com interesse na discussão; não podemos ouvir a voz falada, com a exceção das escassas palavras sussurradas e frases em voz direta; não podemos sentir o aperto da mão bem conhecida; mas embora a visão, a audição e o toque se encontrem excluídos, podemos e de facto obtemos um sentido da presença do nosso amigo de uma forma que deve ser experienciada a fim de ser percebida.

Isto soa ao mais esquivo e enganador de todos os modos de reconhecimento, contudo conheci homens de mente cética, anteriormente certos de que a telepatia a partir da mente do participante explica tudo, ficarem absolutamente convictos da presença do seu amigo numa sessão, embora tudo o que fora dito já fosse conhecido do participante; contudo, mensagens verídicas transmitidas através de um participante por procuração que não possuía conhecimento da sua verdade ou valor não transmitiram qualquer convicção à mesma pessoa. Tal convicção, contudo, não

pode ser transmitida a outros; diz respeito apenas ao indivíduo que teve a experiência especial.

Mas, como o Myers sugeriu, existem elementos naquilo que descrevemos como personalidade que podem avaliar-se independentemente, de todo, de manifestações físicas ou psíquicas — os elementos de caráter e de memória.

Genericamente falando, o caráter inclui os interesses do indivíduo em causa, o conhecimento e perícia por ele possuídos, os seus métodos de transmitir ideias a outros, a sua reação a coisas transcendentais, por exemplo, a religião. Ainda mais convincente para alguns, talvez, seria a persistência da memória — a memória de acontecimentos, particularmente de acontecimentos nos quais apenas ele se encontrava envolvido.

É pelo facto de as mensagens aqui brevemente registadas sugerirem a sobrevivência da personalidade de W. F. B. a partir destes pontos de vista que se considerou valer a pena publicá-las.

Pondere-se no seu caso os interesses, conhecimento, perícia, reação ao pensamento transcendental e à filosofia que revelavam o seu caráter.

O seu interesse primordial na vida era a ciência da física. Interesses secundários eram a investigação psíquica e a horticultura e, em anos posteriores, a ciência médica a partir de um ponto de vista externo.

A investigação em qualquer tema significava para ele a exatidão no método combinada com uma mente aberta, pronta a aceitar apenas o que se encontra absolutamente provado, independentemente de ideias preconcebidas. Creio que se admitiria que possuía perícia no uso das palavras — clareza sem redundância; e em partes do texto onde o comunicante parecia ter obtido o controlo quase completo do médium, esta característica será reconhecida.

Ao instruir ou explicar um assunto àqueles com menos conhecimento do mesmo do que ele próprio, costumava transmitir

ideias algo abstrusas através do uso de ilustrações concretas simples. Este método encontra-se em partes do texto, sendo os exemplos extraídos principalmente da física ou da botânica, ambos temas de interesse primordial para ele. Aliado a isto encontra-se o reconhecimento da semelhança da lei ao longo da natureza.

Outro traço constitui o interesse desde o início pelas coisas do espírito e uma ansiedade sempre crescente pelo reconhecimento no mundo de hoje da importância da vida espiritual no homem.

Encontra-se manifesto em muitos locais aquela humildade de alma que era tão característica dele; por exemplo: «O Myers e eu estamos a aprender muitas coisas juntos, e eu com ele». «Nós acreditamos — com o Myers é conhecimento». De novo, o reconhecimento do «privilégio» de encontrar e ver os que se encontram em esferas mais avançadas.

Mas os detalhes mais convincentes de memória e formas de falar são demasiado pessoais para publicação.

Numa ocasião, falou na sessão de um amigo íntimo e disse-lhe os nomes pelos quais eu costumava tratar este amigo, explicando que, embora fosse embaraçoso para ele falar de coisas privadas, o fazia por ser probatório, visto que era desconhecido do participante. Os nomes estavam corretos, embora invulgares.

A resposta dada à minha primeira pergunta na sessão de setembro de 1925 sobre como poderia ele provar que era o próprio W. F. B. a comunicar é muito típica do seu pensamento, a saber, que dependia do calibre da mente que se pretendia convencer — exigindo mentes diferentes tipos de prova —, linhas gerais de interesse no caso de Sir Oliver Lodge, factos triviais que eram identificáveis no caso de outros, interesses egoístas no caso de investigadores de menor calibre.

Muitos reconhecerão o evitar, onde isso se podia alcançar, da possibilidade de explicação por telepatia e o uso de qualquer

oportunidade dada por uma sessão com outro médium para mostrar que a inteligência que dirige a discussão de um assunto não se encontra na personalidade do médium.

A pronta resposta por parte de alguns críticos a esta sugestão seria: «Não, seria mais provável que tivesse origem na mente do participante». Mas essa explicação encontra-se excluída quando uma mensagem é enviada através de um médium que não compreende o seu significado, não se encontrando participantes presentes. (5 de novembro de 1929, Barrett.) Também quando o participante era a minha secretária, sem conhecimento dos incidentes que ele afirmava ter observado, reconheceu o valor deste facto a partir de um ponto de vista probatório.

Mas existe uma prova mais ampla de carácter que apenas pode ser apreciada por quem conheceu o W. F. B. Nunca se viu amarrado e agrilhado por ideias preconcebidas, mas prosseguiu antes a questão mais ampla. Quando a investigação psíquica reclamou o seu interesse — mesmo temas que ao início lhe pareciam demasiado triviais e absurdos para perder tempo com eles, como quando solicitado pela Sociedade para investigar a Radiestesia —, concordou em dar o seu tempo de lazer durante escassos meses, mas nesse curto espaço de tempo verificou que novos factos vinham a lume que exigiam uma mente aberta, estudo e observação adicionais.

Um colega científico encontrou-o certa vez após uma palestra que ele tinha dado sobre telepatia e saudou-o com um: «Uma palestra muito interessante, Barrett, mas é tudo asneira, sabes». Ele respondeu: «Bem, tu és um homem de ciência; quando tiveres dedicado tantas semanas quantas eu dediquei anos à investigação destes assuntos, valorizarei a tua opinião». A resposta rápida e generosa foi: «Tens toda a razão, não tenho direito a uma opinião, mas vou dedicar algum tempo a isso eu próprio». O resultado foi uma convicção semelhante sobre o valor de tal investigação.

O Espiritualismo nunca o reclamou como um Espírita — para ele, o estudo psíquico incluía não primordialmente a questão da sobrevivência, mas aspetos mais amplos da psicologia do homem. Numa época em que a ciência se manifestava em grande parte contra a verdade da religião cristã, ele manteve a sua crença e experiência da realidade da vida espiritual no sentido mais amplo, a qual sustentava não ser antagónica ao conhecimento, mas ser sim aquele todo de que o conhecimento científico faz parte.

Nestas mensagens, de tempos a tempos, realizam-se tentativas para provar a sua sobrevivência e conhecimento da vida na Terra através de muitos incidentes triviais, mas ele continua a colocar a ênfase principal na tese de que mesmo a prova científica da sobrevivência não constitui o fim mais necessário a atingir. Muito mais importante é o homem perceber que o objeto da vida na Terra consiste no desenvolvimento e na evolução das qualidades humanas e no nascimento da vida espiritual no humano, sem o qual a vida que há de vir constituirá uma experiência muito mais dura.

Percebe-se, contudo, que para muitos a ponderação de mensagens que pretendem vir de algum mundo intangível que interpenetra o nosso parece a maior loucura. A tais pessoas apenas posso citar o soneto de Blanco White sobre «Night and Death».

Noite misteriosa! quando o nosso primeiro pai te conheceu
Por relato Divino e ouviu o teu nome, Não tremeu ele por esta
bela estrutura, Esta gloriosa abóbada de luz e azul? Mas através
de uma cortina de orvalho translúcido O Hespério com o exército
dos céus surgiu Banhado nas cores da grande chama poente, E
eis! A Criação alargou-se à visão do homem. Quem poderia ter
adivinhado que tal escuridão jazia oculta Nos teus raios, ó Sol, ou
quem adivinharia, Quando a flor, a folha e o inseto se viam
revelados, Que para tais incontáveis mundos nos tinhas cegado?
Por que haveríamos então de esquivar a morte com ansiosa luta?
Se a Luz pôde assim enganar, por que não a Vida?

Blanco White.

1. Barrett, Sir William, *On the Threshold of the Unseen*, E.P. Dutton & Co., 1918, p. 37.
2. _____ p. 47.
3. _____ p. 48.
4. _____ p. 49.
5. Barrett, Sir William, *Deathbed Visions*, The Aquarian Press, 1986, p. 162.
6. _____ p. 1.
7. Barrett, Lady Florence, *Personality Survives Death*, Longmans, Green and Co., 1937, p. 14.
8. _____ p. 23.
9. _____ p. 104.
10. O conteúdo de uma alocução proferida por Sir William Barrett, F.R.S., à Sociedade Clerical da Diocese de Birmingham, presidida pelo Bispo Hamilton Baynes.
11. Aqui somos lembrados das palavras de Nosso Senhor sobre o efeito inibidor da incredulidade nos Seus poderes milagrosos (Mat. xiii, 58; e xvii, 20).
12. *Proceedings of the S.P.R.*, vol. xxix, p. 247.